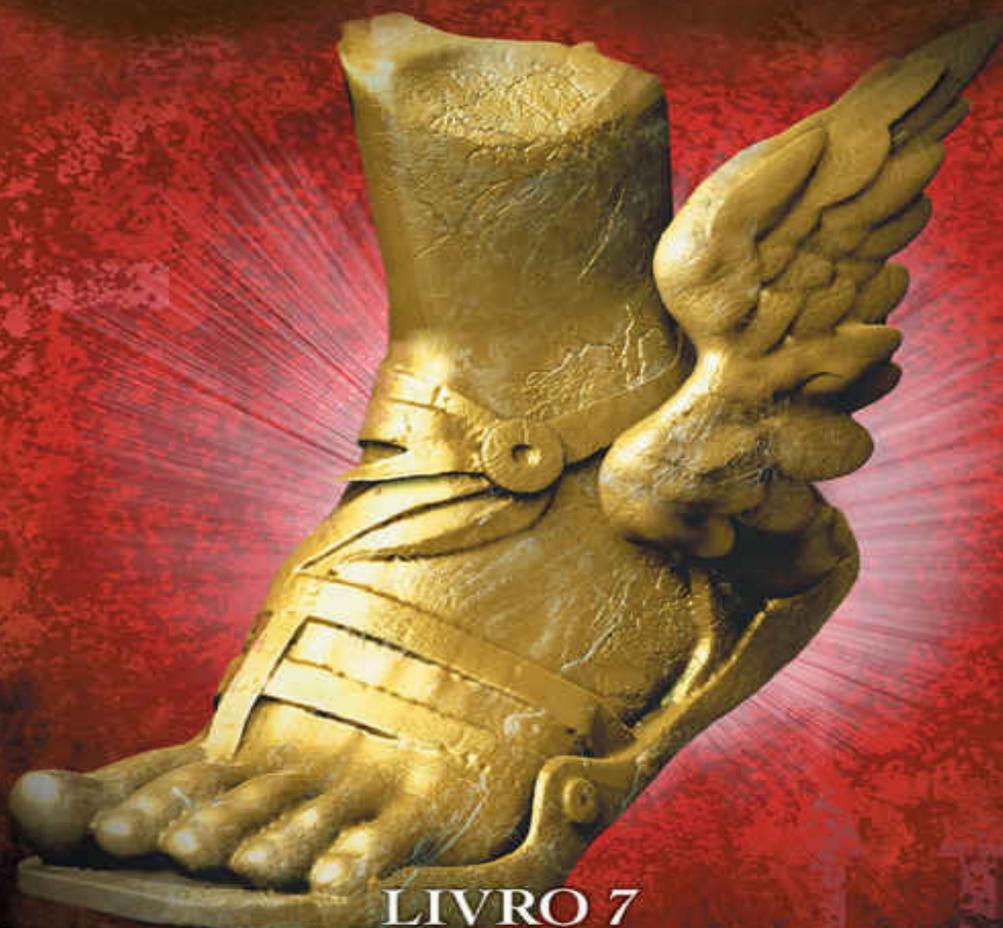


LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

# INFINITY RING™



LIVRO 7

## O IMPÉRIO DE FERRO

JAMES DASHNER

SEGUINTE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



LIVRO 7  
**O IMPÉRIO DE FERRO**  
**JAMES DASHNER**

Tradução  
ALEXANDRE BOIDE

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

*Para toda a equipe da série Infinity Ring.  
Obrigado por fazer esta história ganhar vida.*



## Prólogo

ARISTÓTELES OBSERVAVA AS PEDRAS PRETAS E BRANCAS no tabuleiro quadriculado de *petteia*, imaginando se derrotar Platão três vezes seguidas seria uma boa ideia. O homem podia ser o maior filósofo de todos os tempos, mas ficava um tanto mal-humorado quando perdia uma partida. E um Platão ranzinza nunca era coisa boa.

Esforçando-se para parecer profundamente concentrado, Aristóteles moveu uma pedra preta de modo que seu professor pudesse encurralá-lo algumas jogadas depois.

— Está me deixando ganhar, é? — questionou Platão, com um olhar severo de desaprovação em seu rosto enrugado, meio encoberto pela barba encaracolada. Ele se recostou na cadeira, passando a mão pelos fios abundantes que pendiam de seu queixo. — Talvez seja hora de o professor se tornar aluno e o aluno, professor, para o pupilo ensinar ao mestre o que o mestre deveria ensinar ao pupilo.

Aristóteles encarou o mestre, se esforçando para esconder suas emoções e disfarçar o sorriso que insistia em aparecer por entre os fios da própria barba. Platão falava como um filósofo mesmo quando reclamava de um jogo de tabuleiro. Alguns segundos mais tarde, depois do que pareceu uma longa batalha de olhares, os dois homens caíram em uma gargalhada que deixaria chocado qualquer um presente na estoica Academia de Platão, em Atenas, na Grécia. Depois de vinte anos de convivência, eles eram muito mais do que apenas aluno e professor. Eram grandes amigos.

— Pensei em lhe dar uma chance hoje — falou Aristóteles. — Talvez uma vitória possa poupar um ou dois alunos de ser mandados para a cozinha esfregar as panelas.

— Ah — respondeu Platão —, mas existe um erro em seu raciocínio, meu caro pupilo. Você deveria ter previsto que eu perceberia sua intenção, e que para o meu orgulho ela seria um golpe pior que uma derrota. Portanto, me tornaria um professor ainda mais irascível. É possível descobrir mais sobre uma pessoa durante uma hora de jogo do que em um ano de conversas.

Aristóteles franziu a testa, um tanto chateado.

— Está dizendo que caí no seu conceito, mestre?

— Claro que não. — Platão ficou de pé, alisando a túnica. — Só estou lembrando que é preciso tomar cuidado com suas decisões em um jogo de *petteia*. Grandes guerras já aconteceram por menos. Venha, vamos beber um vinho e assistir ao pôr do sol.

— E quanto ao...? — Aristóteles olhou para o tabuleiro.

— Você arruinou o desafio — rebateu Platão. — E aprendeu uma lição. Agora vamos.

Eles foram até uma varanda no lado oeste da Academia, com uma vista deslumbrante da cidade e do mar mais à frente. O sol poente coloria as nuvens de laranja, e uma brisa salgada atingia o rosto de Aristóteles. Ele fechou os olhos por um momento, apreciando a vida, e em seguida sentou ao lado do professor para observar a chegada da noite.

— Quero ouvir o que você pensa sobre o futuro — Platão declarou enquanto tomava um gole de seu vinho diluído. — Passamos muito tempo nestes salões e jardins falando sobre o passado e analisando o presente. Ultimamente, porém, minha mente anda mais ocupada com o que está por vir. O mundo está vivendo uma explosão de crescimento e conhecimento, mas que caminho estamos seguindo? Será o mais adequado?

Aristóteles deu um longo gole em seu vinho doce. Parecia um tema bastante profundo, até mesmo para seu professor, o mestre desse

tipo de tema. Eles teriam uma longa noite antes de terminar aquela conversa.

— Eu te deixei sem palavras? — provocou Platão.

— Não, professor. Só estou fazendo uma pausa para ordenar os pensamentos e não dizer nenhuma tolice. Um homem educado pondera sobre um pensamento antes de aceitá-lo.

— Sábias palavras — respondeu Platão. — É por isso que você pode dizer o que pensa para mim: nunca vou censurar suas reflexões. Estamos aqui para filosofar, e talvez até alterar o futuro daquilo sobre o que discutimos. Da mesma forma, podemos falar só bobagens e ir para a cama frustrados com o esforço desperdiçado. Como dizia Sócrates, meu professor: “Sou o mais sábio dos homens, pois só sei que nada sei”.

Platão ficou em silêncio, esperando o aluno discorrer sobre seus pensamentos. E foi o que Aristóteles fez ao compartilhar livremente as reflexões que tantas vezes fizera no silêncio de seu quarto.

— Muitas vezes me pergunto se o mundo não seria parte de um tecido, mestre, de uma trama. Metaforicamente, é claro. Afinal, nós mesmos imaginamos as Moiras, que tecem nosso destino. Talvez exista um padrão, e os eventos contidos nessa trama tenham uma sequência predeterminada. Se existe uma linha mestra para a realidade do universo, seria possível que a realidade fosse... quebrada? Que as coisas acontecessem da maneira errada?

Platão se virou na cadeira para encarar o pupilo com brilho nos olhos.

— Por favor, prossiga. Você tem minha atenção.

Aristóteles sabia que o professor estava sendo sincero, e continuou mais empolgado:

— Quando estudo história, um pensamento sempre me vem à mente: e se alguma coisa aconteceu mas não deveria? Ou o contrário: e se o que deveria ter acontecido não ocorreu? Isso é permanente? Ou nós podemos... mudar?

— Mudar a história? — questionou Platão. — Essas poucas palavras significam muita coisa. Acho que você tocou num assunto

que me assusta, meu pupilo. Não de um jeito ruim, mas trata-se de uma questão primordial.

— Nunca existiu uma grande mente sem ao menos um toque de loucura — afirmou Aristóteles. — E acredito que meus pensamentos sobre nosso passado e futuro estão no limiar da insanidade. Por outro lado, pode ser a ideia mais importante que já passou pela minha cabeça.

Platão assentiu devagar, pensativo.

— E qual é o cerne dessa... ideia?

— O progresso — respondeu Aristóteles. — A tecnologia. Em uma escala que vai além de nosso entendimento. E se algum dia nossa espécie avançar o suficiente para manipular o tempo e...

Batidas na porta os interromperam. Platão, cuja barba parecia um tom mais escuro, ordenou com relutância que a pessoa saísse para a varanda. Era um jovem chamado Píton de Bizâncio.

— Desculpe, mestre — ele falou. — Chegou uma mensagem do rei Filipe, vinda a cavalo. Pensei que gostaria de ver.

Platão suspirou.

— O que Sócrates diria em um momento como este?

— Seja gentil com quem está enfrentando uma batalha árdua — Aristóteles respondeu.

— Não precisa ser tão pomposo, meu aluno — falou Platão, mas tinha um leve brilho de divertimento nos olhos, uma raridade nos últimos tempos. — Traga a mensagem, garoto, e depois volte a seus estudos. Amanhã começaremos a Teoria das Formas.

Píton entregou o pergaminho a seu mestre e foi embora apressado, fechando a porta atrás de si. Platão desenrolou a mensagem e a leu com uma expressão impassível. Aristóteles sabia que era melhor não interrompê-lo.

Por fim, Platão, o principal estudioso da Academia que levava seu nome, ergueu os olhos para encarar seu aluno.

— Parece que nossa discussão sobre a loucura e a capacidade de mudar a história vai ter que esperar, meu amigo.

— Ah, é? — Aristóteles torceu para que não fossem más notícias.

Platão levantou e não tirou os olhos do pergaminho enquanto falava:

— Você foi convocado por Filipe para ser tutor de seu filho, Alexandre III, o futuro rei da Macedônia.

Platão encarou o pupilo com uma expressão de orgulho atrás da barba e do olhar sábio.

Aristóteles engoliu em seco, sem saber o que pensar sobre tamanha reviravolta em sua vida.

— Alexandre III? Ele ainda é um menino, está em tempo de aprender. Pode ser uma oportunidade maravilhosa.

— Sim, de fato. — Platão se apoiou na grade e observou o lento desenrolar do pôr do sol. — Dizem que o menino é destinado... à grandeza. Sinceramente, espero que você consiga fazer isso acontecer.

— Sim, professor — respondeu Aristóteles, animado com a possibilidade. — Vou fazer o meu melhor.

## Os olhos do cavalo

— EU NUNCA PEDI NADA ANTES — Dak falou, cruzando os braços e tentando mostrar que não voltaria atrás. — Nós já estamos aqui. Nada de mudar de ideia.

Olhou para sua melhor amiga, Sera Froste, e para aquele que pouco a pouco se tornava seu segundo melhor amigo, Riq Jones. Eles estavam em um beco sujo atrás do Teatro Ford, em Washington. Era 15 de abril de 1865, poucas horas antes do momento que Dak passara a considerar o mais sinistro da história — afinal, seu grande herói estava prestes a levar um tiro na cabeça.

Ele tinha lido sobre isso em um livro de história que conseguira em 1945. Dak conhecia Abraham Lincoln como o congressista e advogado que, por defender o fim da escravidão, foi silenciado pela SQ. Mas, quando os viajantes do tempo corrigiram uma Fratura em 1850, indiretamente contribuíram para que o homem realizasse grandes feitos. Dak leu tudo a seu respeito.

E não conseguia se conformar com o que aconteceria a seguir.

— Você não aprendeu nada desde que começamos a missão? — questionou Riq. O garoto mais velho não estava apenas querendo contrariá-lo. Até Dak era obrigado a admitir que a preocupação de Riq era bem válida. Mas aquele era Abraham Lincoln. O *presidente* Abraham Lincoln. Eles estavam diante de uma oportunidade única.

Sera assentia desde o momento em que Riq abria a boca.

— Ele está certo, Dak. Gosto muito de você e sei o quanto considera isso importante, por isso topei vir. Mas agora... não

podemos fazer isso. Sem chance. Me desculpa.

— Sim. Podemos, sim. — Dak se esforçava para manter o controle. Estava convicto. Ele queria salvar o presidente Lincoln, e não voltaria atrás.

— E arriscar tudo o que fizemos? — Sera rebateu. — Acabar com o equilíbrio de tudo? Criar uma nova Grande Fratura?

Dak sentiu o peito arder.

— Impedir o assassinato do nosso maior presidente não vai criar uma Fratura! Só vai ajudar o mundo a melhorar!

— A questão não é se os acontecimentos foram bons ou ruins, e você sabe disso — Riq falou. — O que interessa é o padrão e suas quebras. São elas que desestabilizam a realidade. Os Guardiões da História não disseram que a morte de Lincoln era uma Fratura, então impedir o assassinato dele pode *criar* uma.

— E isso pode ter um efeito dominó — acrescentou Sera.

Dak suspirou. Eles haviam acabado de salvar o Louvre, na França, da sabotagem de Maria Antonieta. Abraham Lincoln deveria ter no mínimo a mesma importância de um museu velho.

— Então são dois contra um? — ele perguntou timidamente, perdendo o ar de desafio. Dak ouviu o som de cascos de cavalo pisoteando a rua, e imaginou que a carruagem do presidente chegaria em instantes.

— São dois contra um — confirmou Sera. — Ainda bem que estamos em número ímpar para não empatar as decisões, certo?

— Certo — Dak consentiu. Mas em seguida se virou e correu pelo beco em direção ao som dos cavalos. Deixando a democracia de lado, ele estava decidido a falar com Lincoln, nem que fosse a última coisa que faria.

Sera gritou seu nome, e ele ouviu os passos dos amigos logo atrás. Dak sabia que não conseguiria escapar correndo, então decidiu se arriscar. Ele entrou na rua principal, por onde circulavam dezenas de pessoas, cavalos, carroças e carruagens. Gritos e xingamentos explodiam em seus ouvidos enquanto ele abria caminho aos

empurrões, quase sendo atropelado por um cavalo preto cujos olhos pareciam dizer: “Ei, seu idiota, pare de se intrometer na história”.

Dak desviou do cavalo e de seu cavaleiro e continuou correndo pela calçada, passando por lojas, curtumes e uma agência de correios. Viu uma brecha na multidão e atravessou a rua na direção do Teatro Ford, onde o terrível crime seria cometido dali a algumas horas. Ele chegou até a porta, torcendo para que estivesse aberta, sem se preocupar com quem pudesse encontrar lá dentro. Ninguém era melhor em um jogo de esconde-esconde do que Dak “Fantasma” Smyth.

A porta se abriu facilmente.

Um minuto depois, Dak estava agachado atrás de uma cortina no fundo do teatro, com a respiração acelerada como a de um animal faminto.



Depois de uma hora procurando, Sera desistiu.

— Que imbecil — Riq reclamou, com as costas apoiadas contra a parede de madeira de uma tonelaria. — Nada me irrita mais do que quando ele começa a agir como um bocó.

— Ninguém mais fala assim — respondeu Sera, distraída.

— Em 1865? Na verdade, as pessoas ainda nem começaram a usar essa palavra. Não até 1889. — Riq sorriu. — Mas eu gosto dela. A gente devia dizer “bocó” com mais frequência. Principalmente para se referir ao Dak.

Sera suspirou, sentindo os olhos encherem de lágrimas. *Qual é, Dak, pensou. Por favor, não estraga tudo.*

Uma bela carruagem com dois cavalos abria caminho pela rua, e as pessoas começaram a apontar e cochichar entre si. Sera entendeu de quem se tratava antes mesmo de os cavalos pararem em frente ao Teatro Ford.

Apesar de tudo, ela olhou admirada quando o homem de quem Dak falava com tanta reverência desceu da carruagem todo elegante

com sua barba e cartola, apesar da magreza. Abraham Lincoln havia chegado.

## Uma conversa com Abe

QUANDO DAK SE CERTIFICOU DE QUE HAVIA DESPISTADO Riq e Sera, andou escondido pela plateia, atravessou uma porta, subiu um lance de escadas e se dirigiu até o camarote onde sabia que o presidente Lincoln e sua esposa sentariam. Eles deveriam chegar a qualquer momento.

Antes de vê-lo, Dak ouviu sua voz.

Ele achava que o maior governante que o mundo conhecera devia ter uma voz grave, profunda e retumbante, que poderia ser ouvida de uma ponta a outra do país sempre que o homem quisesse se pronunciar. Mas não era o caso. A voz de Lincoln era aguda e um tanto desagradável. Para Dak, isso o tornava ainda mais simpático.

— Nossos assentos são aqui em cima, Mary — disse o presidente. — O pessoal do Ford foi muito gentil em providenciá-los. É uma ótima forma de celebrar a rendição dos Confederados, não acha?

— Ora, sim, querido. Foi muita gentileza deles.

Dak mal conseguia se conter. Naquele momento, não havia nada que desejasse mais do que dar um grande abraço na primeira-dama Mary Todd Lincoln.

Quando o casal chegou à pequena cabine, Dak tomou coragem e saiu das sombras. Quando fez isso, Mary soltou um gritinho e agarrou o marido pelo braço. Já o sr. Lincoln segurou a mulher com quase a mesma força, e soltou um guincho que parecia o de um camundongo sendo pisoteado. Ele não poderia culpá-los pela reação ao ver um nerd com roupas estranhas aparecer do nada.

Dak ergueu as mãos.

— Olá. Não se preocupem, não estou aqui para matar vocês nem nada assim. Eu sou do futuro. Mary, você está muito elegante hoje.

Ele soltou uma risadinha, e seu rosto ficou vermelho como brasa quando Dak se deu conta de que havia dito as frases mais idiotas já pronunciadas por um ser humano.

O presidente, no entanto, já tinha retomado a compostura e exibia uma expressão tranquila no rosto.

— Filho, posso lhe ajudar em alguma coisa? Eu e minha esposa viemos para assistir ao espetáculo.

— Pois é, sobre isso... — começou Dak, pensando em uma maneira de dar seu recado. Ele havia ensaiado mentalmente sua fala várias vezes, mas no último momento esqueceu tudo. — Então, só preciso de um minuto. Sei que parece loucura, mas sou mesmo do futuro. E tenho uma informação que você precisa saber. Tem um homem chamado John Wilkes...

— Pare.

Abraham Lincoln disse só uma palavra, mas com tanta autoridade que Dak não desobedeceria nem por um milhão de dólares. Em seguida, o presidente se abaixou diante do menino — um grande feito, considerando o tamanho de seus braços e pernas — para que os dois pudessem conversar de igual para igual. Lincoln estendeu as mãos e segurou os ombros de Dak.

— Escute, filho, dá para perceber que você é uma boa pessoa e que seus pais têm motivos para se orgulhar. Se está me dizendo que vem do futuro, eu acredito. Porém, se isso é verdade, existe uma lição a aprender aqui. Uma lição sobre o destino. Meu caminho já está definido, assim como o seu. Só cabe a nós percorrê-lo.

— Mas... — começou Dak e ficou quieto de novo ao ver o olhar de Lincoln.

O presidente sorriu.

— Qual é o seu nome?

— Dak.

— Dak? Que incomum. Mas eu gostei. — Lincoln levantou, elevando-se como se tivesse vários metros de altura. Depois, encarando o menino, completou: — Agora vá percorrer seu caminho, Dak. Faça coisas boas. Faça do mundo um lugar melhor.

Dak assentiu, e nesse momento teve certeza de que Sera e Riq estavam certos. Ele suspirou, sentindo-se reconfortado de certa forma. Mais uma vez, Abraham Lincoln fora o herói do dia.

— Adeus, Dak — falou o presidente.

— Tchau — foi tudo o que Dak conseguiu dizer, sentindo um nó na garganta.

Ele se afastou de seu herói com o coração disparado, enquanto aquelas seis palavras ressoavam em sua mente. Seis palavras das quais jamais se esqueceria.

*Faça do mundo um lugar melhor.*

## O chão da floresta

O SOL JÁ HAVIA SE POSTO QUANDO DAK SAIU DO TEATRO, com os ombros curvados e uma vermelhidão suspeita nos olhos. Sera sentiu vontade de gritar com ele, sacudi-lo e dar-lhe um sermão noite adentro. Mas em vez disso o abraçou com força.

— O que aconteceu?

— Você estava certa — ele respondeu. — Vocês dois estavam. Precisamos sair daqui antes que o presidente seja baleado.

Sera o soltou, surpresa.

— Você não contou?

— Destino — ele se limitou a responder.

Sera olhou para Riq, que deu de ombros. Pelo menos ele não tripudiou nem deu uma de espertinho. Os três haviam passado por uma longa jornada juntos, e estavam deixando de lado suas criancices. A maior parte delas, pelo menos.

— Vamos embora — Riq falou. — Daqui a uma hora as coisas vão ficar bem feias. E vocês sabem o que temos pela frente.

Sera pegou a bolsa que guardava a estrutura rígida e fria do Anel do Infinito. Preparado para levá-los a seu destino final, onde as coisas seriam resolvidas de uma vez por todas.

— A Fratura Fundamental — murmurou Dak, como se aquelas palavras fossem sagradas.

Os três entraram em um beco e foram para a segurança da escuridão.



Viajar pelo tempo em buracos de minhoca era uma experiência da qual Sera até poderia sentir saudade algum dia, mas ao mesmo tempo desejava nunca mais ter que passar por isso. De certa forma, ela adorava aquilo. Pensando cientificamente, era muito revolucionário, espetacular e assustador. Mas também detestava a sensação. Toda vez que seu corpo era arrebatado pela violência de um distúrbio quântico, era como se uma parte dela ficasse para trás. O tempo a devorava como fazia com os anos que passavam.

A Washington do século XIX se desfez diante de seus olhos, substituída por sons, faíscas, fochos de luz e dor insistente. Como sempre, quando Sera pensou que não conseguiria mais suportar, eles foram expelidos do buraco de minhoca e jogados sobre o chão coberto de folhas macias de uma floresta próxima a Corinto, na Grécia. Sera rolou e bateu a cabeça no tronco de uma árvore, um fim perfeito para a viagem.

Dak devia ter visto, pois foi até ela em um instante.

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela o encarou.

— Estou. Obrigada por perguntar. — Foi um agradecimento sincero. Talvez o encontro de Dak com Abraham Lincoln tivesse valido a pena, afinal. De repente ele parecia mais... agradável. Mais sábio.

Riq estava sentado ali perto, abraçando os joelhos.

— Quando vocês voltarem para o futuro com tudo resolvido e o Cataclismo for só uma boa Reminiscência, acho que vão acabar se casando.

Dak e Sera se encararam, arregalando os olhos por uma fração de segundo antes de cair na gargalhada.

— Não era exatamente a reação que eu esperava — comentou o garoto mais velho.

Sera conseguiu se controlar, mas só até encarar Dak de novo. Depois de mais uma sessão de risada, eles finalmente pararam.

Riq sacudiu a cabeça.

— Essas risadas foram muito desproporcionais à graça da situação. Vocês são muito esquisitos.

Dak ficou de pé e ajudou a amiga a fazer o mesmo, como um cavalheiro faria com sua dama.

— Riq, você tem muito que aprender sobre a vida — Dak falou.

— Pois é — acrescentou Sera.

A perplexidade no rosto de Riq de certa forma o tornou mais simpático. Ele levantou para se juntar aos dois enquanto Sera guardava o Anel do Infinito.

— E aí, qual é nossa missão? — Dak perguntou, voltando ao assunto mais importante.

De repente, Sera não queria mais sorrir, ou acreditar que poucos momentos antes estava rindo como se tivesse seis anos.

— A Fratura Fundamental — respondeu Riq. — Simples assim. Precisamos impedir o assassinato de Alexandre III. Pena que não pudemos fazer o mesmo por Abraham Lincoln.

Dak o fuzilou com os olhos, pensando que era uma ironia, mas sua expressão logo se amenizou. Riq estava demonstrando um respeito sincero pelo herói do mais novo.

— É uma missão esquisita, sabe? — Sera comentou.

— Como assim? — questionou Dak.

— Estamos em 336 a.C., na Grécia. E temos uma tarefa. Mas agora tudo mudou. Aqui não existem Guardiões da História. Nem a SQ. Nem Guardiões do Tempo. Aristóteles ainda nem conhece a sociedade que *e/le* criou. Ou melhor, vai criar. É uma coisa estranha de se pensar.

Os olhos de Dak se iluminaram como se uma luz tivesse acendido em seu cérebro.

— Se corrigirmos todas as Fraturas, Aristóteles nem vai precisar *criar* os Guardiões da História, certo? Sendo assim, como as nossas versões do futuro vão saber que precisam voltar para...

Ele parou, e Sera sabia por quê.

— Não adianta pensar nisso — ela disse. — É como aquele paradoxo sobre o que aconteceria se você voltasse no tempo e

causasse a morte de um antepassado. A coisa não funciona assim. Linhas temporais, a corrente do tempo, pedras no meio da correnteza, essas coisas todas. Vamos nos concentrar na missão. E confiar nos Guardiões da História.

— Vamos começar pelo começo — Riq propôs. — Dak, você é o nerd de história aqui. — Ele disse essas palavras como um elogio. — Conta aí o que aconteceu com Alexandre pra gente pensar em um plano.

Dak parecia uma criança diante de um brinquedo novo.

— Bom, Riq, eu estou meio enferrujado nesse assunto, mas...

— Ah, qual é — interferiu Sera. — Você sabe tudo em detalhes. Desembucha.

— Seu desejo é uma ordem, milady. — Dak se endireitou e encarou o vazio, como se recordasse alguma coisa. — Um homem chamado Atalas estava por trás do assassinato do rei Filipe e de Alexandre. Ele queria que seu neto, Karanos, fosse o rei da Macedônia, e Alexandre estava em seu caminho. O homem que executou o crime foi um sujeito chamado Pausânias, um nobre que tinha se tornado um dos principais guarda-costas do rei Filipe. Ele envenenou Filipe e Alexandre enquanto acampavam com o exército, prontos para marchar sobre a Ásia Menor. Filipe pretendia conquistar todo o Império Persa.

Sera não entendeu muito do discurso. Ela só ouviu um monte de nomes no tom professoral de Dak. Mesmo depois de tudo que vivera, ela simplesmente não era boa em história.

— Deve ser bem simples — continuou Dak. — Se eu bem me lembro — Sera quase soltou um grunhido ao ouvir aquilo. *Claro* que ele se lembrava —, naquele dia, Alexandre fez uma visita surpresa ao pai. Alex morava com a mãe nessa época. Ela meio que estava exilada, mas isso é outra história. Enfim, só precisamos evitar que nosso amigo Alex faça essa viagem. Assim ele não vai ser morto. Essa vai ser a Fratura mais fácil de todas!

— Não fala isso, seu tonto — Riq repreendeu. — Vai dar azar.

Sera suspirou, ciente de que a probabilidade de a missão ser fácil era a mesma de Dak parar de comer queijo.

— Então, quando o assassinato vai acontecer?

— Daqui a três semanas, perto da fronteira norte da Grécia — respondeu Dak. — Só algumas centenas de quilômetros.

— Espera aí — Sera disse. — Então por que chegamos aqui tão cedo e tão longe da cena do crime? Por que os Guardiões da História nos mandaram para Corinto?

Dak abriu um de seus habituais sorrisos.

— Acho que sei exatamente por quê: não podemos cumprir a missão antes de falar com a grande figura dessa época. — Ele fez uma pausa dramática antes de concluir, como se isso fosse necessário: — Vamos procurar Aristóteles.

## Um desafio e tanto

— SABEM DE UMA COISA? — Sera falou. — Nunca imaginei que algum dia fosse ouvir a frase “Vamos procurar Aristóteles”.

Dak estava visivelmente eufórico. Desde que descobrira que Aristóteles era o fundador dos Guardiões da História, estava ansioso para dizer exatamente aquelas palavras:

— Ora, hoje é nosso dia de sorte, não? — ele falou antes de tirar o SQuare de dentro da calça. Dak adorava guardá-lo ali, porque Sera sempre fazia uma cara de nojo ao tocar no dispositivo depois disso. — Agora vamos ver se nossa amiga Arin deixou alguma coisa aqui. De repente tem até a hora e o local exato para encontrarmos o cara.

— “O cara”? — repetiu Sera. — É assim que você chama um dos maiores filósofos de todos os tempos? De “o cara”?

Dak já estava mexendo no SQuare e mal escutou o que a amiga disse. Depois de fazer o login, surgiram na tela um bloco de texto e um complicado pictograma da Arte da Memória. *Claro*, pensou Dak. De todas as pessoas com quem tiveram que lidar, o mais provável a deixar uma dica tão complexa era Aristóteles. Afinal, ele foi a fonte primordial daquele sistema mnemônico de transmissão de conhecimento.

Dak mostrou a tela para os amigos.

— Puxa — falou Riq. — Esse parece um desafio e tanto.

— Exatamente — respondeu Dak. — E é por isso que vou ser o primeiro a decifrar.

Sera arrancou o SQuare das mãos dele.

— Seus tontos. Que tal descobrirmos juntos?

Ela sentou no chão da floresta e colocou o dispositivo no colo para que todos pudessem ver.

Dak se inclinou sobre seu ombro e olhou para a tela.

— Posso ler o poema em voz alta?

— Vai em frente.

Uma história contada ao mundo inteiro,  
mas que não narra o fato verdadeiro.  
Para esconder a verdade, despistar  
aqueles que as Fraturas querem causar.  
O assassinato é uma violência terrível,  
um fim indigno para qualquer ser vivo.  
Quem se esconde atrás de tal atrocidade  
é alguém rancoroso, entregue à maldade.  
Decifrem esta pista que forneço;  
escavem fundo, seja qual for o preço.  
Encontrem quem cometeu a traição,  
quem desfiou a trama, desfez o padrão.

Depois de ler em voz alta, Dak observou o texto mais uma vez, procurando alguma coisa que saltasse aos olhos. Mas na verdade o poema parecia apenas uma introdução para o pictograma que vinha em seguida. Era isso que eles precisavam decifrar.

— Uma história que não narra o fato verdadeiro? Então não foi o... como é mesmo o nome dele? — Sera perguntou, encarando Dak por cima do ombro.

— Atalas — respondeu Dak. — Pelo jeito outra pessoa está por trás dos crimes.

Riq estava ajoelhado ao lado de Sera, observando atentamente o SQuare.

— Talvez a resposta pareça bem óbvia quando conseguirmos decifrar o pictograma.

— Parece bem difícil — Dak comentou, mais para si mesmo que para os outros.

Riq assentiu.

— Como eu disse, um desafio e tanto.



Depois de vários minutos estudando o pictograma, Sera enfim desligou o SQuare.

— Meus olhos estão até doendo. Vamos fazer uma pausa para tentar absorver tudo.

— Conheço essas imagens — Dak falou. — São Hércules e Perseu. Personagens da mitologia, não da história. Eles não podem ter matado ninguém. O que isso significa então?

— Tive uma ideia — disse Riq. — Foi Aristóteles que escreveu a pista, certo? E Dak acha que a primeira coisa que precisamos fazer é encontrar o velho. Então por que tentar desvendar? Vamos direto à fonte!

O primeiro instinto de Dak foi aproveitar a oportunidade para mostrar o quanto Riq era burro. Mas não teve coragem. Afinal, tinha pensado na mesma coisa por uma fração de segundo.

— Ele não vai saber muito mais que nós — Dak respondeu. — Aristóteles só vai descobrir sobre os assassinatos depois que eles acontecerem, e nós estamos aqui justamente para impedir isso.

Riq deu de ombros.

— É, mas... Depois que explicarmos quem somos, por que estamos aqui e tudo mais, podemos falar sobre o que ele criou. Pode parecer loucura, mas acho que ele tem mais chance de decifrar a própria pista do que nós.

— Mas imagina como ele vai ficar impressionado se resolvermos primeiro — respondeu Dak, erguendo um dedo.

— Acho que o dispositivo de viagem no tempo já vai impressionar o suficiente — rebateu Riq. — Mas fica à vontade para dar a resposta quando quiser. De repente os deuses gregos estão do nosso lado. Pode começar a rezar.

Sera levantou e limpou as folhas e a terra da calça. Ela entregou o Square para Dak, que o guardou de volta em seu bolso secreto. Ele sabia que seu olhar devia estar um pouco vago naquele momento, pois os mecanismos de sua mente funcionavam a pleno vapor.

— Dak? — Sera falou. — Tudo bem aí? Parece que você está passando mal.

— Não — ele respondeu, distraído. — Quer dizer, sim, estou bem.

Dak sacudiu a cabeça, como se assim pudesse ordenar os pensamentos. Alguma coisa que Riq dissera que tinha desencadeado uma linha de raciocínio aterradora.

— Dak? — Sera chamou de novo. — O que está acontecendo? Sério, responde.

Dak encarou a amiga, Riq, e Sera de novo.

— Eu sei quem foi — ele anunciou. — Descubri o que a pista revela... quem está por trás dos assassinatos.

— Essa foi rápida, hein? — Riq exclamou.

Sera ergueu as sobrancelhas, esperando pela resposta.

Dak sentiu seu estômago revirar quando disse:

— Foi a mãe dele. A mãe de Alexandre III tramou a morte dos dois.

## Filho de um deus

SERA ENCAROU SEU MELHOR AMIGO sem acreditar no que ouvia. Uma brisa leve soprou pela floresta, trazendo o cheiro de oliveiras e pinheiros. O dia estava ficando mais claro e um pouco mais quente.

— O quê...? De onde...? Como você chegou a essa conclusão? — ela perguntou para Dak. — Além disso, que tipo de mãe encomenda o assassinato do próprio filho?

O olhar de Dak lembrava uma barragem prestes a estourar, tentando segurar muita coisa.

— Pouca gente conhece a história da mãe de Alexandre, Olímpia. Depois de alguns anos com o rei Filipe, os dois... seguiram caminhos diferentes. O que é uma maneira sutil de dizer que ele se apaixonou por Cleópatra e deu um pé em Olímpia. Ele a exilou. Ela e o filho foram viver na zona rural.

— Ei, ei, ei — Riq falou, massageando as têmporas. — Conforme você faz questão de nos lembrar umas cinquenta vezes por dia, não sou um gênio da história como você, mas sei muito bem que Filipe não foi casado com Cleópatra, a mulher mais famosa da história do Egito.

Dak suspirou.

— Não é *essa* Cleópatra. Essa só vai nascer daqui a alguns séculos. Estou falando de uma grega. Cleópatra Eurídice.

Riq assentiu.

— Ah, tá. Mas então, está vendo? Eu até que entendo um pouco de história!

— Meus parabéns — murmurou Dak, antes de voltar sua atenção para Sera, como se ela fosse a única pessoa inteligente o bastante para compreendê-lo. — Enfim, o nome dela é Olímpia. Esse nome lembra o quê?

— Deuses gregos e coisas do tipo — respondeu Sera.

— Exato. Ela só teve um filho, e foi com um rei, o que significava muito para ela. Então adivinha como ela o chamava? O apelido que inventou para ele...

Sera se lembrou da imagem da Arte da Memória deixada por Aristóteles, e então percebeu. Ela sabia o que Hércules e Perseu tinham em comum: o pai.

— Você só pode estar de brincadeira.

Dak sorriu.

— Ah, estou falando sério, sim. Ela o chamava de Filho de Zeus.

— Espera aí — interrompeu Riq. — Ela chamava o filho de Zeus?

— Não, ela o chamava de *Filho de Zeus*. Tipo: “Ei, Filho de Zeus, está na hora de pôr o pijama!”, ou “Ei, Filho de Zeus, hoje é seu dia de lavar a louça!”, “Ei, Filho de Zeus, dá pra fazer menos barulho? Estou tentando dormir!”.

Riq balançou a cabeça.

— Isso é que é mimar uma criança. Aposto que os amiguinhos dele tiravam sarro quando ouviam esse apelido.

Sera estava encostada em uma árvore, mas se endireitou e ergueu as mãos como se ainda não estivesse convencida.

— Se ela tratava o filho como um herói mitológico, fica ainda mais difícil acreditar que tramou o assassinato dele. Ou não? Você tem certeza do que está falando?

— Não sei, não — falou Riq. — Pode ser que tenha a ver com a mitologia grega. Esses deuses são todos da mesma família e vivem tentando matar uns aos outros.

— Só precisamos encontrar Aristóteles — falou Dak, apontando para uma determinada direção como se soubesse exatamente para onde deviam ir. — Ele está na Liga de Corinto, então com certeza vamos encontrá-lo se investigarmos um pouco. Tenho um busto de

gesso com o rosto dele, que ganhei na formatura da pré-escola, então não vai ser difícil reconhecer o cara.

Sera tentou segurar o riso, mas não conseguiu. Emitiu um som parecido com um arrotado misturado com uma tosse.

— Que foi? — perguntou Dak, ofendido. — Ficou ótima ao lado da réplica do Davi de Michelangelo que ganhei de presente na formatura do maternal. Dã.

Depois de ouvir isso, Sera seguiu na direção apontada por seu amigo. Não importava se estava indo para o lado certo.



Eles saíram da floresta e começaram a caminhar pelos terrenos elevados ao redor da cidade de Corinto. Dak inspirava o ar salgado, apreciando a brisa quente. Ele sentiu uma pontada de orgulho ao ver as grandes construções em estilo clássico, sabendo que ali surgiu uma das primeiras grandes democracias. A célebre Liga de Corinto reunia representantes de todas as cidades-Estado do Império Macedônio, com exceção de Esparta, que seguia uma programação própria.

Aristóteles foi um dos fundadores da Liga, que cessou a disputa interna na Grécia e ajudou a criar uma força militar poderosa o bastante para enfrentar o Império Persa. Quer dizer, isso até seus dois principais líderes serem mortos por um homem chamado Pausânias.

— Hã, Dak? — chamou Riq, cutucando seu ombro. — Acho que você está meio distraído, hein.

Dak percebeu que seus olhos fitavam um afresco de famosos deuses gregos que adornava a parede de uma das construções mais imponentes. Estava encarando o próprio Zeus. Filho de Zeus... Seria mesmo Olímpia quem estaria por trás dos assassinatos? Parecia loucura. Era quase impossível pôr em ordem os milhares de pensamentos que rondavam sua cabeça.

— Terra para Dak. Acorda, Dak — Sera chamou, entrando na frente dele.

Ele despertou do transe.

— Foi mal. É que às vezes fico impressionado, sabe. Por ser testemunha da história. — Esse pensamento lhe deu uma pontinha de tristeza. — E ainda não consegui digerir a ideia de que estamos mudando tudo. Fico pensando que vou precisar passar a vida toda estudando uma nova versão de um livro que já conhecia. Eu vou... vou sentir falta da versão antiga. Isso faz sentido? Ou, como diria Riq, pareço um bocó?

— "Bocó"? Sem comentários — falou Sera, sorrindo. — Faz todo o sentido, pode acreditar. Cada um de nós tem uma visão diferente dos assuntos dos Guardiões da História, mas é isso que nos une. Somos todos esquisitos.

— E essa foi a coisa mais legal que já disseram — acrescentou Riq. — Vamos lá, abraço coletivo!

Dak sabia que era estranho. Constrangedor. Talvez o ato mais idiota que já tinham feito. Mas ele, Sera e Riq se abraçaram e apertaram com força, até perder o ar dos pulmões. Um abraço coletivo histórico, bem no alto da cidade de Corinto.

E foi bom.

## O hegemom

O ABRAÇO AJUDOU SERA A SE SENTIR MELHOR.

Enquanto desciam a encosta arenosa, segurando-se na vegetação rasteira, ela pensava como estavam próximos de encerrar a missão. Não precisariam fazer algo tão grandioso ou notável como impedir um motim ou pôr fim a uma guerra. Desta vez só precisariam alertar o rei Filipe ou Alexandre III, garantir que tomassem cuidado. Só teriam que impedir um assassinato.

Seu instinto lhe dizia que não devia ser tão fácil, mas ela manteve as esperanças.

Terminaram de descer o morro e foram rapidamente para a periferia da cidade, procurando varal com roupas para secar. Era um truque ao qual já estavam acostumados: o bom e velho furto.

— Ainda bem que a secadora elétrica só foi inventada em 1938 — Dak murmurou ao vestir uma peça que parecia uma mistura entre um robe e uma toga. Ele deu uma risadinha, o que, para quem o conhecia, era um sinal de alerta para mais informações. — O inventor foi J. Ross Moore, abençoado seja. Era da Dakota do Norte, e é claro que estava de saco cheio de pendurar suas cuecas em uma corda. O protótipo que ele...

— Dak. — Sera o encarou, fazendo um gesto para lembrar onde estavam: na casa de alguém, furtando seus pertences, correndo o risco de ser flagrados a qualquer momento. — Não é a melhor hora pra isso.

Ele concordou, mas sem esconder a decepção.

— Me lembra de contar tudo mais tarde, então.

— Ah, pode deixar — Riq respondeu. — Com certeza. O quanto antes.

— Está vendo alguma sandália por aí? — perguntou Dak, preferindo ignorar o sarcasmo do garoto mais velho. — Andar de tênis em 336 a.C. não vai pegar muito bem.

— Vamos continuar usando o que temos até encontrar alguma coisa melhor — sugeriu Sera. — Essas roupas... — ela fez um gesto apontando o tecido solto e folgado da túnica que havia vestido — vão cobrir quase tudo mesmo. Cara, essas coisas até arrastam no chão. Eu detestaria lavar roupa nesta época. Com ou sem secadora.

Riq bufou.

— Vamos sair daqui antes que apareça algum guerreiro ninja grego desvairado e arranque nossa cabeça com uma cimitarra.

Dak sacudiu a cabeça.

— Vou fingir que não ouvi isso. Deve ter sido a frase mais historicamente incorreta da história. Vamos lá, eu mostro o caminho.

— Você sabe pra onde ir? — perguntou Sera.

— Vi uma estátua do *hegemon* lá de cima — Dak respondeu, se afastando da área de habitações mais humildes. — Deve ser um bom lugar para começar.



— Que conversa é essa de *hegemon*? — Sera perguntou quando chegaram à rua principal de Corinto. Era um verdadeiro amontoado de barracas, lojas e pessoas por toda a parte. Para Riq, lembrava um pouco Bagdá, exceto pela arquitetura, que tinha muitas colunas de pedra e afrescos. — É algum tipo de monstro mitológico? Com vários braços?

Dak parou e a encarou.

— Vários braços? Do que você está falando? *Hegemon* quer dizer “rei”. Que no momento é Filipe. Ele é o *hegemon* da Liga de Corinto. Todas as cidades-Estado da Grécia e da Macedônia mandam

representantes pra cá. Sabe como é, pra resolver as questões políticas. Na prática é como uma república, e assim eles não ficam entrando em guerra uns com os outros o tempo todo.

— A maioria das repúblicas não tem um rei — Riq retrucou. — Ou um *hegemon*.

Dak deu de ombros.

— Bom, já é um começo, depois de anos de guerra civil. Vou poupar vocês dos detalhes. — Ele fez uma pausa. — A não ser que queiram ouvir.

Riq precisou se esforçar para não mostrar que estava apavorado com a possibilidade.

— Hã, acho que você já sabe a resposta. Mais tarde, quem sabe.

— Tá bom. Se vocês tiverem sorte. Tem umas histórias fascinantes.

— Aposto que sim.

Riq sorriu quando Dak se virou para a frente de novo e começou a conduzi-los por entre a multidão de Corinto. Aquele garoto era esquisito, mas foi ganhando seu afeto com o tempo, ainda que contra a sua vontade. Era até divertido quando os dois brigavam. Ele olhou para Sera, que respondeu com uma piscadinha de cumplicidade.

Eles passaram pela parte mais movimentada da rua e foram para uma praça cheia de fontes e pombos. O lugar era um pouco mais tranquilo — gente passeando, namorados cochichando, amigos almoçando juntos em bancos de pedra. Numa das extremidades da praça havia uma enorme estátua de um homem com uma coroa de louros montado em um cavalo de batalha, segurando uma lança. Atrás da estátua via-se uma construção grandiosa com pilares redondos, a mais alta que Riq tinha visto por ali.

— O *hegemon* — falou Dak, com reverência. — E a Liga de Corinto. Isso é demais. Se me dissessem, quando eu tinha sete anos, que um dia eu estaria aqui...

Riq sacudiu a cabeça e Sera revirou os olhos.

— E existe alguma razão para vocês estarem aqui?

Riq se virou, assustado por ouvir alguém falar inglês. Havia uma pessoa logo atrás deles — não dava para ver se era homem ou mulher, porque o capuz escondia seu rosto, e a voz saía abafada.

— Espera aí — exclamou Dak, cutucando o braço do amigo. — O dispositivo de tradução já começou a funcionar?

— Não — respondeu Riq, alarmado. — Isso foi inglês mesmo, uma língua que ninguém nesta época saberia falar.

— Quem é você? — perguntou Sera, tentando soar ameaçadora, sem muito sucesso.

A pessoa não respondeu, apenas continuou a encará-los pela abertura capuz.

— *Quem é você?* — insistiu Sera, desta vez soando durona.

Mesmo assim, não houve resposta. Então, depois de alguns segundos, o estranho tirou o capuz, revelando uma cabeça calva. Riq prendeu a respiração. O rosto do homem era coberto de cicatrizes e um de seus olhos estava bem vermelho, como se todos os vasos sanguíneos tivessem estourado e nunca mais se curado. O sujeito parecia com um pé na cova.

— Eu diria que sou um Guardião do Tempo — respondeu o estranho —, mas vocês saberiam que não é verdade. Isso ainda não existe nesta época, certo?

— Mas você pode ser do futuro — rebateu Dak. — Se nós conseguimos...

Sera deu um soco no braço de Dak, e em seguida Riq fez o mesmo. A última coisa que eles queriam era passar alguma informação para aquela figura ameaçadora.

— Ai — Dak reclamou.

— Pela última vez, quem é você? — perguntou Sera. — E o que você quer com a gente?

— Quem eu sou não é da sua conta — grunhiu o homem, como se fizesse parte de um grupo de teatro amador. Ele sacou uma faca comprida, afiada e reluzente. — Porque vocês vão morrer, e prefiro que não digam meu nome quando encontrarem o diabo.

## Um soco

EM VEZ DE SENTIR MEDO, DAK FICOU IRRITADO. Ele já estava cansado desse tipo de ameaça, e naquele momento só pensava em encontrar Aristóteles. Aquele careca bobalhão só estava atrasando o encontro, e Dak não permitiria que isso acontecesse.

— Meu senhor — ele falou —, sei que tem uma faca e que nós parecemos indefesos, ou pelo menos esses dois, mas escute o que estou dizendo. Já passamos por muita coisa e somos as últimas pessoas que você gostaria de enfrentar. Então saia da frente ou encare as consequências. A escolha é sua.

Sera lançou um olhar a Dak que o garoto não conseguiu decifrar. Parecia uma expressão de encanto e vergonha. Ele achou que os dois sentimentos eram adequados naquele momento. Uma multidão se formou ao redor deles, e o careca cheio de cicatrizes agachou para tomar impulso e dar o bote em Dak com sua lâmina.

— São palavras duras para um homenzinho tão pequeno — o estranho falou, com um grunhido que pareceu tão autêntico quanto uma tentativa de explicação de Riq sobre as qualidades de um queijo gourmet. — Agora veja o que eu...

Dak nunca soube o que o homem diria a seguir. Antes que ele terminasse de falar, Sera deu um soco em seu rosto. Um único golpe, rápido como um raio, com o punho apertado como se fosse uma cobra.

O sujeito grunhiu e se afastou cambaleando, sem conseguir ficar de pé. Ele recuperou o equilíbrio por uma fração de segundo, mas

acabou tropeçando na borda da fonte e caindo escandalosamente na água. As pessoas ao redor começaram a aplaudir e a gargalhar, e dois homens de armadura apareceram para levar embora a ameaça careca.

Sera sacudiu a mão, fazendo uma careta de dor.

— Vamos lá encontrar o tal Aristóteles — ela falou.

Dak nunca tinha sentido tanto orgulho.



Riq não conseguia parar de sorrir, e torcia para não parecer tão idiota enquanto se afastavam da fonte onde o homem tinha caído. Sera havia demonstrado muita coragem ao longo da missão, mas socar um homem com o dobro de seu tamanho — e usando tanta força e raiva — era a cereja do bolo.

Quando sentiram que estavam longe o suficiente para evitar suspeitas, eles pararam para conversar. Riq ficou apenas encarando Sera com um olhar perplexo, mas obviamente Dak desembestou a falar.

— Isso foi demais! — ele berrou, mexendo os pés como um boxeador e lançando socos no ar. — Tipo, eu sempre soube do que você era capaz, e não fiquei surpreso, mas mesmo assim... Foi o máximo! Eu daria um jeito no idiota sozinho, mas você resolveu tudo de um jeito ainda melhor!

Sera o encarou com uma expressão de divertimento e se limitou a agradecer.

Eles estavam sob uma das árvores que cercavam a escadaria do local que, de acordo com Dak, era a sede da Liga de Corinto. Como alguém poderia entender tanto de história a ponto de reconhecer o local de imediato, Riq não sabia. Por outro lado, as pessoas ficavam impressionadas quando descobriam que ele sabia falar mais de dez idiomas. Mesmo depois que ele demonstrava uma palavra ou outra, muita gente não acreditava. Achavam que ele estava só emitindo um monte de sons sem sentido.

— Devemos nos preocupar com aquele cara? — Dak perguntou. — Vocês acham que ele é da SQ? Será que Tilda conseguiu mandar o pessoal dela pra cá usando aquele Anel da Eternidade?

— Pra mim parece bem provável — respondeu Riq. — Aquele cara não é grego de jeito nenhum, e mencionou os Guardiões do Tempo.

— Vai saber o que Tilda anda aprontando... — Sera murmurou. A satisfação de nocautear o careca deu lugar à preocupação. — Só precisamos torcer para estar um passo à frente deles. Aristóteles era bem próximo de Alexandre e do pai, então temos um aliado com quem Tilda nunca vai poder contar. Vamos encontrá-lo logo e garantir que o tal Pausânias não consiga chegar nem perto do alvo.

— Ótimo plano — elogiou Dak. Ele e Sera se viraram para Riq à espera de alguma objeção.

— Depois de vocês — ele disse com uma reverência exagerada, saindo da frente para que os outros dois pudessem subir a escadaria.



As coisas eram um pouco diferentes nos tempos antigos.

Sera meio que esperava detectores de metal e seguranças fortões com armas na cintura para proteger o lugar. Mas não foi isso que encontrou. Nem uma versão grega de um esquema parecido. Em vez disso, eles chegaram a um átrio fresco e ventilado praticamente vazio, a não ser por um homem que devia ter uns cem anos. Estava sentado atrás de uma mesa de madeira, fitando distraído as enormes portas de entrada. Ele não piscou nem moveu um músculo sequer quando Sera e os outros entraram.

Dak foi caminhando na direção do velho, mas Sera o segurou pelo braço.

— Tem certeza de que está a fim de incomodar ele? Às vezes vale mais a pena pedir desculpas do que permissão. Vamos logo encontrar Aristóteles.

Dak balançou a cabeça.

— A sua falta de conhecimento sobre etiqueta política da Grécia Antiga é vergonhosa. Vou falar com o velhote um minutinho. Isso vai nos poupar de ficar andando por aí perdidos durante horas.

— Tudo bem — Sera respondeu.

— Cuidado — Riq aconselhou. — Ele pode cair morto se você exagerar na dose de drama.

Dak olhou feio para ele e então caminhou até o velho. Sera e Riq o seguiram.

— Com licença, senhor. Nós não somos daqui, mas temos uma informação muito importante para o mestre Aristóteles. Acredite em mim, é muito, muito importante mesmo.

— Não quer enfatizar mais um pouco? — Riq murmurou. — Isso com certeza vai pôr a gente pra dentro.

Sera deu uma cotovelada nele. Só ela tinha permissão oficial para pegar no pé de Dak.

O velho atrás da mesa continuou agindo como se não houvesse ninguém ali. Ele sequer desviou o olhar.

— Senhor? — chamou Dak. — Pode me dizer onde está Aristóteles?

Nada de resposta. Era como se falasse com uma estátua. Mas Sera conseguia ver o peito do homem se mexer, mesmo que lenta e espaçadamente.

Dak deu de ombros.

— Bom, pelo menos a gente tentou. Então... Acho que a gente vai ter que sair andando por aí gritando "Aristóóóóóóóteles, cadê vocêêêêê?".

— Isso deve resolver — Riq respondeu.

Quando eles iam contornar a mesa e subir a escadaria de mármore logo atrás, o velho se levantou em um pulo, com uma expressão furiosa. Num passe de mágica parecia que o zumbi enrugado que estivera ali poucos momentos antes era outra pessoa.

— Parem! — gritou o homem em grego antigo com uma voz surpreendentemente grave que ecoou pelo teto alto de pedra. — Ninguém pode entrar sem prestar o juramento! Os que não fazem

parte da Liga devem sofrer as consequências por tentar invadir o espaço do *hegemon*!

Sera percebeu qual tinha sido o erro deles. A última pessoa com quem conversaram falara em inglês, o que significava que seus mecanismos de tradução ainda não estavam calibrados para o grego antigo. Dak tinha emitido apenas um monte de sons ininteligíveis para o homem diante deles.

Um barulho trovejante de passos veio da esquerda. Em questão de segundos, pelo menos uma dúzia de soldados apareceu, com as lanças apontadas para os três viajantes do tempo.

— Matem esses estrangeiros! — rugiu o velho de trás da mesa. — Sem dó nem piedade.

Os soldados pareciam mais do que dispostos a obedecer, e avançaram aos gritos.

## Confusão na escadaria

DAK SENTIU COMO SE ESTIVESSE NO MEIO DE UMA PEGADINHA. Era inacreditável. A Liga de Corinto era um lugar de paz, filosofia, diálogo e aprimoramento da humanidade. E agora Dak estava diante de um velhote que os xingava aos gritos, e um grupo de soldados avançava na direção deles com lanças grandes e afiadas o suficiente para abater um porco de meia tonelada.

Tudo parecia tão irreal que ele quase esqueceu de fugir.

Sera o puxou pelo braço e o trouxe de volta para a realidade nua e crua.

Eles seguiram Riq em direção à escada que levava ao interior do edifício. Quando passaram pela mesa, Dak deu uma boa olhada no velho traiçoeiro que estava vermelho e ofegante de tanto gritar ordens praticamente inaudíveis em meio aos berros dos soldados. Devia fazer um bom tempo que aqueles guerreiros não entravam em ação e queriam compensar isso acabando com os três. Como as coisas deram tão errado?

Eles chegaram à escadaria e começaram a subir dois degraus por vez. Sera ainda segurava Dak pelo braço, como uma mãe tentando proteger o filho. Ele queria se soltar, pois era perfeitamente capaz de fugir sozinho. Seu lado mais esperto, porém, sabia que ele poderia perder o equilíbrio se tentasse.

Os degraus pareciam se multiplicar à medida que os percorriam. Estavam quase no topo da escadaria quando alguma coisa afiada espetou o ombro de Dak, e uma mão o agarrou pelo tornozelo. O

garoto gritou e Sera o largou quando ele caiu para a frente, batendo a cabeça no último degrau. Dak teve um instante para agradecer pelos milhares de pés que haviam arredondado os cantos dos degraus de pedra antes de um soldado saltar sobre ele. A lança do homem ressoou ao cair, mas logo foi substituída pela adaga mais assustadora que Dak já tinha visto, toda de ferro e afiada nas laterais.

O homem disse várias palavras incompreensíveis antes que o dispositivo de tradução na orelha de Dak voltasse a funcionar. A pancada na cabeça havia sido bem forte.

— ... pedacinho por pedacinho.

Dak não precisava ouvir a primeira parte para saber do que se tratava. Ele resistiu, tentando se libertar do soldado, que apoiava o joelho em seu peito, pressionando-o contra os degraus.

— Não consigo... respirar... — o garoto disse, ofegante, ouvindo o estranho eco do mecanismo em sua boca traduzir suas palavras para o cretino que o esmagava.

— Não me interessa... — respondeu o soldado. Sua adaga estava no queixo de Dak, e a ponta afiada arrancou uma gota de sangue que escorreu pelo pescoço.

O desespero deu lugar a uma última injeção de adrenalina. Dak elevou o joelho com força, acertando o homem e fazendo-o grunhir — um som do qual o garoto se lembraria feliz caso sobrevivesse àquela confusão. Desequilibrado sobre os degraus, o soldado rolou escada abaixo assim que Dak lhe empurrou com todas as forças.

A alegria da liberdade não durou mais de meio segundo. Antes de conseguir sequer olhar ao redor, ele lembrou que havia mais homens armados, todos enormes. E para sua decepção, Sera e Riq estavam rendidos por dois ou três soldados cada um, tentando resistir, mas sem a menor chance. Dak, porém, não se entregaria. Quando se equilibrou bem nos degraus, correu em direção aos dois homens que seguravam Sera pelos braços e pelas pernas.

Ele soltou um grito — que pareceu mais um urro —, como se isso aumentasse suas chances de sucesso. No último segundo, deu um

salto que pareceu durar um minuto inteiro, e seu ombro colidiu com o soldado que segurava os braços de Sera. Dak foi arremessado para trás como se o homem fosse feito de pedra, e aterrissou nos degraus com tudo, sentindo uma dor terrível nas clavículas. Tentou focar a visão enquanto o mundo de mármore ao redor girava rápido e o desespero invadia seu coração.

Não demorou muito para que os soldados saltassem sobre ele, imobilizando-o. Dak reagiu por instinto, socando e esperneando, como um bebê que se recusa a ter sua fralda trocada. Nos poucos segundos que conseguiu lutar, diversos questionamentos surgiram em sua mente.

*Será que a história havia sido mudada de alguma forma?*

*A Liga de Corinto não era o que ele tinha lido nos livros?*

*Aristóteles teria enlouquecido? Teria se transformado em um vilão?*

*Tilda.*

*Aquele cara na fonte, careca e com as cicatrizes.*

*A SQ.*

*A SQ estaria ali? Bagunçaria as coisas de novo? Tudo o que os três fizeram fora em vão?*

As perguntas cessaram quando foi atingido por um soco no rosto que fez sua cabeça girar e seus olhos verem estrelas mais brilhantes que o mármore sobre o qual estava deitado.

Tudo o que Dak conseguiu fazer foi encarar os soldados e dizer a primeira coisa que passou por sua cabeça:

— Por que estão sendo tão *cruéis*?

## Atrás das grades de novo

SERA ESTAVA SENTADA NO CHÃO DURO, com as costas apoiadas na parede, olhando para as grades de ferro sob a luz de uma janela que ela não conseguia ver. Estava sozinha, seus amigos haviam sido levados para outro lugar.

Fazia tempo que ela não tinha uma Reminiscência. Não sabia por quê, mas achava que isso estava relacionado à correção das Fraturas. Independente do motivo, Sera não sabia se isso a fazia se sentir melhor ou pior. A memória espectral dos pais que nunca conhecera ainda era melhor que nada. Durante uma Reminiscência, ela podia ver a mãe e o pai, senti-los, *desejar* sua presença. E agora, o que tinha sobrado? A lembrança de uma lembrança?

Enfim, nada disso importava no momento. Ela e seus amigos estavam atrás das grades de novo — era impossível não lembrar da cela minúscula e úmida da caravela de Cristóvão Colombo —, e as coisas na tal Liga de Corinto não tinham acontecido como Dak planejara. Deu para ver nos olhos de seu amigo quando foram arrastados para as celas por aqueles soldados nada gentis.

Nada gentis... Essa definição sim era gentil. Os guardas ali eram como um bando de animais selvagens com sede de sangue. Por que alguém inteligente como Aristóteles se envolveria com brutamontes como aqueles?

O tempo estava passando. Sera se ajeitou — sua bunda começava a doer, os músculos estavam todos tensos, e havia um hematoma no braço onde um dos homens tinha lhe dado um soco. Socos em uma

*menina*. Para afastar o tédio, pensou em cataclismos, buracos de minhoca e paradoxos temporais. No fim, suas pálpebras começaram a ficar pesadas, e o sono a embalou.



Algum tempo mais tarde — no meio de um sonho em que ela e Dak estavam pulando em uma cama elástica e ele não parava de falar sobre a “longa e sórdida” história das molas metálicas —, Sera foi despertada pelo barulho de sua cela sendo aberta. Depois de esfregar os olhos, viu um soldado um tanto desconcertado diante da porta. Parecia um menino flagrado com o dedo no nariz.

— Venha — ele falou, olhando para o chão, e não para ela. — Nosso mestre quer te ver.

*Que estranho*, pensou Sera, mas logo ficou de pé, pois não queria perder a chance de sair daquela prisão fedorenta. Quando se aproximou do soldado, ele virou para sair, mas se deteve no meio do movimento. Depois de uma longa pausa, ele disse:

— Eu... peço desculpas.

— Ah, é? — No mesmo instante ela se arrependeu de sua resposta, mas as palavras praticamente saltaram de sua boca. Por que aquele homem enorme e assustador estava se desculpando?

— Venha comigo.

Ele a conduziu por um túnel de teto baixo, o lugar perfeito para um calabouço. Percorreram outros corredores e subiram um longo lance de escadas. Nenhum dos dois falou. Sera suspirou de satisfação. Era bom poder alongar os músculos de novo, sentir o sangue circular — isso sem falar na luz natural que vinha de fora e nas paredes cada vez mais claras à medida que saíam das profundezas do prédio.

Em pouco tempo, chegaram a uma porta de madeira escura que dava para uma varanda, onde havia várias cadeiras viradas para o horizonte da cidade. À esquerda, Sera conseguia ver a estátua do *hegemon*, o local onde encontraram o careca desconhecido.

Dak e Riq já estavam sentados e se viraram quando ela chegou. Riq acenou e Dak assentiu, mas ninguém disse nada.

— Que bom ver vocês são e salvos — ela murmurou. Os dois sorriram, sem ignorar o sarcasmo da amiga. Ela desabou na cadeira entre os dois, se perguntando se eles haviam evitado sentar lado a lado de propósito. — Então, o que está acontecendo?

Dak deu de ombros, parecendo empolgadíssimo com a situação. Seus olhos examinavam a cidade minuciosamente, desfrutando cada momento de sua última incursão ao passado.

— Parece que alguém fez bobagem — Riq falou. — Um soldado alto e fortão me pediu desculpas pela maneira como tratou a gente, e depois me trouxe até aqui.

— Comigo foi a mesma coisa — acrescentou Dak. — O soldado foi tão gente boa que a conversa quase terminou num abraço.

Sera admirou o pedaço de mar além da cidade, aproveitando a brisa que chegava.

— Que estranho — ela disse, em uma resposta que parecia resumir bem a situação.

Vários minutos se passaram antes que a pessoa que os convocara enfim aparecesse. Sera ouviu uma movimentação atrás de si e se virou para se deparar com um homem alto, de cabelo e barba grisalhos, vestindo uma túnica cinzenta que lhe dava um aspecto de mago. Ele a observou com atenção, mas não disse nada enquanto contornou as cadeiras e se posicionou diante dos viajantes do tempo, apoiando-se na grade.

Desde que conhecera Cristóvão Colombo e os infames irmãos Amâncio, Sera se impressionava cada vez menos com a presença de figuras históricas. Ela sabia quem era aquele homem, e esperou pacientemente que ele se apresentasse ou que Dak expressasse toda a sua empolgação. No fim, foi um momento bem decepcionante.

— Meu nome é Aristóteles — ele anunciou com elegância. — Soube que vocês foram maltratados por nossos guardas. Peço desculpas. Não é comum recebermos crianças nestes salões, e creio

que os soldados foram... zelosos demais ao lidar com a ameaça inesperada. Caso isso aconteça de novo, vocês serão tratados de forma mais cordata.

*Cordata?*, pensou Sera. *Acho que é assim que os filósofos falam.* Ela encarou Dak, cuja alegria dera lugar a uma expressão de perplexidade. O coitado jamais pensaria que seu primeiro encontro com o grande Aristóteles seria assim.

— Aliás, por que fomos tratados como uma ameaça? — questionou Riq. O hematoma em seu rosto mostrava que ele também tinha passado por poucas e boas. — O que achavam que íamos fazer? Pôr uma bomba no prédio?

Dak soltou um grunhido no momento exato em que Sera pensou que ele faria isso.

Aristóteles suspirou. É claro que ele não entendeu a referência à bomba, mas também não pediu explicações.

— Eventos perturbadores têm acontecido nos últimos tempos e, sinceramente, não me sinto à vontade para discutir isso com estranhos. Por favor, não me interpretem mal. Meu pedido de desculpas não deve ser confundido com um discurso de boas-vindas. Não consigo imaginar um motivo para vocês estarem aqui. Ainda assim, vocês são jovens, e os soldados deveriam tê-los tratado melhor.

— Precisamos muito conversar — Dak falou. — Sobre história, e viagem no tempo, e a SQ, e as Grandes Fraturas, e as Reminiscências, e o Anel do Infinito, e Tilda, e...

— *Dak* — Sera interrompeu, lançando o olhar mais hostil de que era capaz. Ele estava descontrolado. — Essa não é a melhor maneira de começar a conversa. Vamos ser expulsos daqui como lunáticos!

Riq escondia a cabeça entre as mãos, balançando-a de um lado para o outro. Seu primeiro encontro com o fundador dos Guardiões da História piorava a cada momento.

Aristóteles encarou bem os três visitantes. Seu rosto não dizia nada, mas seus olhos eram poços de conhecimento, cheios de

sabedoria e reflexões profundas. Por fim, ele respirou fundo e chamou um dos soldados parados à porta.

Quando ele se apresentou para receber as ordens, Sera ficou animada com o que Aristóteles disse:

— Tranque a porta e não deixe ninguém entrar, seja quem for. Tenho muito que conversar com meus novos amigos.

## Conversa com o criador

DAK AINDA ESTAVA PARALISADO NA CADEIRA, chocado com o fato de que *Aristóteles* estava ali. Olhando feio para ele, até. O garoto sempre imaginou o primeiro Guardiã da História como um pensador que passava todo o tempo lendo, e de vez em quando levantava o dedo para o céu e soltava uma frase cheia de sabedoria. Mas o homem que tinha acabado de mandar trancar a porta da varanda era obviamente um líder. Um sujeito durão, experiente, acostumado a tempos difíceis.

Aristóteles caminhou para a direita — até seu jeito de andar tinha um ar de grandeza —, pegou um banquinho de madeira e o arrastou para se posicionar diante dos recém-chegados. Mesmo sentado, era mais alto que os três, que estavam acomodados em cadeiras baixas. Dak teve a impressão de que aquilo era proposital.

— Eu não estaria aqui hoje se não tivesse passado a vida toda confiando em meus instintos — disse o filósofo. — Um minuto atrás, estava disposto a enxotá-los daqui, esperando que ficassem assustados e nunca mais tentassem outra gracinha. Esperando que seus pais os levassem para casa e lhes aplicassem... um corretivo. Mas você — ele apontou o queixo barbado para Dak —, as coisas que falou... são impossíveis de ignorar. Alguma coisa está acontecendo aqui, e quero saber mais a respeito. Imediatamente. Portanto, comecem a falar.

Riq não disse nada. Dak o encarou e viu seu pomo de adão subindo e descendo.

Sera também não disse nada. Dak conseguiu até ouvi-la engolindo em seco.

Quanto a Dak, só queria compensar o papelão que fizera quando tentou falar tudo de uma vez. Mas não conseguia encontrar as palavras certas para começar.

Aristóteles deu uma boa olhada nos três e sacudiu a cabeça.

— Acho que ninguém nunca lhes ensinou o que significa a palavra *imediatamente*. Comecem a falar ou chamo os soldados de volta e digo que errei ao soltar vocês.

Dak sentiu um sopro de coragem invadir seu peito.

— Eu falo. Vou... vou tentar explicar por que estamos aqui.

À sua direita, ele ouviu Sera suspirar aliviada. Riq estendeu o braço, deu um tapinha nas costas do amigo e sussurrou:

— Vai em frente.

— Obrigado — Aristóteles disse. Então cruzou os braços e se inclinou para trás. Dak temeu que ele fosse cair do banquinho, mas seu equilíbrio se manteve. — Acredito que vai dizer coisas que façam mais sentido desta vez, pois parece inteligente.

O garoto abriu um sorriso tristonho e forçado. O criador dos Guardiões da História tinha feito um elogio ou um insulto? Parecia as duas coisas ao mesmo tempo. Ele respirou fundo e, como Riq incentivou, foi em frente.

— Senhor, juro que nunca disse nada tão importante na vida. Precisamos da sua ajuda, porque o futuro do mundo corre sério perigo. Estou falando de um monte de gente morrendo e de líderes cruéis no comando, pessoas caindo em fendas da crosta terrestre e terremotos destruindo o planeta. Esse tipo de perigo.

Aristóteles não disse nada, uma reação que Dak considerou positiva.

— Agora vem a parte mais difícil — ele continuou. — Sei que vai parecer loucura e que você pode levantar daí e mandar aqueles babacas arrancarem minha cabeça, mas não sei outro jeito de fazer isso a não ser contar tudo e esperar que acredite em mim.

Ele fez uma pausa e as sobrancelhas grossas de Aristóteles se ergueram tanto que quase se juntaram aos cabelos.

— Nós viemos do futuro — Dak disse enfim, se esforçando para não fazer nenhuma careta. — De um futuro muito, muito distante. Tipo, milhares de anos. Como eu... Com certeza... alguém inteligente como o senhor... — ele estava perdendo o fio da meada. — Quer dizer, o senhor não ficaria surpreso ao saber que a humanidade vai avançar a esse ponto. A ponto de viajar no tempo. Estou certo?

Aristóteles se inclinou para a frente, e então suas sobrancelhas se franziram a ponto de quase cobrir os olhos.

— Garoto, eu sempre digo que o homem de mente elevada deve prezar mais pela verdade do que pela opinião dos outros. E posso dizer que você tem mais olhos em seu rosto do que este lugar tem pessoas que acreditariam nessa história. Mas, se existe alguém capaz de acreditar e conversar a respeito, esse alguém sou eu. — Um sorriso enorme surgiu no rosto de Dak, mas Aristóteles o censurou com um olhar de reprovção. — Eu disse se. Uma palavrinha de apenas duas letras, mas tão importante como qualquer outra.

Impressionado com a sabedoria das palavras do homem, Dak só foi capaz de assentir.

Aristóteles se virou para Sera.

— Acho que o garoto já abriu as comportas. Vejamos se você é capaz de canalizar as águas. Conte mais.

Dak olhou para a amiga e torceu para que ela não estragasse tudo.

Sera limpou a garganta, claramente despreparada para receber a atenção de Aristóteles.

— Hã, bom, eu confirmo o que ele falou. Usamos um dispositivo de viagem no tempo para chegar até aqui, encontrar o senhor e avisar sobre uma coisa terrível que vai acontecer com...

Aristóteles ficou de pé e estendeu a mão para interromper Sera.

— Espere, por favor. Ainda não estamos prontos para dar tamanho salto na conversa. Acredito que o tempo seja frágil, como o tecido da realidade, e me preocupo em saber o que pode ou não acontecer

no futuro. — Ele sentou outra vez, com uma expressão perturbada, encarando o chão como se as respostas que procurava estivessem escritas na pedra. — Conversei sobre isso anos atrás com o professor dos professores. Não sei se ele é conhecido na sua... época.

— Platão — Dak foi logo dizendo. — O senhor e Platão vão entrar para a história como duas das mentes mais brilhantes de todos os tempos. Vocês são muito famosos.

O filósofo voltou a relaxar, se acomodando no banquinho.

— Como eu disse, sempre contei com meu instinto, e se ainda estamos aqui conversando é porque não ouvi nada que me fizesse desconfiar de vocês. Mas... — Ele se interrompeu, coçando a barba e olhando para o céu.

Dak não podia permitir que Aristóteles tomasse a mesma decisão que Lincoln. Para corrigir a Fratura Fundamental, eles precisariam de sua ajuda. O garoto olhou para Sera e depois para Riq.

— Você ainda não falou nada. Vê se ajuda a gente um pouco.

— Sim — concordou Aristóteles, parecendo quase esperançoso ao se virar para Riq. — Você parece mais velho que os outros dois. Talvez tenhamos guardado o melhor para o final.

Dak sentiu uma pontada de inveja, e esperava ver um sorrisinho presunçoso no rosto de Riq. Ao perceber que isso não aconteceu, concluiu que as diferenças entre os dois tinham mesmo sido deixadas de lado. Pelo menos por alguns minutos.

— Escuta só — começou Riq, apoiando os cotovelos nos joelhos. — É mesmo uma situação bem difícil para todos nós. Fico aliviado em saber que o senhor também se preocupa com a questão do tempo e seu equilíbrio. Isso mostra que entendeu tudo. Mas estamos aqui para dizer que esse equilíbrio *já foi* rompido. Com... — Ele hesitou por um instante, olhando para Dak e Sera em busca de apoio antes de se virar para a frente de novo. — Com a sua permissão, queremos falar sobre o futuro. Porque queremos a sua ajuda para corrigir as coisas. O senhor vai ter que confiar em nós quando

dizemos que é seguro conversar sobre esse assunto. Mas só vamos falar depois que o senhor concordar em fazer isso.

Um longo momento de silêncio se passou. Aristóteles encarou Riq, Sera e Dak, e depois mais uma vez. E de novo. Dak quase conseguia ver as engrenagens de sua mente funcionando.

— Tomei minha decisão — o homem anunciou por fim. — Quero que me contem tudo o que vieram dizer. E depois vamos analisar a situação e decidir o que fazer.

Sera e Riq olharam para Dak. Era sua vez de brilhar.

## Pítón interrompe outra vez

E DAK APROVEITOU A DEIXA, despejando uma avalanche de informações, quase sem parar para respirar. As Grandes Fraturas, a teoria de Aristóteles de que era preciso corrigi-las, sua crença na viagem no tempo, o surgimento dos Guardiões da História graças a suas ideias, a SQ... tudo. Depois de falar sobre o futuro e de esclarecer que ele e seus amigos foram mandados para consertar as coisas — e encontrar os pais dele —, Dak narrou as Fraturas que já tinham corrigido. Só faltava aquela que dera início a tudo. Sua última missão.

— Daqui a três semanas — Dak revelou —, o rei Filipe e Alexandre III vão ser assassinados.

O olhar de terror no rosto de Aristóteles fez Dak se calar. O homem parecia prestes a cair no choro. Seus lábios tremiam, os olhos ficaram mais sombrios e o corpo todo pareceu se encolher.

— Não é possível — ele falou. Sua voz confiante e cheia de autoridade ficou embargada pela primeira vez. — Eu fui professor do garoto, praticamente o criei durante a parte mais importante de sua juventude. Ele... está destinado a grandes feitos. A mudar o mundo. Tenho certeza, do fundo do meu coração. Isso... isso não pode ser verdade.

Dak até esperava que o filósofo ficasse perturbado, mas jamais poderia prever tamanha comoção. Aristóteles parecia ter recebido a notícia de que seu filho estava morto. O que, de certa forma, foi o que aconteceu. Era visível que o sujeito estava abalado.

Mas logo em seguida ele se recompôs e voltou a ser o professor e líder de sempre. Ficou de pé, alisou a túnica e sentou de novo, ereto, parecendo inabalável. A admiração de Dak só cresceu.

— Suas palavras me parecem verdadeiras — admitiu Aristóteles —, e se isso aconteceu mesmo ou vai acontecer, eu teria a exata reação indicada por seus Guardiões da História. Tal acontecimento acabaria comigo, de fato, e eu faria qualquer coisa para revertê-lo. — Ele fez uma pausa. — Temos enfrentado problemas ultimamente. Estranhos aparecendo e causando estragos. Estranhos que nada têm a ver com gregos e macedônios.

Dak e seus amigos trocaram olhares. O cara da fonte. Tilda estava tramando alguma, sem dúvida.

— É por isso que meus guardas andam tão rigorosos, tão violentos — continuou Aristóteles. — Eu mesmo ordenei que agissem assim. Não poderia deixar que nada atrapalhasse a Liga e nossos planos para esta grande nação e para o mundo. — Ele cravou os olhos em Sera. — Você pode me mostrar o dispositivo? Suas palavras me parecem verdadeiras, mas eu seria um tolo se acreditasse sem nenhuma prova.

Antes mesmo que ele terminasse de falar, Sera já estava remexendo a bolsa. Dak estava ansioso para ver a reação do filósofo ao contemplar o futuro em suas mãos.

O Anel estava um pouco amassado, mas ainda reluzia. Dak sabia que não havia como duvidar que aquele aparelho viera de um futuro distante. Aristóteles segurou o dispositivo e o observou de todos os ângulos, maravilhado.

— Ah, se meu mestre ainda estivesse aqui... — comentou o filósofo. — Se Platão visse isso, passaríamos anos conversando a respeito. Sinto falta dele, como se fosse o meu pai.

Por fim, quase relutante, ele devolveu o Anel a Sera.

— Contem mais o que sabem a respeito da morte de Alexandre. Se a única ajuda que vieram me pedir foi para evitar o assassinato do meu aluno... Bom, não precisavam ter dito mais nada. Eu faria

qualquer coisa pelo garoto. Que agora já é um homem, claro. Um homem formado, um grande homem.

Dak se sentiu invadido por uma onda de empolgação. Eles estavam prestes a terminar sua missão como Guardiões da História. Só faltava essa última parte. Com a ajuda de Aristóteles, impedir o assassinato seria relativamente fácil. Em último caso, o filósofo poderia dizer a seu ex-aluno que ficasse escondido sob sua tutela, que evitasse ver o pai por uns tempos.

Eles iam conseguir. Eles realmente iam conseguir. Iam evitar o Cataclismo. Deu uma olhada para Sera e percebeu que ela estava pensando a mesma coisa.

Riq voltou a falar:

— Como Dak disse, isso deve acontecer em três semanas. Pausânias, o assassino, planeja envenenar o rei Filipe em seu acampamento militar, que se prepara para o grande ataque à Ásia Menor. O problema é que Alexandre também vai estar lá, fazendo uma visita surpresa, e Pausânias acabará matando os dois.

— Ora, espere aí — falou Aristóteles, inclinando-se para a frente, preocupado. — Duas coisas. A primeira: Pausânias parece um suspeito improvável. Há muitos anos é um leal guarda-costas do rei. Deve ter sido manipulado por alguém. E eu poderia apostar cada minuto que passei com Platão que Atalas está por trás do assassinato. Ele tem ambição de que Karanos, seu neto, se torne o *hegemon*. E só conseguiria isso caso matasse Filipe e Alexandre.

— É exatamente o que vai acontecer — Riq rebateu.

— Sim, mas você disse que Pausânias não sabia... não *sabe* que Alexandre vai estar lá. Se a questão é tornar Karanos o novo rei, duvido que os conspiradores executariam o plano se não tivessem certeza de que derrubariam pai e filho juntos. Garanto que, se matassem um dos dois primeiro, eles jamais teriam a oportunidade de se aproximar do outro.

Dak sentiu uma coceira — quase literal — para conduzir a conversa dali em diante. Mas, em um surto de generosidade, resolveu permitir que Riq ficasse com a parte mais divertida.

— É aí que está, senhor — disse o mais velho. — Nossos livros de história afirmam que Atalas está por trás dos assassinatos, mas ele é só uma fachada. A verdadeira mentora de tudo é Olímpia.

— A mãe do menino? — Aristóteles perguntou furioso, quase como se o acusado tivesse sido ele mesmo.

Riq e Dak assentiram quando o filósofo os encarou pedindo uma confirmação da notícia chocante.

— Ela era ainda mais ambiciosa que Atalas — Sera lembrou. — Queria que Alexandre fosse rei o quanto antes. Não queria esperar que Filipe morresse ou fosse assassinado. Mas é claro que seu plano deu errado.

Dak sentiu que precisava dar sua contribuição à conversa.

— Quanto a Pausânias, sim, ele é o guarda-costas do rei, mas algumas pessoas fariam qualquer coisa por dinheiro. Ou poder. Nós aprendemos isso da pior maneira possível.

Aristóteles coçou a barba.

— Meu coração está apertado. Olímpia é muito especial para mim também. Uma mulher muito doce e meiga, que idolatra o filho.

— Parece uma peça de Shakespeare — Dak comparou. — Uma mãe conspira para tornar seu filho o novo rei, mas acaba causando a morte dele.

— Shakespeare? — repetiu Aristóteles.

— Deixa pra lá.

Sera esfregou as mãos.

— Bem, o senhor ainda deve ter muita influência sobre Alexandre, certo? Só precisa manter ele longe do pai e de Pausânias.

— É — Dak falou. — Moleza.

Ele não sabia se a última palavra tinha sido bem traduzida, pois o filósofo pareceu confuso. Mas no fim Aristóteles suspirou e voltou a se inclinar para trás no banquinho.

— Que assim seja. Como disse, vou fazer o que puder para evitar esse assassinato. Não passei todos esses anos educando Alexandre para que ele fosse envenenado por um traidor. Vou pedir para meu pessoal procurá-lo assim que...

A porta da varanda abriu de repente, bateu com força na parede e voltou, quase nocauteando o homem que entrava. Ele tinha cabelo escuro e parecia um estudioso, mas no momento carregava uma expressão de terror. Sua pele estava pálida. Recuperando a compostura — mas não totalmente —, ele voltou a abrir a porta, olhando inquisitivo para Aristóteles. O filósofo estava de pé, e Dak viu um olhar de preocupação surgir em seu rosto tranquilo.

— Píton — disse Aristóteles. — Da última vez que me interrompeu na varanda foi por causa de uma boa notícia. Algo me diz que hoje seus motivos são muito diferentes e mais sinistros.

O recém-chegado pareceu ficar ainda mais abalado.

— Professor, infelizmente tenho péssimas notícias. — Ele fitou desconfiado os três desconhecidos presentes no local.

— Não se preocupe com eles — Aristóteles o tranquilizou. — Diga logo: o que aconteceu?

Os olhos de Píton se encheram de lágrimas.

— Seu ex-aluno, Alexandre. Alexandre III. Filho de nosso grande *hegemon*...

— Sim, já entendi de quem se trata — interrompeu o filósofo. — Ele está em perigo?

Píton engoliu em seco e baixou a cabeça.

— Ele está morto. Foi assassinado por uma mulher de cabelos cor de fogo e lábios de alcatrão.

## Em apuros

SERA NUNCA FICARA TÃO ATORDOADA AO OUVIR UMA NOTÍCIA. Sentada em sua cadeira, olhando para aquele homem chamado Píton, se perguntou se tinha entendido direito o que ele falara. Ou melhor, *torceu* para ter entendido errado. Em tese, eles teriam três semanas para impedir que a Fratura Fundamental acontecesse. E a mulher com cabelos cor de fogo...

— Tem certeza? — Aristóteles perguntou a seu pupilo depois do que pareceu um longo silêncio.

Píton assentiu, com uma expressão de luto. Ele obviamente não estava feliz em ser o mensageiro de uma notícia tão trágica.

Aristóteles desabou no banquinho, empalidecido. Sua barba parecia ter perdido a vitalidade, junto com o restante de seu corpo.

— Tem certeza mesmo, Píton? Eu preciso saber.

— Estão com o corpo dele, mestre. Não há dúvida.

— Então pode ir.

Sera esperava que o homem ficasse contente de ser dispensado, mas ele pareceu ainda mais triste, se isso era possível.

— Sim, professor. Se eu puder fazer alguma coisa, por favor, me diga. — Píton fez uma reverência e saiu, fechando a porta atrás de si.

— Ele é muito bom pra mim — murmurou Aristóteles, encarando o chão de pedra da varanda. — Está comigo há muitos anos. Eu deveria tratá-lo com mais gentileza.

Parecia uma coisa bem estranha de dizer, mas Sera também estava meio desorientada. Ela sabia que havia um bilhão de coisas sobre as quais deveriam conversar, mas não conseguia encontrar palavras para isso. Na verdade, todos ficaram em silêncio por um bom tempo.

— O que vamos fazer? — A pergunta de Riq era simples. Já a resposta, bem complicada.

— Será que vou precisar perguntar o óbvio? — disse Aristóteles. — Vocês vieram aqui, me falaram sobre um futuro complexo e abalado por dificuldades, e me mostraram um dispositivo que meus olhos acreditaram ser verdadeiro. Não duvido que tenham vindo de outra época e de outro lugar. No entanto, vocês sentaram aí e me contaram em detalhes um assassinato que aconteceria daqui a três semanas. Sou obrigado a admitir que mergulharam minha mente em confusão e desconfiança.

Ele pareceu contrariado em dizer aquilo, como se não quisesse desapontar seus visitantes. Mas Sera sabia que ele tinha todo o direito de pensar que os três não passavam de mentirosos. Não havia nada que o impedisse de acreditar que eles estavam envolvidos no assassinato de Alexandre.

— Foi Tilda — Dak foi o primeiro a se manifestar, mas Sera e Riq já estavam pensando a mesma coisa. Afinal, quem mais poderia ser? — Tenho certeza. Ela voltou no tempo e resolveu agir antes que tivéssemos tempo de consertar as coisas. Juro que vou arrancar cada fio daquela cabeleira ruiva quando cruzar com essa mulher de novo.

— Isso daria uma lição a ela — Riq murmurou consigo mesmo.

— Falem mais sobre essa Tilda — pediu Aristóteles. — Contem tudo.

Pela primeira vez Dak não se sentiu ansioso para contar tudo o que sabia, mas foi em frente mesmo assim.

— Tilda também é uma viajante do tempo — ele começou. — Mas é da SQ, o grupo vilão. E quer que as Fraturas aconteçam, sem se importar com as consequências, porque assim, no futuro, ela fica rica e poderosa. A morte de Alexandre foi o evento que levou à

criação da SQ. Ela fez isso acontecer antes do esperado. Fomos derrotados no nosso próprio jogo!

— E o que isso significa para nós? — questionou Aristóteles.

Sera respondeu, ainda pensando nas Reminiscências sobre seus pais e no fato de que perdera a última chance de conhecê-los.

— Significa que, apesar dos nossos esforços, o tecido do tempo e da realidade foi rasgado. Desfeito. Destroçado. Tilda gerou uma reação em cadeia que um dia vai acabar conflitando com as leis da física.

— E aí vai acontecer o Cataclismo — Dak acrescentou.

— Pois é — disse Sera, com ar de tristeza. — O fim do mundo.

Aristóteles observou com atenção enquanto falavam.

— Mas vocês conseguiram corrigir as outras Fraturas, certo?

Sera assentiu.

— Então talvez deixar apenas uma coisa errada não seja tão prejudicial. Talvez... Ah, o que estou dizendo? Meu coração não está preocupado com nada disso agora. Perdi uma das pessoas mais preciosas que já conheci.

E então, para a surpresa de todos, Aristóteles — o majestoso filósofo, mestre da ética, professor, cientista, poeta — começou a chorar. Abalado por soluços, as lágrimas escorriam pelo rosto ensopando sua famosa barba.

Sera levantou e abraçou o homem. Ela não sabia o que mais poderia fazer. Ele não retribuiu o gesto, mas também não o impediu. A crise de choro durou apenas um minuto ou dois, e em seguida ele recobrou a compostura. A garota voltou para sua cadeira, encarou Dak e depois Riq. Precisavam decidir o que fazer. Até então, por pior que fosse o desejo, podiam contar com as pistas e as instruções dos Guardiões da História.

Agora, não tinham nada disso. Havia chegado ao fim da linha, e suas chances eram poucas. Mais do que nunca, Sera e os amigos estavam por sua conta e risco.

— Vocês sabem o que precisamos fazer, certo? — Dak falou.

Sera sabia, mas ficou apavorada só de pensar.

— Você quer voltar no tempo de novo. Deter Tilda antes que ela mate Alexandre. Mas isso contraria tudo o que fizemos até aqui. Como saber que não vamos mudar a história para pior? Ou fraturar a realidade mais umas mil vezes? Nunca fizemos isso antes.

— É verdade — concordou Riq. — Mas o que podemos fazer? Dizer “que se dane”, voltar para o futuro e ficar de boqueira na varanda de casa até tudo ser engolido por um mar de lava?

Sera suspirou.

— Claro que não. Só estou dizendo que é assustador não saber o que esperar. Não estamos num videogame em que podemos recomeçar tudo.

— Por que você está sendo tão negativa? — Dak rebateu. Pela primeira vez em muitos anos de amizade ele dizia alguma coisa que a magoava de verdade. Ela recebeu aquelas palavras como uma punhalada. — Não temos outra escolha e sabemos disso. Alexandre está morto e, como disse Aristóteles — ele lançou um olhar de cumplicidade para o filósofo —, esta é a primeira Fratura. A Fratura Fundamental. A Fratura que deu início a tudo. Nada mais importa. Não existe dilema aqui. Precisamos voltar e salvar a vida dele. Ponto final.

Sera sentiu vontade de esganá-lo por ser tão arrogante. O problema era que seu amigo estava certíssimo. O que mais podiam fazer?

— E então? — Dak insistiu.

— Para de agir como se tivesse descoberto a cura do câncer — Riq murmurou. — Nós sabemos o que precisamos fazer.

Sera concordou, deixando de lado o próprio orgulho. Ela sabia que parte de sua relutância vinha da preocupação com seus pais e das Reminiscências. Estava morrendo de medo de perder a possibilidade de reencontrá-los. Mas ela sabia que estava sendo tola. Se os Guardiões da História estivessem certos, a morte de Alexandre era um problema muito maior. Aquilo precisava ser desfeito; as consequências não importavam.

Dak aparentemente percebeu que estava sendo impositivo demais.

— O que você acha, Sera?

— Vamos voltar. E deter Tilda. Você tem razão — ela falou. Ele se limitou a responder com um aceno de cabeça, evitando ferir ainda mais o orgulho da amiga.

Riq bateu palmas e ficou de pé.

— Então vamos lá.

Aristóteles se levantou também, com gestos lentos, encarando os três com uma expressão de incerteza.

— Nós... temos certeza disso?

Sera e seus amigos confirmaram.

O filósofo se endireitou e pareceu ficar mais confiante.

— Então vou com vocês. E não quero ouvir objeções. Eu vou junto e fim de conversa.

Dak suspirou bem alto.

— Por que alguém iria contestar? Nós precisamos da sua ajuda, cara!

O dispositivo de tradução não compreendeu a última palavra, que soou mais como um arrote.

Aristóteles caminhou para a porta da varanda.

— Vamos descobrir tudo o que precisamos com Píton e depois podemos ir. Só espero que esse brinquedinho de vocês funcione mesmo.



Se Dak pudesse escolher alguém para acompanhá-lo em uma aventura pelo tempo, com certeza seria Abraham Lincoln. Mas Aristóteles era uma ótima segunda opção. Depois de conversar com Píton por mais de uma hora para descobrir todos os detalhes possíveis sobre o assassinato, Dak, Sera, Riq e o filósofo estavam prontos para voltar no tempo e deter Tilda. Eles decidiram que três dias seriam um intervalo suficiente e seguro.

A mulher de cabelos de fogo e lábios de alcatrão.

Essa descrição fez Dak pensar na Medusa, que era *quase* tão ruim quanto Tilda.

Eles estavam em um esconderijo de terra batida atrás dos estábulos da Liga de Corinto. O sol tinha começado a se pôr e Aristóteles duvidava que houvesse alguém por perto.

No lusco-fusco do fim da tarde, o filósofo encarou o Anel do Infinito quando Sera o tirou da bolsa.

— Já programei o dia e o local — ela anunciou.

*O palácio de Olímpia*, pensou Dak. *A casa de Alexandre e sua mãe*. Quando a missão começara, se ele tivesse feito uma lista de um milhão de locais que queria visitar ao longo da história, aquele provavelmente não estaria incluso.

— Vai doer? — perguntou o filósofo ao tocar o metal frio do Anel.

— Não — Sera respondeu. Dak sabia que não era uma resposta muito sincera, mas pelo menos acalmou o célebre amigo.

Eles se posicionaram em um círculo, todos com uma mão no Anel do Infinito, enquanto o céu assumia um tom alaranjado e purpúreo. Sera acionou o dispositivo e faíscas se espalharam pelo ar.

Pouco antes de serem sugados, aconteceu uma coisa que quase fez o estômago de Dak sair pela boca. A mais ou menos cinco metros de onde estavam, quatro pessoas surgiram de repente, quase como se tivessem caído do céu. Elas apareceram apenas pelo tempo necessário para que Dak visse quem era.

Ele mesmo.

Sera.

E um homem e uma mulher que ele nunca tinha visto antes.

Foi apenas por um momento, mas o suficiente para fazer sua cabeça girar a mil. Ele estava olhando para *si mesmo*, e sua outra versão o encarou com uma expressão de quem sabia perfeitamente o que estava acontecendo. Era uma situação angustiante e confusa, e Dak não gostou nem um pouco.

Então o céu se abriu e os engoliu no turbilhão do buraco de minhoca.

## Os jardins de Olímpia

RIQ NÃO CONSEGUIA ACREDITAR NO QUE TINHA ACABADO DE VER. Foi tão rápido que só podia ser fruto de sua imaginação, uma breve alucinação pouco antes de ser sugado pelo buraco de minhoca.

Ele não gostava da sensação de ter seu corpo puxado, esticado e comprimido por bilhões de forças diferentes ao mesmo tempo, mas já estava acostumado. Isso sem mencionar os sons, as luzes e o vento que não era vento de verdade. Mas era impossível não se preocupar com Aristóteles — que não era exatamente jovem e robusto — enquanto viajavam pelo espaço-tempo.

Como sempre, Riq não conseguiu determinar a duração da viagem. Como estavam voltando só três dias, esperava uma transição mais rápida que a habitual. Mas nem sempre as coisas aconteciam assim. A intensidade era a mesma de sempre, o mundo explodia e se contraía ao redor dele, e então acabou.

Ele caiu sobre um gramado bem aparado e rolou para cima de uma cerca viva com folhas pontiagudas, que se sacudiram em torno dele como se estivessem rindo. O pé de Dak atingiu o rosto dele, e ele ouviu Sera perguntar a Aristóteles se estava tudo bem. O homem tossiu, grunhiu e depois deu risada. Uma *gargalhada*.

Riq levantou e espanou a sujeira das roupas, aliviado em ver que o grande filósofo estava inteiro, fazendo o mesmo, sem nenhum ferimento. O homem parecia empolgado como uma criança em uma festa de aniversário, como se estivesse andando nas nuvens.

— Ah, se Platão me visse agora! — ele gritou, se esquecendo de que estavam em uma missão secreta para salvar seu ex-aluno. — Aristóteles, o viajante do tempo!

Ver o filósofo dançando na ponta dos pés com certeza era a cena mais ridícula que Riq já presenciara. Sera estava sorrindo e Riq deduziu que ela não tinha visto o mesmo que ele antes de partir. Dak estava em um estado de espírito diferente — confuso e perturbado —, o que era um bom indício de que tinha visto também.

Os duplos de Dak e Sera. E dois desconhecidos.

E nada de Riq.

O que isso significava, exatamente?

— Sem querer estragar o clima festivo — Riq falou —, mas precisamos deter Tilda, e acho que Dak e eu vimos algo que vocês não devem ter notado. — Ele então descreveu a cena.

Dak estava pálido. Ver outra versão de si mesmo o abalara.

— Foi esquisito — ele afirmou.

Riq era obrigado a admitir que, mesmo que o vocabulário do garoto não fosse dos mais refinados, ele tinha resumido a situação perfeitamente. Sera nem tentou contestar.

— Quem vocês acham que são o homem e a mulher? — ela perguntou.

— Digam como eles eram — Aristóteles pediu. Sua euforia de momentos antes havia murchado como um balão.

Riq os observara só por um instante, mas era capaz de visualizá-los em sua memória.

— O homem era alto, cabelos castanhos. A mulher tinha cabelos pretos, olhos verdes, rosto fino e um colar com um pingente esquisito pendurado no pescoço.

— Era uma ametista? — perguntou o filósofo.

— Hã, não faço ideia. — Riq era tradutor, não geólogo. — Mas acho que era roxa.

Aristóteles deu de ombros, uma postura um tanto cômica para um homem de sua grandeza.

— Uma ametista, então. A mulher que você viu era Olímpia, mãe de Alexandre. Na verdade, você vai conhecê-la a qualquer momento — ele complementou, com os olhos voltados para alguma coisa atrás de Riq.

O garoto se virou e enfim pôde dar uma olhada além da cerca viva sobre a qual tinha caído na chegada. Diante deles havia um vasto jardim de gramado verde, arbustos, flores, fontes e árvores — tudo isso disposto em uma espécie de labirinto que parecia ter saído de algum romance de fantasia. Mais adiante viu uma enorme construção em estilo grego, com pilares, afrescos e frisos. Estatuetas circundavam o caminho que ligava a fonte principal à porta de trás do palácio.

Palácio.

*Essa é a palavra certa*, pensou Riq. Alexandre vivia cercado pela opulência.

— Filipe é um homem rico — explicou Aristóteles, enquanto os três observavam a estrutura grandiosa. — Digamos que essa foi a maneira que ele encontrou de manter sua antiga esposa contente.

Dak abriu a boca para dizer alguma coisa, mas naquele momento uma porta se abriu na lateral do palácio e três homens apareceram correndo, empunhando espadas. Três cachorros pretos os acompanhavam, latindo e rosnando furiosamente. Um dos guardas gritou com sua voz trovejante:

— Lá estão eles! Apareceram do nada! Atrás deles, cães! Atrás deles!



Dak sempre gostou de cachorros. Mas aquelas criaturas não eram cachorros. Eram monstros enormes e famintos que queriam devorá-los vivos. E com a sorte que tinha, ele provavelmente era o mais apetitoso do grupo.

— Aristóteles! — ele gritou. — Diz pra eles quem somos!

Ele estava esperando enfrentar Tilda, não as pessoas que tinham ido salvar. O filósofo parecia a ponto de gritar para os homens armados, mas acabou mudando de ideia. Os cães estavam se aproximando depressa demais.

— Acho que em ocasiões como esta a decisão mais sábia a tomar é correr — ele afirmou. Mesmo prestes a morrer esfaqueado, o sujeito ainda falava como um filósofo.

— Corram! — Dak gritou, bem mais objetivo. Mas então ele viu que Riq e Sera já estavam em fuga, se dirigindo a uma área com um monte de cercas vivas bem altas, talvez em busca de um local para se esconder. Aristóteles foi atrás, levantando a túnica como uma mulher de vestido passando por uma poça de lama. Para alguém de sua idade, ele era bem rápido.

Dak quase seguiu na mesma direção, mas os cachorros já estavam quase o alcançando, como se tivessem corrido até lá em uma velocidade impossível. As feras se puseram entre Dak e os outros, e para seu azar os animais decidiram concentrar as atenções nele.

As palavras “picadinho de carne” passaram por sua cabeça enquanto ele estava paralisado, olhando para aqueles monstros horrendos e apavorantes que o encaravam, rosnando intensamente.

— Cachorrinhos bonzinhos — falou Dak, afastando-se com passos lentos. Os animais avançaram, acompanhando seus movimentos, comunicando com o olhar que era melhor não tentar reagir se quisesse viver mais alguns minutos. Com o canto dos olhos Dak viu os guardas correndo pelo jardim, aproximando-se dele.

O garoto ergueu as mãos como se estivesse sob a mira de uma arma.

— Eu não sou seu inimigo! — ele gritou. — Estou aqui para salvar...

Os cachorros não permitiram que ele falasse. Os três saltaram para a frente com a boca aberta.

Um grito de horror escapou da boca de Dak, motivado por uma injeção de adrenalina. Ele se jogou no chão e rolou para a esquerda, escapando por pouco dos dentes do primeiro animal. Logo em

seguida se pôs de pé, contornando aos tropeções a cerca viva sobre a qual caíram quando o Anel do Infinito os levara até ali.

Os uivos e latidos o acompanhavam de perto, e ele era capaz de jurar que estava sentindo a respiração dos animais em seu cangote. Dak correu o máximo que podia, ciente de que não tinha como ser mais rápido que aqueles monstros salivantes. Ele contornou outra cerca viva e viu um pedestal de pedra que segurava uma estátua de Platão. Era sua única chance.

Saltou para uma pequena plataforma quadrada na base da estrutura, e de lá escalou o pedestal. Um dos cães mordeu a barra de sua túnica, mas Dak conseguiu se soltar e escalar um pouco mais Platão, que não pareceu se incomodar.

O garoto estava a uma altura segura. Mais abaixo, os cachorros pulavam, latiam e mostravam os dentes afiados.

— Cachorrinhos bonzinhos — ele repetiu, se sentindo mais ridículo do que nunca. Imaginou se aquelas feras poderiam ser ancestrais de sua velha amiga Vígi.

Nesse momento um dos soldados chegou — os outros deviam ter ido atrás de seus amigos e Aristóteles. Ele parecia ter dezenove ou vinte anos. Cabelos escuros e cacheados cobriam sua cabeça, e seus olhos implacáveis — um azul e o outro castanho — encaravam Dak com raiva. A armadura que protegia o peito brilhava e seus braços eram musculosos. Um sujeito durão, sem dúvida.

— Eu juro que não sou seu inimigo — argumentou Dak, pendurado na estátua, com os braços já cansados.

— Pode até não ser — respondeu o guarda. Ele sacou sua espada brilhante e afiada e apontou para Dak. — Mas eu nunca vou me tornar Alexandre, o Grande, se acreditar nas mentiras de quem quer acabar comigo.

Dak ficou de queixo caído quando o homem que ele deveria salvar avançou em sua direção para matá-lo.

## Um trono dourado

SERA ANDAVA APRESSADA ao lado de Aristóteles, Riq e dois dos três guardas que saíram da casa junto com os cachorros. Não demorara muito para o filósofo convencê-los de suas boas intenções. Ainda assim, havia um problema: Dak não estava por perto, nem os cães, que pareceram extremamente famintos quando o perseguiram pelo jardim.

— Espero que Dak não seja muito apetitoso para os cachorros — Riq murmurou enquanto eles vasculhavam as cercas vivas à sua procura.

Sera deu um soco no braço do mais velho.

— Não tem graça.

— Até que tem, sim — Riq respondeu aos risos, e recebeu em troca um olhar gelado. — Não esquenta. Você acha mesmo que eles deixariam os cachorros matarem um menino que estava brincando no jardim? Com certeza ele...

Riq se interrompeu quando contornaram uma cerca viva e deram de cara com uma cena inusitada. Se já estava achando a situação engraçada, naquele momento tudo ficou ainda mais hilariante. Sera, por sua vez, suspirou aliviada.

Dak estava pendurado na estátua de um homem, agarrado aos braços da escultura, abraçando o tronco com as pernas. Os cachorros estavam na base do pedestal, latindo e avançando no ar, babando em todas as direções. E havia também um soldado alto e forte segurando uma espada com a ponta encostada no queixo de

Dak. O homem, porém, estava sorrindo, e estava claro que não tinha a menor intenção de cortar a garganta do garoto. Provavelmente só queria lhe ensinar uma lição, embora estivesse se divertindo um pouco mais do que deveria.

— Alex — Aristóteles chamou, com uma voz cheia de autoridade. — Abaixе essa espada agora mesmo! E controle esses cães famintos antes que eles arranquem o pé de alguém.

Riq deu uma risadinha ao lado de Sera e desta vez, em vez de bater nele, ela riu também, torcendo para que Dak não visse.

Um dos outros guardas se aproximou e rosnou algumas palavras de comando aos cães — na verdade, os sons que emitiu eram bem parecidos com os dos animais —, que saíram correndo, sem a aparência violenta de antes. Alex — Sera só podia concluir que ele era a pessoa por quem voltaram dois mil anos no tempo — deu um passo para trás e baixou a arma, com um sorriso enorme no belo rosto. Seus cabelos escuros e cacheados balançaram quando ele virou a cabeça para encarar seu antigo tutor.

— Mestre, você deveria ter avisado antes que viria nos visitar. — O brilho inicial em seus olhos logo deu lugar a uma expressão mais severa. — E também acredito que tenha uma boa explicação para aparecer de repente nos jardins *dos fundos* da casa.

Aristóteles se aproximou e abraçou Alexandre.

— Claro, meu garoto, claro. Vamos explicar tudo. — Ele deu um passo para trás, segurando o ombro de seu aluno. — Mas digo que estou muito feliz por encontrá-lo são e salvo. Meu coração está aliviado.

Sera entendia o motivo de tanta emoção. Apenas uma hora antes o filósofo havia recebido a notícia da morte de seu aluno mais famoso. No entanto ali estava ele, vivo e bem.

Alexandre, é claro, não entendeu nada.

— Visitei você um mês atrás. E não tem nada aqui que possa me ferir além das ferramentas do jardim. Mestre, guarde sua preocupação para quando eu for guerrear ao lado de meu pai, o *hegemon*.

Alexandre demonstrava uma grandiosidade ao falar que deixou Sera impressionada. Apesar de jovem, havia um quê majestoso nele.

— Hã, com licença?

Sera e todos os demais se viraram para Dak, que continuava pendurado na estátua.

— Os cachorros já foram embora — Riq falou. — Tem algum motivo pra você ainda estar pendurado aí como um enfeite de Natal brega?

— Tem, sim. Subir aqui com os cachorros nos meus calcanhares foi moleza, mas agora não sei como descer. E por mais que eu goste de Platão...

Riq e Sera o ajudaram a apoiar os pés e se equilibrar até descer. Em seguida, o garoto ajeitou as roupas e soltou um suspiro.

— Fugir de animais devoradores de gente não é moleza, não. Vocês deveriam tentar algum dia.

Eles ficaram em silêncio por um instante, com um clima estranho pairando no ar. Foi Aristóteles quem quebrou o gelo.

— Hora das apresentações! — ele exclamou, empolgado até demais. O filósofo limpou a garganta e contou quem era quem. Quando chegou sua vez, Dak fez questão de apertar a mão de Alexandre.

— Sempre quis te conhecer — falou Dak. — Apesar de nunca ter aprendido muito sobre você antes que os Guardiões...

— Muito bem, muito bem — interrompeu Aristóteles. — Agora que somos todos amigos, vamos para o conforto do palácio. Alex, acho que nem preciso dizer que temos muito que conversar.

O jovem assentiu e enfim pôs a espada de volta na bainha.

— Sim, parece uma boa ideia, mestre. Mas devo avisar..

— O quê? — questionou o filósofo.

Alexandre encarou de novo as pessoas que havia acabado de conhecer.

— Acho que minha mãe não vai ficar muito contente em te ver.



Se o exterior do palácio de Olímpia já era lindo, o interior deixou Sera sem palavras. A mãe de Alexandre — ou quem quer que fosse responsável pela decoração — obviamente gostava de objetos estrangeiros. Havia cerâmicas egípcias, tapetes persas, estátuas de bronze italianas e móveis de variados formatos e tamanhos, todos de diferentes origens. Sera desejou poder transportar tudo aquilo para o futuro — adoraria viver em um lugar com tanta variedade e estilo.

Quanto a Olímpia, era tão linda e glamorosa como a casa.

Seu cabelo negro chegava até a cintura, com fitas e correntes de ouro e prata trançadas por toda sua extensão. O vestido branco impecável parecia brilhar, destacando ainda mais sua linda pele morena e seus olhos verdes reluzentes. A ametista mencionada por Aristóteles estava pendurada em seu pescoço. Até seus dentes eram perfeitos, e Sera pensou que deveria ser proibido uma só pessoa concentrar tanta beleza.

— Não te convidei para vir aqui — ela disse a Aristóteles depois de Alexandre fazer as apresentações. Eles estavam sentados em um salão elegante, com móveis de madeira com assentos estofados e tapeçarias coloridas penduradas nas paredes. Uma janela enorme deixava entrar os raios dourados do sol. Olímpia era a única ainda de pé, sua presença tão intensa quanto a da estátua de Platão no jardim.

— Não mesmo — respondeu Aristóteles, permanecendo surpreendentemente firme depois da provocação. — Mas garanto que temos um bom motivo para estar aqui. Só precisamos de um pouco de seu tempo para explicar.

Nem um músculo se mexeu no rosto de Olímpia.

— Tempo é uma coisa que não tenho.

O filósofo levantou para encarar sua anfitriã nos olhos.

— Eu esperava um tratamento melhor depois de tudo o que fiz por seu filho. Vim aqui avisar sobre uma grande ameaça a ele. — Aristóteles deu uma olhada em Alexandre, que estava sentado em silêncio em uma cadeira no canto da sala, analisando cada palavra e

movimento à espera de mais informações. — Recomendo e insisto que sente e escute.

Olímpia encarou o visitante e ficou imóvel por um tempo que para Sera pareceu uma hora inteira. Mas então abriu um sorriso, como se nada tivesse acontecido. Assentindo de leve, ela se acomodou na maior poltrona do ambiente, revestida em seda e com uma estrutura que parecia de ouro maciço. Como uma rainha em seu trono.

— Muito bem — ela falou com autoridade. Em seguida, seus olhos se voltaram para o lugar vazio no sofá ao lado de Sera. — Sente-se, por favor. — De alguma forma estava invertendo a situação para parecer que era Aristóteles quem estava sendo teimoso.

O filósofo, porém, não se deixou abalar. Ele se sentou em um gesto apressado e foi logo dizendo:

— Nós descobrimos uma conspiração de assassinato.

Pela primeira vez a pose da mulher se desfez um pouco — seus olhos se arregalaram e seus lábios tremeram de leve. Sera sabia por quê. Ela devia achar que Aristóteles estava falando sobre seu plano de matar o rei Filipe. No entanto, Olímpia logo recuperou a postura e esperou mais informações.

— Alguém quer ver seu filho morto, Olímpia — continuou Aristóteles. — E não posso dizer como nem por que nós sabemos, mas essa pessoa está vindo aqui para matá-lo. Precisamos trabalhar juntos para impedir que isso aconteça.

— E por que eu deveria acreditar em você? — rebateu Olímpia. Sera sentiu vontade de rosnar como os cães no jardim. Ela não gostava nem um pouco daquela mulher.

— Porque confiou em mim durante anos para ser tutor de seu filho e educá-lo no caminho da sabedoria e da luz. Se duvidar de mim ou recusar minha proteção, serei obrigado a pensar que está tramando alguma maldade para o futuro próximo.

A tensão no ambiente era palpável. Sera prendeu a respiração.

Olímpia esperou. E esperou. E esperou mais um pouco. A mulher tinha a paciência de um crocodilo. Por fim, resolveu responder, e

Sera achou que nunca mais iria respirar de novo depois de ouvir suas palavras:

— Você deve estar falando da minha nova amiga, Tilda.

## Lição aprendida

DAK SENTIU VONTADE DE LEVANTAR E FAZER UM ESCÂNDALO, exigindo explicações. No entanto, estava tão atordoado pelo que Olímpia dissera que não conseguiu fazer nada além de ficar ali sentado, encarando a mulher. Os outros reagiram da mesma forma. A mãe de Alexandre percebeu o efeito que causou.

— Ela me disse que isso poderia acontecer — continuou Olímpia, já que ninguém falava nada. — Nós nos conhecemos no mercado da cidade e ficamos amigas. Ela é tão... diferente, com aqueles cabelos que brilham como ferro em brasa. Fico sempre ansiosa para encontrá-la. Na verdade, eu a convidei para vir aqui conhecer Alexandre. Não é sempre que permito visitas.

Dak fechou os olhos por um instante e balançou a cabeça. *O que está acontecendo aqui?*

— Alguém pode fazer o favor de me explicar esses absurdos? — Alexandre falou de sua cadeira no canto da sala. — Meu professor diz que existe um plano para me assassinar, e depois minha mãe fala que sua nova amiga previu que isso iria acontecer. Expliquem-se.

Dak olhou para ele, surpreso. O herdeiro do *hegemon* estava com as pernas cruzadas, recostado no assento em uma pose casual, mas mesmo assim emanava autoridade. Até sua mãe pareceu afetada por aquele ar de comando. Ela parou para pensar um pouco antes de responder.

— Tilda é uma pessoa maravilhosa, gentil e altruísta, meu filho. Ela me contou que esses... essas crianças — olhou feio para cada um

dos três — tinham fugido de casa e agora estavam em nossas terras, causando problemas. Não quero te cansar com detalhes, você só precisa saber que eles têm um plano de vingança contra minha linda amiga, que me alertou que viriam aqui dizer coisas horríveis sobre ela. Sua sabedoria e clarividência estão mais do que comprovadas.

Dak não conseguia suportar nem mais um segundo daquela conversa ridícula.

— Ela fez uma lavagem cerebral em você! Isso é o que ela faz. Age como se fosse meiga e gentil, e depois te apunhala pelas costas. Já parou para pensar que pode existir um *motivo* para falarmos essas coisas? Se ela é tão perfeita assim, por que precisaria te alertar que nós íamos... alertar sobre ela? — Dak soltou um grunhido. Ele estava fazendo papel de bobo.

Sera parecia concordar e lançou seu olhar característico para Dak antes de falar:

— O que meu amigo está dizendo é que essa mulher, Tilda, é muito boa em convencer as pessoas de que está dizendo a verdade. Ela é a líder de um... um grupo... que é muito cruel. — Depois disso, foi sua vez de soltar um grunhido.

Dak precisou segurar o riso. Pelo menos ele não era o único a fazer papel de bobo.

Olímpia levantou, cruzou os braços e deu alguns passos à frente.

— Eu já sou bem crescadinha para saber como me cuidar. Sei quando uma pessoa tem boa índole e quando é... qual foi mesmo a palavra que você usou? — Ela olhou para Sera. — *Cruel*. Sim, eu sei muito bem, acredite... — Ela se interrompeu e seu olhar pareceu distante. Dak percebeu que ela estava pensando no rei Filipe. O homem que partiu seu coração e era o obstáculo no caminho de grandeza de seu filho.

— Olímpia, por favor — Aristóteles pediu com um tom suave. — Por favor, escute. Confie em nós. Passei boa parte da minha vida educando seu filho, preparando-o para um futuro grandioso. Não

poderia suportar se ele morresse assim. Alex está em perigo, e acredito mesmo que seja por causa dessa mulher. Essa... Tilda.

— Pode deixar que eu decido isso — ela respondeu. — Estou bem protegida. Quando ela chegar aqui, caso eu sinta algum...

— Mãe! — gritou Alexandre. Ele levantou em um pulo e foi praticamente correndo até onde ela estava. Por um instante, Dak pensou que ele fosse derrubá-la como um jogador de futebol americano. Mas Alexandre parou diante dela e a segurou pelos ombros. — Você contou para essa mulher onde moramos? Onde fica nossa casa? Você fez isso?

Olímpia pareceu chocada com a reação do filho e arregalou os olhos, tentando se afastar. Por fim, assentiu tímida. Dak se perguntou se naquele momento ela não estaria se desvencilhando da lavagem cerebral executada por Tilda.

Alexandre a abraçou e lhe deu um beijo no rosto.

— Eu te amo, mãe, mas me atiraria aos tubarões se meu professor pedisse. Confio nele do fundo do meu coração e da minha alma. Você não deveria ter feito isso. Não deveria ter contado onde moramos.

— Você confia mais nele do que em *mim*? — ela rebateu, com uma expressão desolada.

— Não estamos disputando as Olimpíadas. Isto não é uma competição. Eu confio nos dois.

Apesar da empolgação por ter ouvido Alexandre falar das Olimpíadas — que surgiram na Grécia muito antes de serem retomadas na era moderna —, Dak estava inquieto. As coisas não estavam saindo como o esperado. Tilda era esperta demais.

Ele notou que Aristóteles o encarava.

— Alguma sugestão? — perguntou o homem.

Dak queria ter uma câmera para registrar aquele momento. Aristóteles estava lhe pedindo conselhos!

— Eu diria pra trancarmos Alexandre em um armário e deixar os guardas e os cães vigiando a porta por uma semana.

Era uma sugestão inviável, mas Dak não sabia o que fazer para garantir que Tilda não o matasse.

Alex sacou a espada e apontou para Dak.

— Já esqueceu da lição que deveria ter aprendido lá na estátua? Eu pareço ser do tipo que aceita ficar escondido dentro de um armário?

Dak sacudiu a cabeça. A cada minuto que passava, ele gostava mais do sujeito.

— Bom menino. — Alexandre guardou a espada na bainha. — Agora vamos até o mercado encontrar essa mulher que pelo jeito quer me ver morto. Ela também precisa de uma lição.

Sem esperar uma resposta, como se acreditasse que qualquer ser humano tinha a obrigação de obedecê-lo sem questionamentos, Alexandre saiu da sala. Todo satisfeito, Dak o seguiu.

## Visita

RIQ SE JUNTOU AOS DEMAIS e cruzou os salões do palácio na direção da porta da frente, descendo as escadas de mármore e enfim chegando ao imenso gramado que se estendia como um mar verde diante deles. Alexandre não hesitou nem por um instante, continuou seguindo em frente, com os músculos contraídos, como se estivesse se controlando para não correr.

Os dois guardas que o acompanhavam antes reapareceram, posicionando-se logo atrás dele. Em seguida vinha Aristóteles, caminhando confiante. Depois Olímpia, agora sem a pose segura que demonstrara antes.

Atrás deles, Riq, Sera e Dak se esforçavam para acompanhar seus passos, a garota no meio dos meninos.

Riq se inclinou para mais perto dela.

— Você acha que ela vai estar lá?

— Não sei — respondeu Sera, dando de ombros. — Mas, como provavelmente já arruinamos seu plano inicial, precisamos ficar sempre perto de Alexandre.

Dak soltou um risinho de deboche.

— Como se a gente pudesse fazer alguma coisa para proteger o cara. Olhem só pra ele. Ele consegue nocautear três ursos usando só o dedinho.

— Você esqueceu seu cérebro em algum lugar? — Sera rebateu. — Acabamos de ficar sabendo que ele foi morto por Tilda.

— Sim, mas ela deve ter sido sorrateira para isso. Agora que ele está avisado, com certeza vai saber se virar. Cara, talvez a gente até já tenha corrigido a Fratura Fundamental. Minha nossa. E se for verdade?

Riq não prestava muita atenção na conversa, observando uma movimentação mais adiante: um grupo de pessoas onde o gramado se encontrava com a estrada. Mas as palavras de Dak foram registradas por seus ouvidos. O garoto podia estar certo. Ele sentiu uma pontada de esperança.

Então mirou mais à frente.

— Quem é aquele pessoal ali? — ele perguntou. Havia vinte ou trinta pessoas que saíram da estrada e caminhavam na direção do enorme palácio de Olímpia.

— Não sei — Sera respondeu —, mas eles não... — Ela se interrompeu e parou de andar.

Riq fez o mesmo.

— O que foi? — ele perguntou.

Logo depois de perguntar, porém, ele viu o que foi. Atrás dos homens que se aproximavam — com passos apressados e postura ameaçadora — estava uma mulher praticamente escondida, pois era menor que os demais. No entanto, de tempos em tempos dava para ver seu cabelo vermelho-vivo.

— Esperem! — Dak gritou para Alexandre e os guardas. Aristóteles e Olímpia pararam. — Tilda está aqui!

Alex se virou. Seu rosto não tinha nenhuma gota de suor e sua respiração não estava nem um pouco acelerada. Nada indicava que ele estivera praticamente correndo até então. Ele encarou seu professor.

— Foi sobre essa mulher que você veio me alertar? — Em seguida, se voltou para a mãe. — Essa é a sua amiga do mercado?

Os dois assentiram.

Alexandre sacou a espada da bainha e seus dois guardas fizeram o mesmo. O som do metal raspando no couro rígido ressoou no ar como o canto de um pássaro.

— E a sua amiga precisa ser escoltada por vinte soldados só para fazer uma visita? — questionou Alex.

Riq estava de olho no grupo que se aproximava e constatou que o filho do *hegemon* estava certo. Os homens que marchavam protegendo Tilda em semicírculo estavam uniformizados e armados, assim como Alex e seus guardas. O brilho de armaduras, elmos, lâminas e lanças reluzia sob o sol, ofuscando os olhos de tempos em tempos.

Olímpia estava pálida, como se tivesse envelhecido dez anos em um minuto, o olhar carregado de preocupação.

— Eu não entendo. As coisas estão ficando complicadas demais.

*Isso não faz mais diferença*, pensou Riq. O confronto era inevitável, e o garoto e seus amigos estavam em um número muito menor. A linha de frente dos soldados parou a mais ou menos dez metros de Alexandre, mas Tilda continuou andando, passando pelos soldados e se posicionando em evidência.

Com o cabelo ruivo e o lábio pintado de preto, o resto da pele ficava fantasmagórica. Ela vestia uma roupa justa, vermelho e cinza, que destoava de todas ao redor. Seu rosto não demonstrava nenhuma expressão. Na mão direita ela segurava um dispositivo reluzente com o formato do símbolo do infinito.

O Anel da Eternidade.

— Olá, Olímpia — Tilda falou com a voz tão suave que quase convenceu Riq que a simpatia era verdadeira. Por uma fração de segundo, ele sentiu um leve desejo de ouvir o que ela iria falar. Sua presença era magnética, como se ela lançasse feitiços capazes de hipnotizar e manipular quem quisesse. — Que bom te ver de novo. Mais uma vez, obrigada por me convidar para uma visita a sua linda casa. Vejo que é um lugar perfeito para morar.

— Você sempre contrata um bando de capangas quando visita suas amiguinhas? — Riq questionou, sentindo o coração acelerar. Ele ficou surpreso ao notar que Tilda também tinha um dispositivo de tradução como o dos Guardiões da História. A SQ provavelmente roubara essa tecnologia também.

Tilda balançou a cabeça e encarou os soldados que a acompanhavam.

— Eu não vou mais correr riscos, como vocês podem ver. Não é a primeira vez que volto no tempo para cumprir a missão da SQ. — Ela pareceu hesitante ao pronunciar aquelas últimas palavras, que saíram quase sussurradas, e cambaleou para a esquerda como se tivesse perdido o equilíbrio. — Contratei todos os mercenários que pude encontrar na cidade e sabia que vocês estariam aqui.

Ela apontou para um lugar atrás de Riq, onde uma mulher estava parada ao lado de uma árvore, encarando-os. Inacreditavelmente, era Tilda, uma outra versão de Tilda, com o Anel da Eternidade na mão. Segundos depois, ela acionou o dispositivo e desapareceu em um borrão de luz e som. Todos prenderam a respiração, surpresos.

Riq se virou e gritou com a Tilda que ainda estava lá:

— Você é maluca?

— Você não pode ser irresponsável com o tempo desse jeito! — Sera acrescentou. — Não é à toa que mal consegue parar de pé. Ir de uma época para outra com o Anel vai acabar fritando seu cérebro. Isso sem contar o que pode acontecer com a realidade!

Dak observava o lugar onde a outra Tilda desaparecera. Aristóteles, Olímpia e Alexandre — e até mesmo os aliados de Tilda — estavam boquiabertos, sem entender nada.

Tilda cambaleou outra vez, mas deu alguns passos à frente como se quisesse fingir que era proposital.

— Podem dizer o que quiserem e fingir que têm ideais elevados. Mas, acreditem em mim, os Guardiões da História *não entendem* o que está em jogo aqui. Nós podemos nos enfrentar e até morrer agora. Mas se vocês me escutarem... — O rosto dela se contorceu em uma careta de frustração, e um pedacinho da mente de Riq chegou a pensar outra vez em lhe conceder o benefício da dúvida.

— Eu não te conheço — Aristóteles disse, sua voz mais grave e ressonante do que nunca. — E não faço ideia do que vai acontecer no futuro, nem da extensão do conflito entre a sua... SQ e os

Guardiões da História. Mas sei que dialogar, tentar chegar a um entendimento, deve ser a maneira mais sábia de agir no momento.

*Principalmente por estarmos em um número três vezes menor que eles,* pensou Riq, amargurado.

Tilda deu alguns passos à frente, se dirigindo apenas a Dak, Sera e Riq.

— Eu sei que vocês pensam que a SQ fez coisas ruins, terríveis. Mas, acreditem, nós não somos idiotas. E não somos maus. Na verdade, eu sei de uma coisa que vocês não sabem... que nenhum Guardiã da História sabe.

— E o que é? — Riq questionou.

Tilda respondeu com calma, sua expressão imperturbável:

— Como impedir o Cataclismo.

## Conferência entre amigos

SERA SENTIU AS TÊMPORAS LATEJAREM como se o ar estivesse carregado de estática. Ela já encontrara Tilda antes, e nunca tinha sido uma experiência agradável. Desta vez, porém, era diferente. A própria mulher parecia mudada. Desesperada. Parecia mais perigosa do que nunca.

— Você não faz ideia de como impedir o Cataclismo — Dak falou. — Os imbecis da SQ estão fazendo de tudo para ele acontecer! — ele completou, elevando a voz a cada palavra.

Tilda riu, mas como se tivesse ouvido uma afirmação terrível, e não divertida. Também fez uma careta, como se alguma parte de seu corpo estivesse doendo. Sera entendia por quê. Depois de viajar no tempo muitas vezes seguidas, a sensação era como ter o corpo esticado em um instrumento de tortura medieval.

— Fazendo de tudo para ele acontecer? — ela repetiu quando se recuperou. — Pensei que vocês fossem inteligentes. E devem ser, ou não teriam sido recrutados pelos Guardiões da História para corrigir as tais Grandes Fraturas... — Ela se interrompeu, encarando os três. Alexandre e os demais apenas observavam. — Vocês são inteligentes, certo? Ou estou enganada?

— Claro que somos — Sera esbravejou. — O que você está tentando dizer?

Tilda ergueu um dedo no ar.

— Isso. Exatamente isso. Por que nós nos dedicaríamos tanto, sacrificando vidas, perdendo tempo e gastando uma imensa

quantidade de dinheiro para trabalhar para uma organização que promove o fim do mundo? Que sentido isso teria? Se queremos governar a humanidade, por que destruir o lugar onde ela vive? Seria loucura. É uma ideia absurda, nem um pouco inteligente.

Sera queria dizer alguma coisa, retrucar de alguma maneira. Mas as palavras entalaram na garganta. Por mais que detestasse admitir, aquele era um argumento convincente.

Tilda pareceu perceber que estava levando a melhor na discussão.

— Nossos métodos foram um pouco extremos, admito. Mas nós fomos duros porque precisamos ser. Sim, governamos com punho de ferro, e fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para impedir que esse homem — ela apontou com o queixo para Aristóteles — conseguisse bagunçar a estrutura do mundo, causar o Cataclismo que vocês pensam que estão impedindo.

Ela fez uma pausa e respirou fundo.

— O tempo e o espaço estão como deveriam. O tecido da realidade está como deveria. O que vocês estão fazendo, alterando o passado, mudando o rumo de eventos importantes, é que vai destruir tudo. Esse jovem... — Tilda fez uma pausa e lançou um olhar de tristeza para Alexandre. — Ele vai morrer. Ele precisa morrer, pelo bem da humanidade. Seja pelas mãos de Pausânias ou pelas minhas. Estou aqui para convencer vocês a deixar que isso aconteça. Por bem ou por mal.

Ela não precisava dizer mais nada. Sera engoliu em seco, em dúvida quanto a sua missão pela primeira vez. Aristóteles era o fundador dos Guardiões da História — seria possível que ele tivesse criado a organização por motivos egoístas? Por simplesmente não aceitar o assassinato de seu aluno favorito? Será que a questão em jogo não era o tecido do tempo, e sim um homem ressentido tentando salvar um garoto importante para ele? Sera detestava admitir, mas estava em dúvida.

— Então por que tantos desastres naturais? — ela perguntou a Tilda. — Você sabe a que estado o mundo chegou. Além disso, fui

para o futuro e vi o Cataclismo com meus próprios olhos. E o mundo ainda estava sendo governado pela SQ.

— Exato — rebateu a mulher. — Você viu. Foi até o futuro depois de corrigir algumas das tais Fraturas dos Guardiões da História. Viu o mundo catastrófico que isso criou. Mas você é esperta. Se pensar a respeito, vai ver que tenho razão.

Aristóteles deu as costas para Tilda e se aproximou de Sera e seus amigos. Alexandre, seus guardas e Olímpia fizeram o mesmo. Formaram uma roda para deliberar sobre o destino do mundo. Talvez até do universo. *Nada de mais*, pensou Sera.

— Não confio nessa mulher — Alexandre disse. Ele ainda segurava a espada, como se estivesse disposto a atacar qualquer um que discordasse.

— Nem me fale — Dak respondeu. — Minha confiança nela é tão grande quanto as chances de Riq ganhar uma luta contra Sera.

Riq franziu a testa por um momento, confuso, mas deu de ombros em seguida.

— Ela é uma farsante. Se diz para fazermos uma coisa, vou fazer justamente o contrário.

Sera olhou para Olímpia, mas a mulher ficou em silêncio, pensativa.

Aristóteles coçou a longa barba e suspirou alto. Em seguida, tomou a palavra:

— Essa mulher acredita no que está dizendo. Disso eu não duvido. Mas existe algo de... obscuro nela. Isso sem falar que ela apareceu aqui trazendo vinte homens armados para matar o rapaz que passei anos treinando para ser um grande rei. Além disso, sinto que existe bondade em vocês.

Ele deu um passo à frente e apertou o ombro de Dak, então os de Sera e Riq.

— Não tenho a menor dúvida, para ser sincero — disse o filósofo. — Não vou permitir que essa mulher tire a vida de Alexandre, seja em nome de Hades ou de Zeus.

— Ele é o *Filho* de Zeus — Olímpia murmurou, distraída.

— Não preciso da sua ajuda — disse o jovem herdeiro, com os olhos marejados. — Mas agradeço a oferta.

O medo correu pela espinha de Sera como um inseto rastejante. Eles só tinham três soldados e Tilda havia trazido vinte.

— O que você está pensando? — Dak perguntou baixinho.

Ela deu de ombros.

— Não sei o que podemos fazer.

Dak se virou para Alexandre.

— Você não pode chamar mais gente? Estamos em uma tremenda desvantagem aqui.

Alex girou a espada na mão.

— Hoje vocês vão conhecer a grandeza de Alexandre — foi tudo o que disse, e a frase soou como se fosse digna de ser inscrita em pedra.

O jovem se afastou da roda de amigos em direção a Tilda.

— Minha senhora! — ele gritou. — Conversamos com meu mestre e conselheiro, o homem mais sábio que este mundo já viu. Nossa decisão não foi difícil. Rejeitamos sua proposta cínica e ordenamos que deixe as terras de minha mãe, Olímpia do Épiro, filha do rei Neoptólemo. Vá embora, ou seu castigo será severo.

— Que seja.

Tilda balançou a cabeça e se afastou com passos lentos para trás, sem tirar os olhos de Alexandre. Os soldados mercenários abriram caminho para que ela passasse, e em pouco tempo formaram um escudo humano armado e furioso de novo.

— Acabem com eles — a mulher ordenou, com a tranquilidade de um comandante.

— Mas, Tilda! — protestou Olímpia, finalmente saindo de seu estupor. — Você era minha amiga! Nós éramos quase irmãs!

Tilda franziu a testa.

— E tratem de acabar com ela também.

## Uma dança na grama

QUALQUER RESQUÍCIO DE EMPATIA OU COMPREENSÃO que Riq ainda tivesse por Tilda desapareceu como uma gota d'água atirada em uma fogueira. Quase deu para sentir a ideia abandonando sua mente, como se fosse palpável. Aquela mulher tinha feito de tudo para executar uma lavagem cerebral neles, mas o encanto enfim se quebrou.

Os soldados começaram a marchar em formação, apontando suas espadas, adagas e lanças. Seus passos aceleraram para um trote, e depois uma corrida. Os gritos de guerra se ergueram no ar, e eles atacaram, seguindo as ordens de sua comandante.

Riq sentiu um arrepio de pavor, sabendo que jamais seriam capazes de enfrentar aqueles grandalhões armados. A não ser que conseguissem derrubar um ou dois soldados, talvez roubar suas armas...

Ele olhou para seus amigos e ficou com o coração apertado ao notar o quanto estavam assustados. Riq tomaria a frente, então. Faria esse sacrifício para garantir que a missão não fracassasse ali, tão perto da última vitória.

Ele deu um passo à frente. Sera segurou seu braço.

— O que você está fazendo? — ela sussurrou.

— Esperem — Alexandre disse de repente.

Riq, até então concentrado no grupo trazido por Tilda, se virou e viu que o filho do *hegemon* e seus dois guardas estavam em formação, em posição de luta com as espadas em punho.

— Esperem — repetiu o futuro rei, mais alto, porque o pequeno exército rival se aproximava, gritando, berrando, apontando as armas e pisoteando o gramado como um tropel de cavalos. — Esperem! — gritou mais uma vez, com uma voz trovejante que superou todo o ruído ao redor. O exército rival estava a menos de cinco metros de distância. — *Agora!*

Riq teve um sobressalto ao ouvir o último grito, que ecoou nos escudos dos soldados. Em seguida, testemunhou movimentos tão rápidos que pareciam impossíveis.

Alexandre e seus guardas avançaram, as espadas cortando o ar como se impulsionadas por uma máquina poderosa, rasgando tudo o que encontravam pela frente. Na outra mão, usavam adagas, que atingiam os lugares mais inesperados, abatendo os inimigos com a mesma precisão das lâminas maiores. Um a um os soldados de Tilda foram caindo, contorcendo-se de dor, sangrando e berrando. Alexandre parecia um furacão humano. Seus movimentos pareciam indistintos de tão velozes; seus pés dançavam sobre a grama, e sua espada brilhava sob o sol enquanto cortava um homem atrás do outro.

Riq observava dividido entre a surpresa e a vontade de pular e torcer por seu herói. Dak não teve o mesmo pudor. Estava gritando, saltando e socando o ar.

Olímpia ostentava um sorriso enorme, toda orgulhosa. Ela se virou para os demais e falou por cima dos sons da batalha:

— Ele é o maior guerreiro que já existiu. E um dia vai ser um grande rei. Dediquei minha vida para que isso acontecesse.

Essa última parte deixou Riq apreensivo, pois ele sabia qual truque a mulher guardava para garantir que Alexandre se tornasse o *hegemon* o quanto antes.

— Ei, olha! — Sera gritou, apontando para um ponto além do local onde Alexandre e seus companheiros pouco a pouco consolidavam sua vitória.

Tilda estava correndo com o Anel da Eternidade na mão na direção de algumas árvores na lateral do gramado.

— Desta vez não — Riq falou, mais para si mesmo do que para qualquer um, quando disparou atrás de Tilda. Ele não a deixaria escapar de novo. — Vamos lá! Antes que ela viaje no tempo outra vez.

Ele ficou surpreso por Tilda não ter programado o dispositivo com antecedência, como precaução. Ela estava mesmo confiante de que tinha a vitória nas mãos.

Dak e Sera seguiam em seu encalço — Riq conseguia ouvir a respiração dos dois, mas não podia olhar para trás. Tomando cuidado para não tropeçar, ele mantinha os olhos em Tilda, tentando fazer a trajetória mais curta possível, sem correr o risco de ser decapitado por uma espada.

Tilda alcançou as árvores e se escondeu atrás de um grande carvalho no mesmo momento em que Riq desviou do último soldado e começou a percorrer os últimos metros do gramado. A respiração do garoto estava acelerada e o peito queimava. Fazia tempo que não corria tanto. Eles estavam perto da vitória. *Muito perto*. E ele sabia que, se Tilda escapasse de novo, colocaria tudo a perder.

— Vai rápido! — Dak gritou logo atrás.

— O que você acha que estou tentando fazer?! — Riq gritou em resposta, ofegante.

Ele chegou às árvores e não diminuiu o ritmo, avançando apressado em meio às sombras. Olhando de um lado para o outro, tentou encontrar Tilda, apavorado com a ideia de que ela já estivesse em um buraco de minhoca. Riq enfim desacelerou, para não passar direto por ela. Dak trombou nele e os dois caíram. Riq grunhiu e fez força para arrancar Dak de cima dele e poder se levantar.

— Ali! — Sera gritou, apontando.

Riq não parou para perguntar. Levantou e disparou na direção apontada como um corredor depois do tiro de largada. Ele contornou uma árvore e lá estava Tilda, ajoelhada no chão, mexendo desesperada nos controles do Anel da Eternidade. Ele então correu mais rápido do que imaginava ser capaz. Tilda olhou

para ele e franziu o rosto, com uma postura tensa. Riq viu a mão dela se mexendo para apertar o último botão, aquele que a levaria para longe.

— *Não!* — ele gritou, dando um salto.

Seus ombros acertaram em cheio o corpo de Tilda, derrubando o Anel de suas mãos. Com o canto do olho, ele viu o dispositivo quicar e cair sobre uma pilha de folhas. Ele e Tilda rolaram pelo chão umas três vezes antes de parar.

— Me solta! — ela berrou. — Me solta!

Com uma força surpreendente, ela conseguiu se desvencilhar. Riq levantou depressa e correu na direção do Anel da Eternidade, mas Sera já o alcançara. Ela segurou o dispositivo junto ao corpo, protegendo-o com os dois braços. Dak estava ao seu lado, e os dois estavam tão ofegantes que pareciam ter ficado debaixo d'água por uns cinco minutos.

Riq se virou para Tilda bem no momento em que ela deu um tapa em seu rosto. Foi doído, e o impacto o fez cambalear para trás.

— Como ousa? — ela gritou, com os olhos faiscando de ódio. — Vocês não sabem o que estão fazendo! Não fazem ideia! Se tivessem metade da visão que nós temos, pegariam uma adaga agora mesmo e enfiariam no coração de Alexandre!

Riq não respondeu. Nem Dak ou Sera. Eles ficaram encarando a mulher, observando a insanidade mal contida vir à tona. Ela estava perdendo a cabeça de vez. Riq não tinha a menor dúvida de que Tilda jamais poderia ter nas mãos um dispositivo como o Anel da Eternidade.

— Me devolve isso — ela falou para Sera em um tom calmo, quase assustador. — Me devolve numa boa, e eu prometo que a SQ não vai se meter com os seus pais.

Sera prendeu a respiração, assustada, e Riq notou que as palavras da mulher tinham magoado a amiga. Nesse momento, seu ódio por Tilda cresceu um pouco mais e o fez tomar uma decisão.

Riq andou até Sera e estendeu a mão.

— Eu sei o que fazer.

Ele viu a dúvida em seus olhos por um instante. Tilda havia abalado a convicção da amiga. Mas a garota logo recobrou o juízo, sorriu e entregou o dispositivo. Riq sentiu a superfície lisa e fria e pensou no impressionante poder por trás daquela peça no formato do símbolo do infinito. Virando-se para Tilda, ele disse:

— Você poderia ter feito muitas coisas boas para o mundo.

Em seguida, bateu o dispositivo com força contra o tronco da árvore mais próxima.

— Para com isso! — gritou Tilda — *Para!*

Mas Riq não parou. Bateu o dispositivo na árvore de novo e de novo. Com todas as forças, colocando em cada golpe o seu ódio por aquela mulher, atingindo o tronco sem parar até ouvir dois estalos seguidos, e depois um som de metal se rompendo, seguido por mais estalos.

Com um último golpe, o Anel da Eternidade se desfez em pedaços, caindo no chão em uma chuva de destroços afiados. Enquanto isso, Tilda chorava como uma garotinha perdida.

## Saindo de cena

DAK TEVE SENTIMENTOS CONFLITANTES ao ver Riq destruir enlouquecidamente o Anel da Eternidade. Por um lado, gostou de ouvir os gritos de agonia de Tilda — ela estava recebendo o que merecia —, mas, por outro, destruir um dispositivo tecnológico tão valioso não era uma das coisas mais inteligentes que seu amigo já tinha feito. Em termos de teatralidade, porém, Riq merecia nota dez.

Quando finalmente terminou, deixando cair o último pedaço de metal, Riq deu um passo para trás e ficou encarando os outros. Os gritos aterrorizados de Tilda se transformaram em um choro cheio de soluços. Dak quase lamentou por ela, mas então se lembrou de como Tilda era fria e manipuladora.

Riq parecia meio envergonhado do que tinha feito, mas Dak sentiu vontade de comemorar, o que pareceria um tanto inapropriado para aquele momento. Em vez disso, deu um tapinha de leve no ombro do amigo.

— Você fez o que era certo — ele murmurou. — A culpa é toda dela.

Sera estava bem ao lado e concordou.

— Vamos voltar. Ela não pode mais fazer mal a ninguém. O Anel da Eternidade está destruído, e ela deve ter gastado tudo o que tinha para contratar aqueles mercenários. Vamos embora daqui.

Riq olhou para Tilda, que parecia em estado de choque, encarando os pedaços do Anel enquanto chorava.

— Como assim? Deixar ela aqui? Vai saber o que ela é capaz de aprontar! Essa é a *Tilda*, cara.

— E o que você quer fazer com ela? — Sera rebateu. — Matar? Jogar na cadeia?

— Talvez, mas na ordem inversa — Dak falou, tentando amenizar o clima e fazer os outros rirem. Em vez disso, um olhar gelado como resposta. — Sei lá. Aristóteles deve saber o que fazer com ela.

— É verdade — concordou Sera. — Isso não é problema nosso. Já fizemos nossa parte impedindo ela de ir embora. Vamos voltar e ver se está tudo bem com Alexandre.

Riq murmurou alguma coisa que Dak não conseguiu ouvir, depois correu pelo meio das árvores na direção do gramado. Sera foi atrás e Dak estava prestes a segui-los quando ouviu a voz de Tilda.

— Vocês vão se arrepender — ela sussurrou.

— Ah, qual é? — ele retrucou. — Esquece isso, Tilda. As coisas já não estão ruins o suficiente?

Ela não respondeu. Simplesmente virou as costas e saiu andando.



Ao alcançar Sera e Riq, Dak se deparou com uma cena e tanto no gramado. Os soldados de Tilda estavam caídos no chão, mortos, agonizando de dor ou ajoelhados no chão com as mãos amarradas atrás das costas. Espadas, adagas e porretes sujos de sangue manchavam o verde perfeito da grama.

Alexandre estava ao lado de Aristóteles, observando a cena. Olímpia não estava mais lá — talvez tivesse ido buscar ajuda para a limpeza, alguém para prender os sobreviventes, ou alguma coisa assim.

O filósofo pareceu satisfeito ao ver que Dak e os outros haviam sobrevivido à missão paralela. O alívio no rosto do homem deixou Dak explodindo de felicidade.

— Vocês acham que conseguimos? — Aristóteles perguntou depois de ouvir o que tinham a contar e parabenizá-los. — Salvando

Alexandre, evitamos a Fratura Fundamental de que vocês me falaram?

Dak não sabia o que dizer. O homem achava que eles tinham todas as respostas —, o que até fazia sentindo, considerando que eram do futuro e tudo mais. Só que Aristóteles é que tinha fundado os Guardiões da História. No fundo, Dak esperava que o filósofo dissesse que estava tudo resolvido, o mundo estava salvo, o Cataclismo não aconteceria mais e eles já podiam comemorar. Em vez disso, o homem estava perguntando isso para *e/es*.

Depois de um instante de silêncio constrangedor, Sera enfim respondeu:

— Sinceramente, acho que não dá pra saber. As coisas não aconteceram como o planejado. Tipo, era pra salvarmos Alexandre de um cara chamado Pausânias, no acampamento militar do pai dele.

— *Pausânias?* — Alexandre repetiu, com um tom de irritação. Ele estava limpando a espada, mas interrompeu a tarefa para prestar mais atenção à conversa. — O nobre? Um dos guarda-costas do meu pai?

Sera começou a gaguejar e não conseguia elaborar uma resposta coerente. Dak tomou a palavra, já que era o especialista em história.

— Isso mesmo — confirmou. — Sei que não é bom ouvir isso, mas sua mãe contratou o sujeito para matar o rei Filipe, assim você se tornaria rei mais cedo. Ela não queria que ele te matasse, claro, mas você acabou aparecendo por lá também e... Bom, você sabe como são as coisas. Pá, pum, você morreu também.

Riq olhou feio para ele.

— Que beleza, hein? Estou impressionado com o seu domínio das palavras.

— Só estou contando o que aconteceu. Ou vai acontecer. Sei lá. — Ele olhou de novo para Alexandre, cujo rosto tinha uma expressão bastante séria. — Mas aí Tilda apareceu viajando no tempo e mudou tudo. Tivemos que voltar aqui para te salvar, e agora que você sabe o que está acontecendo, vai ficar tudo bem, certo?

Dak detestava admitir que Riq tinha razão, mas as palavras que saíam de sua boca soavam cada vez piores.

Alexandre não parecia bem. Estava de cabeça baixa, com os olhos em chamas, o rosto vermelho e a respiração ofegante.

— Alex? — Aristóteles chamou. — O que foi? Já corrigimos o rumo das coisas e temos tempo para impedir o plano da sua mãe. Deixe que eu cuide disso, certo?

Mas Alexandre não lhe deu ouvidos. Ele se afastou, ainda sem fazer contato visual com ninguém, sacudindo a cabeça e bufando de raiva. Nesse momento, Olímpia reapareceu com um grupo de criados e guardas para começar a limpeza. Quando a viu, Alexandre ficou louco da vida.

— Como você foi capaz? — ele gritou em um tom áspero. — Como pôde fazer uma coisa dessas?

Ele saiu correndo na direção dos estábulos, sem dar ouvidos quando o chamaram de volta.

Dak encarou seus amigos e depois Aristóteles. Todo mundo parecia chocado, atordoado, sem saber o que fazer. Olímpia foi até eles rápido, parando furiosa em frente ao filósofo.

— Por quê? — ela esbravejou. — Por que você está se metendo na minha vida desse jeito? Só eu sei o que é melhor para o meu filho e o futuro dele! Saia daqui imediatamente.

O filósofo não se deixou abalar.

— Você precisa parar com esse absurdo, Olímpia. Deixe que as coisas sigam seu rumo.

— Filipe vai morrer! — ela berrou, sem sinal da exuberância que Dak notara ao conhecê-la. O corpo dela estremeceu e sua pele estava vermelha de raiva. — Meu filho precisa ser o *hegemon* para levar o mundo a uma era de glória!

Antes que Aristóteles pudesse responder, um cavalo saiu trotando dos estábulos, lançando tufo de grama para cima. Alexandre estava montado sobre ele, com as rédeas na mão, inclinado para a frente.

— Alex! — Aristóteles gritou. — Aonde você pensa que vai montado no Bucéfalo?

*Bucéfalo?*, pensou Dak. *Que nome estranho para um cavalo.*

O herdeiro do rei não desacelerou, muito menos parou. Mas quando passou cavalgando por Dak, o garoto ouviu sua resposta.

— Vou salvar o rei.

Dak sentiu um frio na barriga. As coisas voltaram a ficar bagunçadas. Pelo jeito, a Fratura Fundamental ainda não tinha sido consertada.

## O pergaminho amassado

HOUVE MUITA GRITARIA E DISCUSSÃO NOS MINUTOS SEGUINTEs. E também vários instantes de silêncio constrangedor e olhares vazios. Riq observava sem falar nada.

Aristóteles e Olímpia se encaravam com hostilidade. Dak e Sera tentavam convencer diferentes pessoas a montar em seus cavalos e ir atrás de Alexandre, trazê-lo de volta antes que acabasse sendo morto, como previsto nos livros de história. Ninguém parecia gostar da ideia. Era como pedir a uma zebra para tentar impedir um bando de leões de comer carne fresca.

Riq estava sem reação. Extravasar sua raiva tinha sido bom, mas quando esse momento passou, ele se sentiu vazio. A verdade era que ele gostava de ter um inimigo em quem se concentrar. Tilda fora uma fonte constante de medo, fúria e ansiedade em sua vida. Com a derrota dela, reduzida a um estado patético, só restaram a Riq os medos que ele não podia enfrentar com socos, pontapés e mordidas.

Ele esfregou as mãos, limpando as últimas gotas de combustível que tinham sido deixadas pelo Anel da Eternidade.

De repente Sera estava parada diante dele. Ela segurou seu cotovelo e falou baixinho, para que Dak não ouvisse:

— Riq, o que foi aquilo?

Ele fez uma careta.

— Desculpa. Acho que exagerei um pouco.

Sera sacudiu a cabeça.

— Tilda merecia tudo isso e muito mais. Eu estou falando de antes. Você estava prestes a partir para a briga contra vinte homens armados.

— Sera — ele começou, mas se interrompeu, procurando as palavras mais adequadas. — Você sabe qual é a minha situação. Não posso me arriscar a voltar para o futuro depois que terminarmos tudo isso. A missão...

— A missão é importante — Sera interrompeu. — Mas você também é. — Ela lhe lançou um olhar amistoso e ao mesmo tempo ameaçador. — Desde 1850, você parece disposto a qualquer sacrifício pela missão. Já entrou no caminho de espadas, lanças e bombas. Isso precisa parar, Riq. Mesmo que você não volte para o nosso presente, isso não significa que não tenha seu próprio futuro.

Riq piscou, sem saber o que dizer. Ele estava mesmo sendo tão imprudente? Estava se comportando como um herói ou como um maluco suicida?

— Que tal vocês virem aqui? — Dak gritou. — Precisamos tomar uma decisão.

— Bom, na minha casa vocês não vão fazer isso — avisou Olímpia. Ela tinha recuperado parte da compostura, voltando a se portar como uma princesa. — Aristóteles, você fez muito pela minha família, mas já foi devidamente recompensado por isso. Não é mais bem-vindo aqui. — Ela ergueu a mão para silenciá-lo quando ele ameaçou protestar. — Não. Por favor, chega de brigas por hoje. Respeite a minha vontade e saia. Já.

— Respeitar? — Dak questionou. — Você quer mesmo falar de respeito? Além de tramar o assassinato do rei, agora você sabe que seu filho pode morrer junto, e não vai fazer nada? Que tipo de pessoa é você?

Sera segurou Dak pelo braço, mirando o chão. Riq entendia a situação, mas também sabia que não tinham como influenciar a decisão de Olímpia.

— Ei — Riq falou para o amigo. — Esquece, cara. Vamos embora.

— Vamos — Aristóteles concordou. — Já está claro que argumentar com essa mulher não vai produzir nenhum resultado. Dak, Sera e Riq, vamos procurar um lugar mais acolhedor para conversar.

Eles saíram e Olímpia disse, como despedida:

— Nunca mais voltem aqui.



Eles encontraram abrigo em um galpão abandonado, onde o cheiro de peixe, sal e carne podre se misturava ao aroma das flores que cresciam ao redor. Tudo isso combinado produzia um odor que não era totalmente desagradável, e o estômago de Sera roncou. Eles estavam sentados em bancos de pedra sujos e rachados, tentando decidir o que fazer.

— Vamos ver o lado positivo — Dak começou. — Não estamos pior que antes. Na verdade, estamos até melhor. Agora só precisamos impedir o tal Pausânias de matar Alexandre, o que já era a nossa missão desde o começo. E pelo menos Tilda está fora da jogada. Certo?

Sera não achava isso muito animador.

— Pois é. Mas agora Olímpia pode avisar o assassino, dizer para ele tomar mais cuidado.

— Isso pode ser bom — Riq argumentou. — Ela não quer matar o próprio filho. De repente ela resolve ser mais clara com o sujeito e dizer: “Não mate Alexandre de jeito nenhum”.

Aristóteles balançava a cabeça.

— São todos excelentes argumentos, mas creio que estejam deixando de lado o mais importante. Seja qual for a intenção de Pausânias, Alexandre agora quer seu sangue. Se o rapaz partir em defesa do pai ou quiser vingá-lo, Pausânias vai ter que lutar por sua própria vida.

Dak não levou essa preocupação muito a sério.

— Você viu como ele lidou com aqueles soldados? A não ser que Pausânias seja algum Hércules ou coisa do tipo, acho que nosso Alex está seguro.

— Mas nós sabemos o que aconteceu. — Sera não queria ser impertinente, mas a verdade era que Pausânias *tinha* matado Alexandre, por mais habilidoso que fosse o herdeiro de Filipe. — Ele morreu e não temos nenhum motivo para acreditar que as coisas vão ser diferentes agora.

Dak abriu a boca para retrucar, mas não disse nada. Ela estava certa, e ele sabia.

— E então, o que vamos fazer? — Riq perguntou.

Aristóteles deu a resposta.

— É muito simples, na verdade. Vamos usar seu dispositivo para avançar alguns dias no tempo e viajar para o acampamento do rei Filipe. Quando estivermos lá, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para manter Pausânias longe do *hegemon* e de seu filho. Acredito que posso usar minha influência para isso.

Sera gostou de vê-lo tão confiante.

— Perfeito. É o melhor plano que temos. Só espero que eles acreditem em nós.

Antes que alguém pudesse responder, um soldado apareceu cambaleando e despencou bem diante dos bancos onde estavam sentados. Estava todo machucado, fazendo força para respirar, como se seus pulmões estivessem perfurados. Sera o reconheceu como um dos homens de Tilda. Ela levantou em um pulo, mas ao perceber quão enfraquecido o homem estava, concluiu que ele não representava ameaça. Dak, Riq e Aristóteles também tinham se levantado.

— Aristó... teles — gemeu o homem.

O filósofo se ajoelhou ao lado do homem, mas manteve certa distância, caso fosse uma emboscada.

— Sim. O que foi?

— Vocês... pouparam... a minha vida. — O rosto do homem se contorceu de dor e ele inspirou fundo várias vezes. — Quero...

recompensá-los.

Ele estendeu a mão e revelou um pergaminho. Aristóteles apanhou-o, ficou de pé e leu a mensagem rapidamente. Assim que terminou, seu olhar se voltou para Dak.

— Você disse que talvez seus pais estejam nesta época, certo?

Dak concordou, um tanto hesitante.

— Sim. O que está acontecendo?

— E o sobrenome deles é Smyth, assim como o seu?

— É!

O rosto do filósofo se contorceu de preocupação.

— Não é um nome muito comum por aqui, então não pode ser coincidência.

Sem se preocupar com o fato de estar falando com o grande Aristóteles, Sera gritou frustrada:

— Conta logo!

E foi o que ele fez.

— Parece que Tilda nos deu um último golpe. Se eu bem entendi, Dak, seus pais foram mandados para a linha de frente da próxima batalha do rei Filipe. — Ele sacudiu a cabeça com movimentos lentos e pareceu ficar ainda mais triste. — Um lugar do qual quase ninguém volta vivo, infelizmente.

## Palavra de Aristóteles

A MENTE DE DAK ESTAVA EXPLODINDO, e ele não sabia como lidar com isso. Em um único pronunciamento, Aristóteles lhe deu a melhor e a pior notícia possível. Seus pais estavam vivos e na mesma época que ele. Mas foram mandados para uma guerra que provavelmente os mataria.

— Espera... hã... como é? — ele perguntou, com a certeza de que soava ainda mais ridículo do que se sentia.

O grande filósofo o encarou com ternura e compaixão e o fez sentar.

— Escute — Aristóteles disse —, se isso for verdade, dou minha palavra de que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para salvá-los, assim como salvaremos Alexandre e o rei. Certo?

Dak assentiu. Seu peito doía de estresse e preocupação. Mas ele permaneceu em silêncio enquanto Aristóteles continuava.

— Isto é o relatório de um magistrado do gabinete do *hegemon*. — Ele ergueu o pergaminho e o sacudiu como uma bandeira. — Dois estrangeiros foram entregues às autoridades por uma mulher e seus soldados. O nome da mulher é Tilda, e os... os escravos são os Smyth. Sim, escravos. Agora, preste muita atenção...

Os olhos de Dak se encheram de lágrimas, mas ele permaneceu em silêncio.

— Tilda os acusou de serem fugitivos e de envenenarem seu senhor, algo que com certeza foi ela quem fez. Deve ter sido assim que conseguiu os soldados, aliás. — Ele lançou um olhar preocupado

para o homem caído no chão. — Matando o senhor deles e os “libertando” para que ficassem a seu serviço. Essa mulher é inteligente e diabólica.

— Mas o que isso tem a ver com a frente de batalha? — Sera perguntou. Dak estava abalado demais para dizer qualquer coisa.

— O relatório menciona o pedido de clemência dos dois e a resolução do caso — respondeu Aristóteles. — A princípio eles foram aprisionados e condenados à morte por envenenamento, o mesmo destino do grande Sócrates. Mas puderam optar por ir para a linha de frente na guerra contra a Pérsia. Não é uma boa perspectiva, mas é melhor que a morte imediata. Com sorte, conseguiremos chegar lá a tempo. Sei que o rei Filipe vai entender a situação e tirar os dois de lá. Dou minha palavra, Dak. Juro pelo túmulo de Platão.

Dak deu uma boa olhada no homem, sua longa barba, o cabelo e sobrancelhas grisalhos, a pele enrugada, os ombros largos e os olhos cheios de sabedoria. Nesse momento, entendeu por que Aristóteles entraria para a história como um dos maiores pensadores de todos os tempos. Ele tinha um jeito... *majestoso*.

Dak chegou também a outra conclusão. Uma coisa era ser inteligente — conhecer fatos e personagens em geral e se portar como um sabe-tudo. Mas ser sábio era bem diferente. E Dak queria ser mais do que apenas um garoto esperto.

— Dak? — Sera perguntou. — Você está bem?

Ele desviou os olhos do filósofo e se virou para a melhor amiga. Sera era tudo para ele, assim como seus pais. Ao vê-la parada ali depois de ouvir as palavras de sabedoria de Aristóteles, sentiu seu coração se acalmar, apesar das circunstâncias. Tudo ficaria bem.

— Sim — ele respondeu, com seu estado de espírito elevado. — Estamos quase lá, pessoal. Bem perto de resolver essa parada. Vamos para o acampamento do rei Filipe, contar para ele sobre o tal Pausânias, resgatar meus pais e voltar para o futuro seguro e reconfortante que estamos criando. Quem vem comigo?

O sorriso que apareceu no rosto de Sera era mais de alívio que de qualquer outra coisa. Ela estendeu a mão como um capitão de time

de futebol chamando um grito de guerra. Dak pôs a mão sobre a dela.

Riq revirou os olhos e disse:

— Sem chance, não vou fazer isso. Mas estou dentro.

Dak lançou um olhar dramático para Riq.

— Não deixe a gente aqui que nem bobo, cara.

Com um suspiro, Riq pôs a mão sobre as dos outros dois, e eles deram um grito.

Aristóteles pareceu perplexo com aquele ritual, mas também demonstrava uma boa dose de empolgação.

— Vamos procurar ajuda para este pobre soldado. — A respiração do homem estava bem fraca, mas estável. — Depois podemos descansar, comer e fazer os preparativos. Quando estivermos prontos, vamos usar seu dispositivo mágico para ir exatamente aonde precisamos.



Dois dias depois, Sera estava com seus amigos — e Aristóteles, claro — em uma elevação sobre um vale que se estendia além do horizonte. O que viam ali era como uma cidade sem nenhuma construção permanente: barracas preenchiam o ambiente de uma ponta à outra. Fogueiras, instalações provisórias para os animais e depósitos de armas e suprimentos se espalhavam por todo o local, assim como homens e mulheres em movimentação constante.

— Jamais pensei que viria até aqui — Aristóteles comentou quase reverente. Sera pensou ter notado também uma pontinha de medo em sua voz. — Recebo relatórios sobre o *hegemon* e seu exército há algum tempo. Mas ver tudo com meus próprios olhos... é de tirar o fôlego. Não gosto nem de pensar no que acontecerá com todos esses soldados.

— Não estamos aqui para julgar — Sera falou. Em diversas ocasiões ela enfrentou crises de consciência enquanto corrigia as Fraturas. E ainda se perguntava se não poderia ter feito mais pelas

peessoas que conheceu. Mas as consequências de interferir na história assombravam seus pensamentos. No fim, ela tinha que confiar nos Guardiões da História, colocar as coisas no rumo que eles consideravam correto e torcer.

— Não estou julgando ninguém — respondeu o filósofo, depois de refletir um pouco. — Só estou impressionado com o poder do exército, e não gosto de pensar nas coisas que acontecem em meio aos horrores da guerra e da conquista.

— Eu costumava gostar de pensar sobre isso — Dak falou baixinho. Sera achou que o amigo fosse dizer mais alguma coisa, mas ele ficou em silêncio.

Riq se virou para encarar os companheiros.

— Vamos lá cumprir nossa missão. Viemos de muito longe para fazer isso. Agora precisamos terminar. Nada pode ser pior que o Cataclismo.

Aristóteles limpou a garganta.

— Qual é o plano? — Sera perguntou. — O que fazemos primeiro?

— Acho que não vamos precisar fazer muito — Aristóteles retrucou.

— Como assim? — questionou Sera.

O homem apontou com o queixo para o acampamento.

— Vocês logo vão ver. Nosso *hegemon* não chegou onde está permitindo que estranhos apareçam no acampamento sem uma boa explicação. Esperem e verão.

Eles se viraram para o vale outra vez, e em pouco mais de um minuto um grupo de soldados veio galopando na direção deles, levantando poeira da grama seca.

Um dos cavaleiros se desgarrou da tropa. Ele usava uma armadura leve, com o rosto quase todo escondido pelo elmo dourado. Quando conseguiu ver seus olhos e boca, porém, Sera constatou que o sujeito não estava muito feliz. Parecia disposto a atropelá-los, mas parou o cavalo no último instante, fazendo-o empinar sobre as patas traseiras. O animal relinchou alto, e o homem falou em um tom áspero:

— Vocês entraram em território proibido. De joelhos. Agora!  
Aristóteles obviamente não estava disposto a aceitar esse tipo de tratamento.

— Escute, meu jovem. Nós viemos aqui para falar com o *hegemon*. Meu nome é...

— Seu nome não me interessa, velhote!

Com o chicote que usava para atizar o cavalo, ele golpeou o rosto do filósofo com violência. Aristóteles gritou de dor e foi ao chão.

— Ei! — Sera gritou. — Você tem ideia de quem ele é?

O homem ergueu o chicote outra vez, mas Dak e Riq pularam na frente da amiga, encarando o furioso soldado. A garota se perguntou se já havia testemunhado algum gesto mais corajoso.

O homem baixou o braço e cuspiu. Sua saliva atingiu todos eles. Ele se virou para os outros que vinham logo atrás.

— Amarrem os quatro, amordacem e joguem na vala. Amanhã eles vão ser enforcados.

Ele virou seu cavalo e voltou para o acampamento, deixando o serviço sujo para seus lacaios.

## Amordaçados e arrastados

TUDO O QUE O SOLDADO TRUCULENTO ORDENOU FOI FEITO. Dak só torcia para que a última ordem — o enforcamento — de alguma forma fosse revogada. Mas até então ele não tinha visto nenhum advogado genial de terno caro circulando por ali.

Eles passaram por poucas e boas depois que o primeiro soldado voltou para o acampamento. Os homens imobilizaram Dak e seus amigos e enfiaram trapos enormes em suas bocas, tornando muito difícil falar e até respirar. Eles foram amarrados pelos punhos e puxados pelos cavalos. Dak tropeçou, caiu, foi arrastado, levantou aos trancos, tropeçou de novo e começou tudo outra vez. Seus amigos não estavam se saindo muito melhor. E Aristóteles...

Ver um homem tão digno e generoso passar por aquilo deixou o coração de Dak apertado. O tratamento dispensado a ele foi o mesmo, sem piedade nem respeito. O filósofo gritou o próprio nome várias vezes antes de ser amordaçado e os outros três gemiam e berravam sem parar. No entanto, as frases "Aristóteles", "Somos amigos de Alexandre", "Precisamos salvar o rei" e "Tenho que ir ao banheiro" soaram todas parecidas com "Mrrrf rmmm garggggle rrrmf".

Era impossível argumentar.

As lágrimas faziam os olhos de Dak arder enquanto ele e seus amigos eram arrastados por grama seca, terra batida, cascalho, raízes expostas e ossos abandonados — que ele torcia para que não fossem humanos. Seu corpo todo doía, e por dentro a dor era pior

ao observar o sofrimento de seus amigos. Pararam na beira de um buraco cavado no chão, uma cova mais ou menos retangular preenchida por dúzias de pessoas separadas em pequenos grupos. Dak viu os olhos assustados que observavam os soldados, provavelmente se perguntando qual deles seria o encarregado de pôr fim em sua vida.

O garoto tentou gritar, mas só conseguiu emitir um ruído abafado. Tentou se debater para escapar do homem que segurava a corda, e também não teve sucesso. Ele encarou Sera, Riq e Aristóteles na esperança de que algum milagre acontecesse e os libertasse. O desespero e o medo brilhavam em seu olhar, e ele sabia que os demais também se sentiam assim.

Os soldados os arrastaram até a beirada e os jogaram na vala, um de cada vez.



Riq não chorava com frequência. Não porque fosse algum tipo de machão ou coisa do gênero. Apenas não era de seu feitio.

Mas alguma coisa estava fazendo suas pálpebras incharem, e com certeza era molhada. Até que, para sua surpresa, as lágrimas começaram a escorrer. Se estivesse com as mãos livres poderia enxugá-las, mas seus punhos estavam amarrados firme às costas. Ele escondeu a cabeça junto ao peito da melhor maneira possível e chorou um pouco mais.

Ele não entendeu direito por que a tristeza resolveu bater tão forte justo naquele momento. Os três tinham passado por poucas e boas viajando pela história para corrigir as Fraturas. Mas aqueles soldados pareciam os piores que encontraram. Brutais. *Cruéis*. Tratavam todos de maneira rude — não importava se eram idosos, crianças ou meninas. Riq tinha certeza de que os animais dali, principalmente os cavalos, eram mais bem tratados que os prisioneiros.

Ele estava tão perto e ao mesmo tempo tão distante de vencer a guerra contra a SQ. Amarrado em uma vala de prisioneiros,

condenado a um enforcamento na manhã seguinte, sem poder falar quem era e de onde vinha. E mesmo que conseguissem sair dessa, que diferença faria? Riq não tinha para onde ir. Dak e Sera seriam obrigados a deixá-lo para trás de qualquer forma. Não seria melhor se morresse?

Essa era a grande e verdadeira questão por trás do desespero que parecia devorá-lo vivo. Sera estava certa. Ele preferia uma morte heroica a ter que viver sem família, amigos e a missão dos Guardiões da História.

Mas ele queria viver. E nesse momento teve certeza disso. Riq não queria morrer em um lugar como aquele.

Ele se encolheu o máximo possível e deixou o choro rolar solto, sem se importar se as pessoas estavam vendo ou ouvindo.



Sera tinha hematomas e machucados suficientes para o resto da vida. Mas isso provavelmente não dependia só de sua vontade, e ela tinha a impressão de que mais e mais ainda viriam.

Com uma careta de dor, se arrastou pela vala até conseguir se apoiar na lateral do buraco e se ajeitar da melhor maneira possível — considerando que suas mãos estavam amarradas às costas. O pedaço de pano enfiado em sua boca era horrível, sufocante e dificultava a respiração. Várias vezes precisou segurar para não vomitar. Não dava nem para imaginar o quanto seria desagradável.

Ela obrigou seu corpo a relaxar. De alguma forma, era possível escapar, ela sabia. Ainda estavam com o Anel do Infinito, o que já era um milagre. Talvez os soldados só fossem revistá-los no momento de tirá-los da vala. Ou talvez não imaginassem que eles poderiam ter alguma coisa de valor. De qualquer forma, Sera e seus amigos estavam com o Anel. Se ela pudesse soltar as mãos...

Ela fez um pouco de força para se soltar, mas precisou parar para tomar fôlego. Então deu uma boa olhada em cada um de seus amigos. Riq estava todo encolhido e seus ombros pareciam tremer

um pouco. Ele estava chorando? Por alguma razão, isso doeu mais nela que os hematomas e arranhões. Dak estava deitado de lado, olhando para o chão, respirando devagar e com calma. Por último estava Aristóteles, sentado, olhando para o buraco da vala como se esperasse que o rei Filipe ou Alexandre aparecessem a qualquer momento para resgatá-los.

Ela adorava seus amigos e o filósofo. Queria fazer alguma coisa para tirá-los dali e levá-los de volta para casa. Queria vencer, corrigir a Fratura Fundamental, eliminar a SQ e impedir o Cataclismo. Era o que desejava desesperadamente.

Além de tudo isso, havia seus pais. Ela lembrava do rosto deles e das Reminiscências. Sera tinha certeza de que, apesar de os dois estarem sob o controle de Tilda, eles a amavam. Era impossível negar. Portanto, se a SQ era a responsável por afastá-la de seus pais, isso era mais um motivo para continuar lutando.

Dak. Riq. Aristóteles. Seus pais. Os pais de Dak. Seu tio. Brint. Mari. Todas as outras pessoas que seriam salvas caso sua missão desse certo.

Riq podia chorar à vontade — ele precisava mesmo desabafar. Dak podia refletir — ele merecia um tempo a sós com seus pensamentos. Aristóteles podia ficar olhando para o céu e torcendo o quanto quisesse.

Sera cuidaria do resto.

Ela era capaz de fazer isso.

E *faría*.

Não importava como.

Passo a passo, pouco a pouco.

Ela precisava agir.

## Uma tarefa tediosa

A MORDAÇA FOI A PRIMEIRA COISA DE QUE SE LIVROU.

Agora Sera precisava confiar em seus olhos mais do que nunca. Observar, esperar, observar, olhar para todos os lados — ela se concentrou nos soldados que vigiavam a vala e se obrigou a ter paciência, aproveitando as breves oportunidades à medida que surgiam. Dak fez menção de sentar quando notou o que ela estava fazendo, mas Sera lhe lançou um olhar para que não fizesse isso — os dois conseguiam se comunicar melhor com olhares do que a maioria das pessoas conseguia com palavras — e ele voltou a deitar no chão de terra.

Foi preciso um bom tempo — e uma habilidade de contorcionismo que ela não usava desde 1850, mais ou menos —, mas Sera enfim conseguiu erguer a mão o suficiente para arrancar o trapo da boca. Engasgando e tossindo, ela se virou em direção à parede para não ser vista. A sede fazia sua garganta arder e a tosse parecia infinita. Mas tudo logo passou e ela se recompôs.

Virando o corpo devagar e inflando as bochechas para parecer que ainda estava amordaçada, ela notou que os guardas pareciam não suspeitar de nada. Na verdade, eles caminhavam em torno da vala como se não dessem a mínima para o pessoal lá de baixo. Mas Sera não podia se arriscar.

Riq olhou para ela. Não estava mais encolhido em um canto, e sua expressão era de dúvida. Então Sera tomou uma decisão fundamental. Fugir daquela vala já era uma tarefa difícil para

uma pessoa só — e impossível para quatro. Seus amigos precisariam confiar que ela seria capaz de encontrar alguém que conhecesse Aristóteles e viesse resgatá-los. Ela esperava que pudessem entender isso. Com olhares e acenos de cabeça cautelosos, ela tentou comunicar a Riq e Dak que eles precisavam distrair os soldados.

Em um canto da vala, a parede tinha pontos de apoio suficientes para que ela pudesse escalar e sair. Sera adorava subir em muros e árvores quando era mais nova. Riq e Dak pareceram entender, e começaram a se deslocar para o outro do buraco, ainda com as mãos amarradas.

Isso lembrou Sera de sua próxima tarefa. As cordas que prendiam seus punhos não pareciam das mais fortes. E havia uma boa quantidade de pedras pontudas na prisão improvisada. Ela olhou ao redor até encontrar uma com a ponta bem afiada e sentou perto dela com a cabeça baixa, como se tivesse desistido da vida e só fosse capaz de chorar e lamentar. Em seguida, começou a serrar a corda. Para a frente e para trás, para a frente e para trás, olhando ao redor a cada segundo para se certificar de que não estava sendo vigiada.

Sera ouviu uma série de sons abafados atrás de si, e quando se virou deu de cara com Aristóteles tentando lhe dizer alguma coisa. Ela deu de ombros para mostrar que não estava entendendo e ele parou de resmungar. Em seguida — quase em um passe de mágica — o rosto dele assumiu uma expressão calma e confiante que parecia impregnar o ar com uma espécie de comunicação sobrenatural. Ela sentiu e se encheu de coragem. Ele estava tentando dizer que estava orgulhoso e que a considerava capaz de dar conta do recado.

Sera continuou sua tarefa, fazendo cada vez mais força para cortar a corda.

— Ei! — um homem gritou da extremidade da vala.

Todas as células do corpo de Sera paralisaram e seu coração ficou apertado. Ainda curvada sobre a pedra, ela olhou para cima devagar.

Um soldado estava parado na ponta dos pés. Ele apontava não para ela, mas para Dak e Riq, que estavam de pé, fingindo que conseguiriam pular para fora.

— Aonde vocês pensam que vão? — o guarda perguntou, com um tom arrogante de divertimento. — Estão se exercitando para ficar em forma para o enforcamento?

Ele soltou uma gargalhada que fez Sera sentir vontade de esganá-lo, e outros soldados se aproximaram. Um deles atirou uma pedra em Dak que, apesar de ter errado o alvo, levantou poeira onde caiu.

Sera não podia ajudá-los naquele momento. Sua única chance era aproveitar a distração.

Ela continuou desgastando a corda com vigor, contraindo o lábio com o esforço. Por fim, a corda se partiu e os pedaços serrados caíram de seus punhos. Sera os escondeu mantendo as mãos atrás das costas e esperou alguma reação dos soldados. No entanto, todos eles continuavam zombando e atirando coisas em Dak e Riq.

Sera estava solta e liberta. Pena que se encontrava em uma vala profunda cercada de soldados.

Ela começou a andar de maneira discreta, evitando movimentos acelerados ou bruscos demais. Esgueirando-se pelas paredes, chegou até o canto que tinha visto, mas os apoios ideais para a escalada pareciam a quilômetros de distância. Dak e Riq atraíram uma multidão, distraindo a todos sem fazer muito esforço. Ela precisaria agradecer-los por todos os galos e hematomas que ganhavam com as pedras que choviam sobre os dois. Por sorte, os guardas pareciam interessados apenas em brincar com eles, não em feri-los gravemente. A maior parte dos projéteis passava longe.

Ela chegou até o canto. A liberdade a aguardava três metros acima. Todos os soldados à vista estavam do outro lado da vala, assistindo ao espetáculo. Sera viu que Riq percebeu sua movimentação, e ele lhe lançou um olhar expressivo antes de virar rápido para o outro lado. O garoto percebeu que a amiga precisava de algo um pouco mais extravagante para garantir que ninguém a visse.

Tomou impulso e saltou sobre Dak, usando os ombros e os joelhos para atingir seu amigo. Sera não sabia se Dak estava entendendo a situação, mas ele reagiu por instinto, e em pouco tempo os dois estavam rolando pelo chão, para a diversão dos soldados e, tristemente, dos outros prisioneiros também. Eles gargalhavam e gritavam, incentivando um ou o outro.

É *agora*, pensou Sera.

Parou de fingir que ainda estava amarrada, levantou e pulou na parede de terra, escavada toscamente e repleta de buracos que serviam de apoio. Alguns deles desmoronaram, fazendo-a escorregar um pouco, mas a maior parte da estrutura era bem sólida. Como um macaco saltando de galho em galho, ela escalou e chegou bem depressa ao topo da vala.

Com a respiração ofegante — mais de nervosismo do que pelo esforço da escalada —, ela não perdeu tempo e observou ao redor para se certificar de que ninguém a via. Localizou uma abertura em uma longa fileira de barracas, um pequeno beco que levava para o lado oposto da clareira principal, onde centenas de pessoas circulavam. Então correu o mais rápido que pôde naquela direção.

Quando estava na metade do caminho, ouviu o grito dos soldados que vigiavam a prisão. Eram vozes furiosas, que se destacavam do clamor da multidão.

Sera tinha sido vista.

## Duas escolhas ruins

DAK SE PERGUNTOU SE ALGUM DIA VOLTARIA A VIVER sem nenhuma dor, ou sem milhões de coisas passando pela cabeça.

Aquele com certeza não seria esse dia.

Ele já estava cansado e dolorido *antes* de rastejar pelo chão empoeirado da vala com as mãos amarradas. Depois ainda acrescentaram o agradável elemento da chuva de pedras, várias das quais o atingiram nos ombros e nas costas. Para completar, Riq resolveu dar uma de doidão da luta livre, acertando-o com os ombros e joelhos em lugares bem sensíveis. Dak reagiu, ciente de que estavam fazendo aquilo por Sera, mas isso não significava que estivesse gostando.

E funcionou. Ele sabia que funcionaria. Viu quando ela desapareceu pela borda da vala, e havia tempo de sobra para a garota fugir antes que os soldados percebessem e a perseguissem. Ele conhecia a amiga e nem cogitava a hipótese de que ela pudesse ser pega. A vala era uma boa referência da situação — enquanto Sera não fosse atirada de volta, estava a salvo. A não ser que...

Mais uma vez, ele afastou as possibilidades sinistras de sua mente.

Riq estava deitado ao seu lado, de costas para Dak. *Coitado do cara*, pensou Dak. Algo em sua postura demonstrava derrota. Ele parecia um balão de gás depois de uma festa de aniversário — no começo ficava grudado no teto, mas pouco a pouco ia murchando até chegar ao chão, como um pedaço disforme de borracha. Dak também se sentia assim, mas ainda tinha esperança. Quando as

autoridades descobrissem que era Aristóteles quem estava na vala dos prisioneiros, eles ficariam bem.

A brincadeira de ficar atirando pedras em Dak e Riq terminou assim que um dos guardas viu Sera fugir, então a maioria dos soldados foi atrás dela. Agora vários deles já haviam voltado, mas era impossível saber se ela tinha sido capturada pelos cochichos e pela linguagem corporal dos guardas. O fato de não ter sido trazida de volta era um ótimo sinal. A menos que...

Um dos soldados baixou uma escada de madeira na vala e desceu, seguido por outros dois. Dak sentou e se virou para encará-los. Com seus movimentos restritos, se sentia como um porco laçado. Os três guardas estavam armados, um deles com a espada em punho, usando apenas uma das mãos para descer. Dak esperava que eles estivessem ali por algum outro motivo, mas logo se frustrou. Os homens seguiram na direção de Riq.

Riq percebeu isso no último instante e tentou rastejar para longe. Seu esforço foi inútil, claro. Os guardas o arrastaram pelos braços até a parede mais próxima e o jogaram de novo no chão — dessa vez com certa truculência. Ele aterrissou com um grunhido e um baque surdo. Em seguida, foram atrás de Dak, que não resistiu enquanto faziam o mesmo. Poucos segundos depois ele estava outra vez ao lado de Riq, com o corpo ainda mais dolorido.

Ninguém ficou surpreso quando os soldados se dirigiram a Aristóteles e o arrastaram até os garotos. Eles o trataram com a mesma brutalidade, o que deixou Dak enfurecido. De verdade.

Quando os três estavam alinhados junto à parede, o guarda que desceu brandindo a espada se posicionou diante deles, encarou um de seus companheiros e fez um breve aceno de cabeça. O outro deu um passo à frente e tirou as mordanças da boca dos prisioneiros. Dak tossiu e cuspiu quando a sua foi arrancada, e a lufada de ar fresco aumentou sua sede. O soldado atirou os trapos molhados e ensanguentados no chão e se posicionou atrás do sujeito que parecia no comando.

— Prestem atenção — falou o homem. — Vocês foram os primeiros a aparecer em nosso acampamento desde que ouvimos falar de... más intenções em relação ao nosso rei e *hegemon*. No limiar do período mais glorioso da história da Grécia, não temos tempo nem paciência para perguntar quem são vocês e o que querem aqui. Temos ordens para tomar medidas extremas, sem incomodar nosso grande líder.

*Esse cara é bom em falar, falar e não dizer nada*, pensou Dak.

— Vocês sabem quem eu sou? — Aristóteles perguntou, com a voz um pouco áspera.

A expressão do soldado não se alterou nem um pouco.

— Não interessa. Se fosse alguém importante, saberia que é melhor manter distância daqui.

— Sou Aristóteles! — gritou o filósofo, no tom mais alto que sua condição debilitada permitia. — Eu praticamente criei o filho do grande rei de que você está falando! Exijo que me levem até ele para esclarecer esse absurdo. Exijo que libertem meus amigos!

— Aristóteles? — rebateu o soldado, encarando seus companheiros. — Vejam só, homens. O maior filósofo de todos os tempos criou asas e veio voando de Corinto. Seus poderes devem ser maiores do que eu imaginava.

— Eu posso explicar tudo, seu tolo! O *hegemon* e seu filho estão em perigo!

O soldado se apoiou sobre um dos joelhos e se inclinou para a frente com tamanho ímpeto que Dak se esquivou para trás, batendo a cabeça na parede de terra.

— Eu sei — falou o homem. — Sei muito bem. Foi por isso que recebi ordens para... *lidar* com lunáticos que aparecem do nada em nosso acampamento como vocês. — Ele levantou, espanando a terra do joelho. — Vocês têm duas opções, prisioneiros. E podem se considerar sortudos por não terem uma só. As circunstâncias permitem certa tolerância, já que a guerra começa amanhã.

— Do que você está falando? — Dak perguntou.

O soldado olhou feio para ele, incomodado com a interrupção.

— Suas opções são: a morte pela manhã, através de enforcamento público, ou tentar se redimir lutando na linha de frente do exército do rei quando atacarmos nosso próximo inimigo. Precisamos do máximo de gente por lá, e até vocês servem para isso.

— As duas escolhas significam morte certa! — Aristóteles gritou. O soldado deu de ombros.

— Algumas pessoas sobrevivem à linha de frente. Outras... não. A escolha é de vocês. Morte certa ou uma chance de sobreviver. Escolham.

Antes mesmo que ele terminasse de falar, Dak já estava decidido. Seus pais. Se o relatório lido por Aristóteles estivesse certo, era lá que eles estariam! Aquela era a forma mais fácil de se juntar a eles. Quanto a suas chances de sobreviver... bom, ele pensaria nisso mais tarde.

— Você — disse o soldado, apontando para Riq. — Responda. Qual é sua escolha?

— A linha de frente.

A resposta foi tão imediata que Dak não soube o que pensar. Riq estava pensativo e distante, mas Dak achava que era uma reação normal depois de ter sido capturado e atirado em uma vala. Ele queria muito ter uns minutinhos para simplesmente *conversar* com seu amigo.

— Uma escolha sábia — respondeu o soldado, fazendo um gesto para que Riq fosse levado dali. Um guarda foi até ele, cortou as cordas que prendiam seus punhos e o ajudou a se levantar. — Você pode sofrer o ferimento de uma lança ou espada destinada a um de nossos soldados de verdade, ou então ao próprio *hegemon*. Os deuses jamais se esquecerão. Podem ir. Equipem o rapaz para ser mandado para a frente de batalha.

— Espera! — Dak gritou. — Eu vou com ele! Essa é a minha escolha.

O soldado soltou um grunhido.

— Você mal tem o tamanho de um rato. Mas sua carne pode deter uma lança como a de qualquer outro. Certo, podem levá-lo também.

Um dos subordinados foi até Dak obedeceu à ordem, cortando as cordas. O soldado parou diante de Aristóteles e o encarou.

— E você, velho? O glorioso filósofo que sabe voar. O que me diz?

Aristóteles se virou para Dak com os olhos carregados de tristeza e desespero, e depois para Riq. Ele respondeu em um tom grave e resignado:

— Eu escolho a morte.

## Um acampamento grande demais

SERA PASSOU UMA HORA ESCONDIDA sob uma lona que cobria caixotes com suprimentos. O cheiro era de azeitona e mofo. Ela mal conseguia respirar, mas pelo menos não estava ouvindo mais nenhum sinal de seus perseguidores. Talvez tivesse conseguido despistar os soldados, afinal. Entretanto, a parte mais difícil ainda estava por vir.

De alguma forma, ela precisava encontrar a barraca do rei Filipe. Só esperava não ser morta no instante em que desse as caras por lá.

Ela pôs a cabeça para fora do esconderijo e observou ao redor. Havia gente por toda parte — soldados, servos e até algumas crianças acompanhando os pais que trabalhavam para o exército. Talvez pudesse procurar o rei sem chamar muita atenção se conseguisse outras roupas.

Indo de um esconderijo a outro, de sombra em sombra, Sera gastou a meia hora seguinte se deslocando pelo acampamento. Por fim, teve a sorte de encontrar uma pilha de roupas e trapos atrás de uma barraca velha e engordurada, talvez separados para ser lavados mais tarde. Sera remexeu os tecidos até encontrar uma camisa e uma calça — puídas, rasgadas e imundas. Por sorte, a bolsa em que estava o Anel do Infinito era marrom e rústica, e não destoava do restante do visual.

Então a busca começou.

Ela foi de barraca em barraca, agindo da forma mais natural possível e carregando uma caixa cheia de bandagens e unguentos que encontrou — algum médico devia ter perdido naquela confusão. Havia guardas e soldados por toda parte — afinal, era o acampamento do exército —, e ela logo parou de se assustar ao vê-los. O acampamento era como uma colmeia em plena atividade — suprimentos eram estocados, refeições eram preparadas, ferreiros trabalhavam no ajuste de armas, soldados treinavam com lanças e espadas, servos corriam de um lado para o outro e tentavam não ficar no caminho.

Sera foi em frente, vasculhando o local à procura de algum lugar que se parecesse com...

E então ela encontrou.

Uma barraca se destacava entre todas as demais, mas ela não a vira antes por causa de todas as habitações menores espalhadas pelo acampamento. Era grandiosa, pintada em várias cores, e estava protegida de todos os lados por fileiras de soldados. Se existia uma barraca apropriada para um rei, era aquela.

Sera se aproximou, quebrando a cabeça para descobrir como entrar. Ela só precisava de cinco minutos — ou talvez de um único minuto — com o rei Filipe para convencê-lo. Tinha certeza disso. Principalmente se Alexandre já tivesse chegado — ele se lembraria dela, com certeza, e saberia que ela era amiga de seu mentor.

Mais temerosa a cada passo em direção à enorme barraca, Sera não diminuía o passo. De alguma forma conseguiria entrar. Às vezes ser tão jovem tinha suas vantagens — ninguém a consideraria uma ameaça.

Quando estava a cerca de dez metros de distância, desviando de um grupo de pessoas que cuidavam de seus afazeres, uma comoção do lado direito da barraca chamou a atenção da garota. Vários soldados gritavam e abriam caminho para o local. Quando enfim conseguiram passar e entrar em seu campo de visão, ela parou e prendeu a respiração.

Era Alexandre, arrastando um soldado — o homem que havia capturado Sera e seus amigos — pela gola da camisa. Alex parecia tão furioso quanto no momento em que saíra do palácio da mãe. Vários outros soldados o acompanhavam, trazendo Aristóteles, que não estava mais amarrado.

*Mas o quê...?* Ela não sabia o que pensar, em especial depois de ver que Dak e Riq não estavam junto. Isso a deixou alarmada.

Alexandre arrastou o soldado até a entrada da barraca e o jogou no chão.

— Quem não é capaz de reconhecer a grandeza de Aristóteles não merece viver! — ele gritou, erguendo o pé como se fosse chutar a cabeça do sujeito, mas se deteve no último segundo e encarou seu mestre, que sacudia a cabeça. — Misericórdia, então. Volte ao seu posto, soldado.

Apesar de claramente ferido, o homem obedeceu de bom grado. Ficou de pé em um pulo e logo desapareceu na multidão. Sera reagiu por instinto e correu em direção ao herdeiro do trono, aproveitando aquela oportunidade que parecia um presente dos deuses gregos.

— Alexandre! — ela gritou. — Aristóteles! Sou eu, Sera!

Alguns dos guardas em torno de Alexandre ficaram em posição de alerta — um deles ergueu a lança como se fosse arremessá-la em Sera. Mas Alexandre estendeu a mão para detê-lo.

— Não — ele ordenou. — Eu conheço a garota. Ela é uma amiga.

E de um instante para o outro Sera estava oficialmente livre. Sem conseguir se conter, ela correu até Aristóteles e o abraçou como se ele fosse seu tio, de quem ela sentia tanta falta. Ele retribuiu o abraço, consolando-a com palavras gentis.

— O que aconteceu? — ela perguntou, afastando-se um pouco. — Onde estão Dak e Riq?

O filósofo assumiu uma expressão severa.

— As coisas se complicaram nas últimas horas. Eu... me ofereci para a morte, por mais tolo que isso possa parecer. Assim esperava ser colocado diante do rei ou de seus conselheiros, por se tratar de

uma questão política. Enfim, alguém me reconheceu e informou Alexandre, que chegou ontem. Mas, quanto aos seus amigos...

— O quê? — Sera gritou, com o coração na boca.

— Já era tarde demais quando mandei buscá-los. Eles foram mandados para a linha de frente, onde a comunicação é no mínimo precária. Mas não se preocupe, tenho certeza de que vamos conseguir trazê-los de volta junto com os pais do menino antes que a luta comece. Por favor, tente ficar tranquila.

Ele devia ter visto nos olhos de Sera a preocupação que a corroía por dentro. Isso sem mencionar a culpa. Se ela não tivesse fugido da vala, poderia usar o Anel do Infinito para levá-los embora dali antes que fossem mandados para a batalha.

No entanto, logo se lembrou do motivo por que estavam naquele lugar.

— Você contou tudo pra ele? — ela perguntou a Aristóteles, lançando um olhar preocupado para Alexandre.

O filósofo sacudiu a cabeça de leve.

— Ele sabe de tudo, mas pelo jeito prefere acreditar que enlouqueci.

— Estou bem aqui, viu? — retrucou Alexandre. — Escutem, vocês dois. Tenho guardas aqui para me proteger pelo resto da vida. E estou de olho no meu pai também. Está tudo bem. Vamos lá para dentro fazer nossos planos. A guerra se aproxima.

Aristóteles lançou um olhar quase cômico para Sera, como se dissesse "fazer o quê?". Eles seguiram Alexandre e os demais soldados para dentro da imensa barraca do rei Filipe. Quando entrou, Sera ficou impressionada. Havia tapetes finos, tigelas de bronze com carvões em brasa e almofadas pelo chão para as pessoas sentarem. E mais majestoso que o ambiente em si era o rei. Só podia ser ele — estava sentado em uma cadeira em forma de trono, analisando com atenção um mapa aberto em seu colo. Sera estava empolgadíssima para conhecê-lo, e desejou que Dak também estivesse ali. No entanto, ao que parecia, não haveria tempo para apresentações formais.

O rei ficou de pé quando viu Alexandre e largou o mapa na mão de um jovem pajem ao seu lado.

— Filho! — ele gritou, feliz em vê-lo. — Você chegou em boa hora. Os persas resolveram tomar a iniciativa e estão se aproximando depressa. Nossa linha de frente logo estará sob ataque.

## O som da guerra

DAK TENTOU MANTER AS ESPERANÇAS enquanto era transportado em uma carroça com Riq e um grande número de pessoas até a linha de frente. Ficava dizendo a si mesmo que Sera seria o diferencial, que ela saberia o que fazer para salvá-los. Ele e Riq encontrariam seus pais — seria um reencontro feliz — e aguardariam a aparição de alguém dizendo que aquele grupo de pessoas do futuro não deveria estar no exército, muito menos na linha de frente.

Mas ele estava perdendo as esperanças. À medida que via os incontáveis soldados, com suas armas e cavalos e os olhares vazios de quem estava prestes a entrar em ação, ele foi se amedrontando. Dak percebeu como aquele exército era poderoso, e deduziu que o adversário devia ser tão temível quanto. O que Sera poderia fazer para tirá-los daquela encrinca?

Eles avançavam por uma pequena trilha em meio ao mar de soldados, a caminho da morte. Dak só torcia para ter tempo de encontrar os pais. Pelo menos eles morreriam juntos.

— Você está bem melancólico — Riq comentou.

— Eu devia estar mais feliz, então? Dá uma olhada ao redor. Estou prestes a morrer em uma guerra que entrou para a história. *Eba*.

— Pois é.

Dak encarou o garoto que pouco a pouco se tornara um de seus melhores amigos. Ele parecia tão distraído com os próprios pensamentos que nem se preocupava com a morte.

— Em nome de Rasputin, no que você está pensando?

Riq bocejou e sacudiu a cabeça de leve.

— Só estou imaginando o que posso fazer de bom pelo mundo.

Dak não sabia qual resposta esperar, mas essa com certeza o surpreendeu.

— O que você pode fazer de bom pelo mundo? Sério? Eu diria que já fez bastante coisa. E mesmo se a gente morrer, ainda existe a chance de Alexandre sobreviver, principalmente depois de Sera ter fugido. Nós *salvamos* o mundo, cara. Se eu tivesse uma bebida aqui, ia propor um brinde.

Ele estava tentando amenizar um pouco o clima, mas não parecia conseguir.

— Não é isso, cara — Riq continuou, olhando para o nada enquanto falava. — Quer dizer, acho que você está certo, vamos conseguir corrigir a Fratura Fundamental, evitar o Cataclismo e tudo mais. Mas isso não quer dizer que o mundo não precise melhorar.

Dak assentiu devagar, caprichando na expressão contemplativa.

— Pois é. Se conseguirmos sobreviver a uma centena de lanças, vamos criar uma instituição de caridade.

Riq riu, a risada mais forçada que Dak já tinha ouvido.

— Ah, sim. Mas estou falando sobre esta época mesmo. Sobre o rei Filipe e Alexandre. Parece que... sei lá. Parece que eles precisam de mais orientação. Com tanto poder, poderiam fazer muito pela humanidade. Pelo futuro.

— O que está tentando dizer? — Dak perguntou. Alguma coisa no tom de voz de Riq o deixou alarmado.

O outro não teve tempo de responder.

As pessoas ao redor começaram a gritar, e havia tantas vozes falando ao mesmo tempo que o dispositivo de tradução no ouvido de Dak não conseguia discernir as palavras. Uma tensão pareceu se espalhar pelos soldados como uma epidemia. De algum lugar distante, vinha um ruído trovejante cada vez mais alto. Um estrondo que fazia o chão temer.

O guarda encarregado dos cavalos que puxavam a carroça se virou para encará-los, com os olhos arregalados e uma expressão de

pavor no rosto.

— Estamos sendo atacados! — ele gritou. Em seguida sacou a espada e, por algum motivo, cortou a corda que prendia os cavalos à carroça. Deu um tapa nas ancas dos animais e os mandou voltar para a direção de onde vieram. — Saiam! — ele gritou para Dak e os demais. — Peguem as armas e saiam! Não temos mais tempo! Pela autoridade do *hegemon*, ordeno que vocês vão para a linha de frente, para deter o ataque inimigo. *Agora!*

O soldado empunhava sua espada como se estivesse disposto a decapitar qualquer um que ousasse desobedecer. Riq já estava de pé e ajudou Dak a levantar. Eles pegaram espadas enferrujadas, amassadas e cegas de uma pilha na frente da carroça e saltaram ao chão para se juntar aos outros. A maioria era composta por homens velhos demais, ou jovens demais, ou frágeis demais para enfrentar até uma galinha, quanto mais o exército persa.

O terror invadiu o coração de Dak, lhe dando falta de ar. De alguma forma, porém, Riq conseguia manter a calma, como se já tivesse feito aquilo mil vezes.

— Vamos lá — ele chamou Dak. — Nós vamos sobreviver. Fica sempre perto de mim que vai dar tudo certo. Vem.

Quando começaram a correr na direção apontada pelo guarda, Dak mal conseguia respirar. Ele sabia que Riq estava mentindo, tentando confortá-lo. E Dak apreciava aquele gesto.

Eles continuaram correndo rumo à guerra.



Sera ficou quieta em um canto da barraca por mais ou menos vinte minutos, vendo o rei, Alexandre, Aristóteles e vários outros conversarem animadamente sobre o que acontecia a poucos quilômetros dali. O plano de Filipe era iniciar a luta em um lugar mais favorável, mas os inimigos tomaram a iniciativa. O *hegemon* não parecia incomodado com isso, a julgar por sua expressão e pelo faiscar em seus olhos enquanto apontava para o mapa e gritava

ordens a torto e a direito. Ele só parava para beber grandes goles de vinho da caneca, que era reabastecida constantemente pelo pajem.

Um soldado apareceu na barraca e gritou sua mensagem sem pedir licença antes.

— Eles furaram a linha de frente! A guerra começou!

O coração de Sera disparou. Dak. Riq. Os pais de Dak. Como eles conseguiriam sobreviver? Sua única esperança era que eles ainda não tivessem chegado ao lugar da batalha. Talvez estivessem parados em segurança no meio do exército.

*Dak*, ela pensou. *Ai, Dak. E Riq. Por favor, estejam bem. Por favor!* Ela não saberia o que fazer caso perdesse seus melhores amigos depois de tudo o que tinham passado.

A balbúrdia do planejamento e das ordens emitidas aos berros continuava no interior da barraca. A cada minuto, mais ou menos, um soldado saía correndo para levar as ordens ao campo de batalha. E na mesma velocidade outros chegavam para informar sobre o progresso da guerra. Tudo parecia muito caótico, mas Sera já tinha entendido o funcionamento. Ela percebera que as guerras eram sempre muito parecidas, por mais diferentes que fossem as épocas e as culturas envolvidas.

Mas então notou uma coisa muito estranha, que, em meio ao caos, ninguém mais parecia ter se dado conta. O rei estava sentado. Poucos minutos antes, estava frenético, agitando os braços, batendo os pés no chão e gritando. Agora parecia enfraquecido e pálido. Ele despencou na cadeira, parecendo encolher. Seu rosto estava branco e sem vitalidade.

Foi quando ela se deu conta.

Veneno.

O vinho.

E para seu terror, Alexandre estava com um copo na mão. Devia ter sido entregue a ele naquele instante, pois sua mão estava vazia pouco tempo antes. Ele agora levava o copo à boca.

— Não! — Sera gritou. Ela saiu correndo, saltando sobre os tapetes e empurrando as pessoas pelo caminho. O copo estava quase

tocando o lábio de Alexandre. Ela acelerou o passo. A barraca parecia ter um quilômetro de extensão. — Não! — gritou mais uma vez.

Alexandre abriu a boca.

Sera deu mais um passo.

O príncipe inclinou o copo e a cabeça para trás.

Ela o alcançou.

Com um pulo, estendeu o braço e derrubou o copo da mão do homem, lançando um jato vermelho pelos ares. O copo caiu e quicou no chão, espalhando gotas de vinho pelo tapete. Sera caiu no chão e virou de costas, encarando Alexandre, que a observava com uma expressão mais de surpresa do que de fúria.

— Em nome de Zeus, o que foi isso? — ele gritou.

Mas ela só conseguiu sorrir. Apesar de tudo, do risco que seus amigos corriam e da morte do rei, ela sorriu — um sorriso de triunfo, não de alegria.

Naquele momento, sem sombra de dúvida, Sera soube que tinha impedido o Cataclismo. De forma definitiva. Missão completa.

## A fúria da guerra

HOUVE UM TEMPO EM QUE DAK SONHAVA ACORDADO com momentos como este. Na cama, na sala de aula, lendo um livro sem absorver as palavras... se imaginava nas grandes guerras da história, brandindo uma espada, derrubando inimigos com toda a ira de um deus grego prestes a ser derrotado.

Mas se ele aprendeu alguma coisa durante as viagens, foi que a guerra não tinha o menor glamour. Aquela batalha não era exceção. Na maior parte do tempo ele precisava se preocupar em não ser morto por alguém do seu próprio lado. E ainda não tinha ferido nem acertado ninguém. Mantendo-se sempre perto de Riq, foi se movimentando sem parar em meio ao caos da batalha, fazendo de tudo para não precisar matar nem ser morto.

Um soldado inimigo surgiu diante deles, segurando a lança com as duas mãos. Sua expressão estava franzida de ódio, como se ele tivesse sofrido a vida toda por causa daqueles dois garotos do futuro. Riq ergueu a espada no momento em que o homem avançou, partindo a haste da lança em dezenas de pedaços. O homem urrou de raiva, mas uma onda de corpos em duelo o arrebatou, e os garotos fugiram às pressas, desviando como podiam dos golpes e das armas. Dak nem imaginava aonde Riq queria ir, mas tinha acabado de desenvolver uma súbita e desesperada dependência do garoto mais velho.

A poeira pairava no ar, assim como os gritos e grunhidos, os impactos de metal contra metal e os gemidos de dor dos cavalos,

que transformavam tudo em um coro de guerra e fúria. Por mais que Dak gostasse de história e de ler a respeito de guerras, ele jamais gostaria de estar de novo no meio de uma.

Os soldados atacavam sem parar. Dak e Riq precisavam se preocupar o tempo todo com a própria sobrevivência, esquivando-se e correndo. Eles se mantinham sempre em movimento.

Quando chegaram a uma clareira, Dak viu uma cena que fez o mundo inteiro se transformar em uma bolha de silêncio e perplexidade. Todos os sons ao redor se transformaram em um zumbido em seus ouvidos, quase inaudível por causa das batidas de seu coração.

A poucos metros de distância, seus pais estavam caídos no chão, abraçados.



Sera estava montada em um cavalo, agarrada na cintura de Aristóteles. Ela o segurava com tanta força que seus braços doíam, mas não queria aliviar a pressão porque estava com muito medo de cair. Alexandre cavalgava ao lado, montado em Bucéfalo, de pé sobre os estribos. O novo rei empunhava a espada no braço direito como se tivesse força suficiente para cortar cada um dos soldados daquele mar de gente espalhado em todas as direções. Mais homens os acompanhavam de ambos os lados, em uma formação que os fazia parecer um navio quebra-gelo atravessando o Ártico.

Sera segurou com mais força e apoiou a cabeça nas costas de Aristóteles, com vontade de fechar os olhos, como se isso pudesse fazer tudo sumir. As cenas e os horrores da batalha a abalavam. Aquilo tudo era terrível. Depois de ouvir as explicações de Alexandre na barraca, ela torcia desesperadamente para que ele conseguisse fazer o que tinha prometido: encontrar Dak, Riq e os pais de Dak, tirá-los do meio daquela guerra e levá-los para um lugar seguro.

Sera só salvou a vida de Alexandre depois de ver o *hegemon* morrer envenenado. Mas talvez isso estivesse destinado a acontecer,

no fim das contas. Talvez Alexandre devesse mesmo assumir o comando dos exércitos da Grécia a partir daquele momento. E talvez Alexandre III devesse se tornar Alexandre, o Grande.

— Ali! — Aristóteles gritou de modo bem audível, considerando o barulho ao redor. — Estou vendo os dois! — Ele apontava freneticamente para a direita. E então vieram as palavras que trouxeram alívio ao coração de Sera pela primeira vez em muitas horas: — Eles estão vivos!

Alexandre cavalgou naquela direção.



Dak ainda era muito novo. Mas em pouco mais de uma década de vida — especialmente depois de ser recrutado pelos Guardiões de História — ele vivenciou muitas emoções diferentes. Felicidade e tristeza. Triunfo e decepção. Desespero. Raiva. Amor. Ódio. Vários sentimentos.

Mas nunca, nem uma única vez, tivera a sensação que tomou conta de seu corpo quando viu seus pais, vivos e abraçados enquanto a guerra se desenrolava ao redor. Era um sentimento que jamais conseguiria explicar, e provavelmente não voltaria a sentir de novo. As lágrimas brotaram em seus olhos, e uma dor deliciosa invadiu seu peito. Eles estavam lá.

Seus pais.

— Mãe! — ele gritou. — Pai!

E correu na direção deles, sem se preocupar com os perigos que vinham de todas as direções. Pelo que observara, parecia que sua mãe havia tropeçado no corpo de um soldado e caído, e seu pai se jogara por cima dela, servindo como um escudo humano.

Dak foi ao chão de joelhos, a pouco menos de um metro dos pais. Finalmente eles viraram o rosto e viram o filho. Nesse momento, dois homens duelavam bem acima deles, e o ruído do choque de metal contra metal reverberava no ar. Por sorte os soldados

acabaram se afastando, mas o barulho da guerra ainda vinha de todos os lados.

— Dak — disse seu pai. O pobre homem estava pálido de preocupação, com uma expressão tensa e o medo visível nos olhos. Sua voz saiu quase como um sussurro incrédulo.

— Vocês estão seguros agora — Dak respondeu, sem saber muito bem o que dizer.

Sua mãe também o viu, mas estava com o rosto contorcido de emoção e os olhos cobertos de lágrimas. Por fim, Dak os alcançou e os três se abraçaram, apertando uns aos outros, chorando e murmurando palavras ininteligíveis. O caos e a morte os cercavam, mas eles estavam vivos e juntos de novo, depois de meses de buscas, viajando pelo tempo.

Eles estavam juntos.



Riq precisou de um esforço sobre-humano para não atrapalhar o reencontro de Dak com os pais. Era impossível pensar em um local e momento pior para uma reunião familiar, mas isso não era culpa dos Smyth. Depois de pelo menos vinte segundos de abraços e manifestações de alegria, o garoto foi obrigado a interromper.

— Dak! — ele gritou. — Tudo isso não vai servir pra nada se a gente morrer aqui. Precisamos nos proteger!

Ele observou ao redor, com a espada em punho, para ver se havia alguém se aproximando. Para sua sorte, eles estavam em uma espécie de clareira no meio da batalha, mas aquilo não duraria muito tempo.

Dak levantou, limpando as lágrimas no ombro. Ele ajudou os pais a ficarem de pé e todos se juntaram a Riq, formando um círculo de costas uns para os outros. Um homem com o rosto coberto avançou na direção deles com uma lança na mão, gritando palavras raivosas demais para serem compreendidas. O medo tomou conta de Riq,

mas ele soube se controlar e ficou à espera, mantendo-se imóvel até o último instante.

Com um berro, ergueu a espada com as duas mãos e desviou a lança pouco antes de atingir seu peito. Pego de surpresa, o homem perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão. Riq ergueu a espada e gritou, reunindo toda a raiva que era capaz de evocar. Isso foi suficiente para fazer o sujeito levantar e sair correndo na direção de um grupo de soldados que se enfrentavam.

— Gostei de ver — o sr. Smyth comentou. — Pelo jeito vocês aprenderam alguns truques enquanto nos perseguiam através do tempo.

— Que ótimo lugar para férias em família — acrescentou sua esposa.

Riq não teve tempo de responder. O homem que ele pensou ter derrotado reapareceu, agora acompanhado de mais sete ou oito companheiros. Depois de abrir caminho em meio a uma multidão de soldados, o sujeito ergueu a lança e apontou sua ponta afiada para Riq.

Em seguida, todos os soldados atacaram ao mesmo tempo.

## Para os cavalos

A ALEGRIA DE SERA ao ouvir que seus amigos estavam vivos não durou muito. Depois que Alexandre mudou a trajetória de seu cavalo, acompanhado pelos soldados, ela finalmente conseguiu avistá-los, e notou que Dak e os demais estavam encurralados por homens de túnica que avançavam armados sobre eles.

— Dak! — ela gritou, como se isso pudesse ajudá-los de alguma forma. — Riq! Corram!

Ela se sentiu inútil, e suas palavras soaram estúpidas. Desejando que os cavalos pudessem galopar mais depressa, ela só podia observar a cena com o coração disparado de pavor.

O inimigo que liderava os demais homens segurava a lança diante do corpo como se fosse um praticante de salto com vara. Alcançou o grupo de Dak, mas Riq deu um passo à frente e partiu a lança ao meio com a espada velha. Antes que percebesse o que estava fazendo, Sera gritou de alegria, apesar de saber que aquele tinha sido um golpe de sorte e que havia mais soldados a enfrentar. Espadas foram empunhadas. Gritos de guerra foram emitidos. Por uma fração de segundo, a garota conseguiu ver o rosto de Dak, pálido de medo. Sua preocupação e seu amor pelo amigo eram tamanhos que ela pensou que seu peito fosse explodir.

Mas então Alexandre chegou até eles.

Bucéfalo, o imponente cavalo, avançou sobre os soldados agressores, abrindo caminho entre eles como se atravessasse um milharal. Eles saíram da frente aos tropeções, e alguns não tiveram a

sorte de escapar dos cascos do animal. Riq conseguiu se esquivar e empurrar Dak e os Smyth para fora do caminho. Alexandre ficou de pé nos estribos e começou a golpear os inimigos com uma velocidade inacreditável. Seus homens se juntaram a ele, e mais combatentes da frente inimiga apareceram. Em questão de segundos, instalou-se uma batalha feroz, permeada de choques entre espadas e gritos de dor.

— Vamos lá! — Sera gritou no ouvido de Aristóteles. — Vamos pegar eles!

Ele entendeu o recado e seu cavalo rumou na direção de Dak e os outros antes mesmo que ela terminasse de falar.



Um milhão de coisas passavam pela cabeça de Dak naquele momento. A mais impressionante foi a constatação de como Riq era incrivelmente corajoso ao enfrentar tanta gente só com aquela espada velha. Por um bom tempo, parecia que seu amigo era o único obstáculo entre Dak e a morte certa.

Mas então apareceram cavalos. E Alexandre. E o caos. Espadas cortando o ar e homens gritando.

Ele ouviu alguém chamando seu nome.

— Dak!

Quando se virou, viu um cavalo vindo em sua direção, saltando por cima dos soldados caídos. Aristóteles agarrava as rédeas com uma expressão determinada. Atrás dele Sera segurava-se no filósofo com um braço e acenava para Dak com o outro.

— Mãe, pai, depressa! — Dak gritou. Ele os puxou pelo braço e esperou que o cavalo de Aristóteles parasse a seu lado. — Rápido, subam!

Seus pais tentaram protestar para Dak subir primeiro, mas ele ignorou e, usando uma força que nem sabia que possuía, praticamente os jogou para cima da montaria. Sera desceu para ajudá-los.

— O que você está fazendo? — ele gritou para a amiga quando sua mãe conseguiu se ajeitar no cavalo.

— Não cabe tanta gente assim! — ela respondeu e apontou para trás com a cabeça. Havia mais dois cavalos à espera deles, e seus cavaleiros usavam as espadas para manter os inimigos à distância. Dak se certificou que os pais estavam seguros e deu um tapa no traseiro do cavalo de Aristóteles. O animal relinchou bem alto e saiu em disparada, desviando-se dos soldados em batalha. Dak seguiu Sera até um dos cavaleiros que estavam à espera.

Dak percebeu que Riq não havia arredado o pé da batalha. Estava lutando lado a lado com Alexandre e seus companheiros.

— Riq! — ele gritou. — Precisamos ir! Vem logo!

O amigo afastou uma espada inimiga e olhou para trás.

— Não! Vão vocês! Eu vou garantir a sua fuga!

No entanto, logo depois de dizer aquela última frase, ele foi suspenso no ar por um homem montado em um cavalo branco que surgiu do nada, furando a linha de defesa dos soldados de Alexandre.

— Riq! — Dak gritou apavorado. O soldado inimigo havia jogado Riq como um saco de batatas na sela de seu cavalo. O homem apertou o animal com os pés e fugiu a galope.

Dak sabia que era preciso ir atrás dele, mas no momento em que se virou para Sera viu uma lança atravessar o peito do cavaleiro aliado que pretendia resgatá-los. O homem grunhiu, revirou os olhos e desabou no chão. A situação tinha se invertido em um piscar de olhos. Dak resistiu ao pânico que ameaçava paralisá-lo. Ele precisava fazer alguma coisa; Alexandre e os outros estavam ocupados demais no combate.

— Vamos lá, Sera! — ele gritou, fazendo sinal para que ela subisse no cavalo.

A garota não hesitou nem discutiu — colocou o pé no estribo e montou na sela rápido. Dak subiu em seguida, quase derrubando-a ao passar a perna por cima do animal. Ele pretendia ir na frente, mas Sera acabou assumindo as rédeas.

— Vamos lá! — ele gritou.

— E seus pais? — Sera berrou em resposta, se virando para trás.

— Eles estão seguros com Aristóteles.

— E Alexandre?

Dak sacudiu a cabeça, impaciente.

— Dá uma olhada no cara... Ele está bem à vontade. Agora vamos!

— Pode deixar.

Sera sacudiu as rédeas e estalou a língua bem alto, um som mais estridente que os ruídos da batalha, e o cavalo se pôs em movimento, saltando sobre os soldados feridos em perseguição a Riq.

Dak segurou firme.

## Um mar de guerra

ALEXANDRE PODIA ESTAR À VONTADE ALI, mas Sera com certeza não compartilhava essa sensação. Segurava as rédeas com tanta força que seus dedos doíam, e mantinha os olhos vidrados em tudo o que acontecia ao redor, conduzindo a montaria da melhor maneira possível. Desviava de duelos, esquivava das espadas, saltava sobre homens caídos e acelerava o galope sempre que tinha oportunidade. Tudo isso enquanto perseguia o homem que tinha levado Riq.

Para sua sorte, o cavalo no qual estava montada parecia esperto e experiente no campo de batalha, e já sabia o que fazer mesmo antes de Sera controlar as rédeas. A maior parte das pessoas estava ocupada demais atacando ou se defendendo para prestar atenção neles, então seguiram em frente. Dak apertava tanto a barriga de Sera que estava machucando, mas era um alívio saber que ele estava por perto e a salvo. Pelo menos por ora.

Um soldado apareceu correndo, ameaçando interceptá-los. Dak gritou para que ela tomasse cuidado.

— Estou vendo! — Sera respondeu. — Usa o seu pé pra alguma coisa!

Ela sentiu Dak se mexer, inclinando-se um pouco para a direita. Então a garota se inclinou para a esquerda, mantendo o equilíbrio. Sera não entendia por que aquele sujeito tinha resolvido atacar os dois. Talvez só procurasse uma presa fácil. De qualquer maneira, ele se posicionou ao lado dos dois quando ela direcionou o cavalo para uma abertura estreita entre duas fileiras de soldados. Fazendo uma

careta que gelou o sangue de Sera, o homem sacou uma adaga e mirou para arremessá-la.

— Agora! — ela gritou.

Com um chute, Dak derrubou a faca da mão do homem e em seguida virou o pé para acertar seu rosto. Gritando obscenidades, o sujeito caiu em uma poça de lama. Dois outros soldados tropeçaram em seu corpo e foram ao chão por cima dele. Sera viu tudo de relance, mas reparou que nenhum dos três pareceu muito feliz com a situação.

Dak quase escorregou, mas conseguiu se ajeitar atrás dela. A garota sentiu sua respiração pesada quando ele voltou a se segurar.

Apesar do contratempo, eles se aproximavam de Riq. Sera instigou o cavalo a correr ainda mais depressa.



Riq, para sua própria surpresa, não estava com medo. Depois de ter passado por tantas ameaças, talvez ele enfim tivesse ficado imune ao pavor, se tornado mais durão. Foi invadido por uma onda de tranquilidade que desacelerou seu pulso, mesmo depois de ter sido jogado como um saco de batatas na montaria de um soldado inimigo. O homem que o arrancara do chão era absurdamente forte e deteve sem muito esforço as tentativas de fuga do garoto. Quando percebeu que não conseguiria escapar, Riq decidiu esperar uma oportunidade.

Ele não entendia por que fora capturado. Talvez o sujeito tivesse enxergado nele um bom prisioneiro, ou talvez imaginasse que Riq era amigo de Alexandre, já que estavam lutando lado a lado. Talvez o encarasse como um meio de fugir da batalha e salvar a própria pele.

Isso não importava. Riq não tinha a menor intenção de saber qual era o destino final do soldado. Arriscando sofrer a ira do homem, ele virou a cabeça na direção contrária à que estavam indo. Nesse momento, o cavalo pulou e Riq bateu o queixo no couro duro da

sela, mordendo o lábio e soltando um grito. O cavaleiro lhe deu um murro na altura dos rins. A dor foi intensa e agonizante.

Mas então Riq viu Sera. E Dak. Montados em um cavalo. Vindo até ele. Fazendo aquilo *por* ele.

*Meus amigos*, ele pensou.



— Estamos quase lá! — gritou Dak, sentindo cada músculo de seu corpo enrijecer. Era incrível estar montado em um cavalo como aquele, principalmente em meio a dois exércitos em duelo. A adrenalina em seu corpo parecia amplificada um milhão de vezes.

— O que vamos fazer? — Sera gritou sem se virar para ele. Dak sabia que controlar aquele cavalo exigia uma altíssima dose de concentração.

Ele não fazia ideia do que responder.

— É só chegar mais perto! Na hora eu penso em alguma coisa!

Ela resmungou alguma coisa que ele não conseguiu ouvir, mas imaginou que fosse algo do tipo “acho que vou ter que fazer tudo sozinha”. Mas aquele era o grande momento de Dak. Ele já tinha sido salvo várias vezes pelos dois amigos que, com ou sem intenção, sempre o tratavam como uma espécie de irmão mais novo pentelho. Agora era sua vez de ser o irmão mais velho.

Os sons da guerra preenchiam o ar enquanto eles se deslocavam em meio a inúmeros soldados em batalha. Era uma luta dura, difícil de observar, e Dak não fazia ideia de quem estava vencendo. No entanto, eles mantinham o rumo, desviando, esquivando e saltando o que fosse preciso. Riq estava a poucos metros de distância, a poeira levantada pelo cavalo do inimigo já roçava o focinho da montaria dos mais novos. O som retumbante do galope ecoava nos ouvidos de Dak.

E então, de repente, ele soube o que fazer. E ficou contente, pois não tinha tempo para pensar duas vezes.

— Vira um pouco pra esquerda! — ele gritou para Sera. — E chega o mais perto que puder.

Por sorte, ela não pediu mais detalhes e fez o que ele disse. Vê-la trabalhando sob seu comando, confiando nele, fazia todo aquele momento valer a pena. A não ser que ele morresse. E ele não queria morrer, de jeito nenhum.

O cavalo acelerou, emparelhando com o de Riq e seu sequestrador, que os encarou como quem encarava uma espaçonave alienígena. Ele falou alguma coisa ininteligível antes de procurar a espada na cintura, segurando Riq com a outra mão. Mas Dak não permitiria que ele sacasse a arma ou fizesse qualquer outra coisa.

Apoiando-se nos ombros de Sera, ele se agachou sobre o cavalo. O soldado segurava o cabo da espada, começando a puxá-la da bainha. Dak tomou impulso e pulou, atravessando o espaço vazio entre os dois cavalos e mergulhando de cabeça sobre o ombro do capturador de Riq. O homem escorregou, mas conseguiu se agarrar à sela, lutando para se equilibrar. Dak o envolveu entre os braços e começou a puxá-lo com todas as forças, tentando derrubar o grandalhão da montaria.

Riq estava livre, mas em uma posição desfavorável demais para ajudar. Dak notou que ele tentava sentar, mas a movimentação do cavalo sempre o derrubava de volta para a posição inicial. Dak continuava na luta, esquivando-se de socos e cotoveladas do homem. Apertando com força o peito do soldado, Dak ficou de pé nas ancas do cavalo e tomou impulso para saltar do animal.

Funcionou.

Ele e o soldado se espatifaram no chão.



Riq se contorceu inteiro e finalmente conseguiu sentar na sela vazia. Apavorado com o que poderia acontecer a Dak, ele puxou as rédeas com força demais. O cavalo empinou sobre as patas

traseiras, esperneando com as dianteiras, e Riq caiu de costas no chão.

Mas levantou logo em seguida e saiu correndo. Riq viu Dak e o soldado rolarem no chão, lutando para conseguir ficar em uma posição mais favorável. Diante de seus olhos, o homem ficou sobre Dak e o imobilizou com as pernas.

— Não! — Riq gritou, apertando o passo.

O guerreiro sacou uma adaga de um bolso secreto, ergueu-a bem alto e se preparou para acabar com a vida do menino. Riq estava longe demais. Sua garganta quase arrebentou com o grito que saiu de seus pulmões. O homem começou a baixar a arma na direção do peito de Dak.

Nesse momento, um borrão marrom passou rápido por eles acompanhado por um grito inumano de raiva.

Como num passe de mágica, o cavalo de Sera apareceu saltando na direção dos dois. Os cascos dianteiros do animal atingiram o soldado, atirando-o violentamente ao chão e fazendo a adaga voar pelos ares e cair sobre a grama. O homem ficou imóvel ao lado de Dak — morto ou desmaiado, para Riq não fazia diferença.

Ele levantou seu amigo e, buscando forças dentro de si, colocou Dak sobre o cavalo de Sera. Em seguida, também saltou sobre o lombo do animal e estendeu os braços para envolver Sera e Dak em um grande abraço.

— Vamos embora! — Riq gritou, e foi isso que eles fizeram.

## O braço direito do rei

DAK PERCEBEU QUE NÃO SABIA QUASE NADA sobre a guerra e seus horrores. Mas uma coisa ele aprendeu, a duras penas: raramente havia vencedores de verdade em meio a tantas vidas perdidas, feridos e entes queridos desolados. Mesmo assim, teve a sensação de que as tropas de Alexandre conseguiriam se espalhar pelo mundo e fazer mudanças positivas a longo prazo, apesar de todo o sofrimento que causariam. E pelo menos naquele dia eles foram bem-sucedidos em seus objetivos e combateram o ataque surpresa do exército persa.

Ele estava sentado com os amigos em torno de uma fogueira cuja fumaça dançava fantasmagoricamente no ar antes de se esvaír por uma abertura no teto da barraca de Filipe, o falecido *hegemon*. O rei agora era Alexandre, que estava sentado em um banquinho, com o olhar fixo nas chamas, provavelmente refletindo sobre as mudanças bruscas em sua vida. Ele não derramou uma lágrima por seu pai, mas seu rosto transparecia todo o sofrimento, em especial logo depois que voltou para o acampamento com Bucéfalo.

Quanto a Dak e seus amigos, cavalgaram em alta velocidade até finalmente conseguir escapar da batalha. Depois de sair do mar de soldados, eles diminuíram a velocidade e percorreram o longo caminho de volta para o acampamento, onde foram tratados com o respeito e a consideração que mereciam. Dak estava exausto e dolorido por causa de inúmeros ferimentos e arranhões. Riq e Sera

não pareciam muito melhor. Eles mal tinham aberto a boca desde que voltaram.

Mas eles saíram vencedores. Aparentemente tinham conseguido.

As Grandes Fraturas estavam todas corrigidas.

Dak estava com medo de voltar ao futuro. Uma parte dele temia encontrar um mundo digno de pesadelos, à beira do colapso e da destruição. Mas a maior parte dele — a melhor parte, pelo menos — sabia que seu sucesso era garantido. De onde vinha tanta certeza, ele nem imaginava. Mas, no fundo, ele sabia.

Entre todos eles, Aristóteles parecia em pior estado. Ele levantou com a túnica e os cabelos imundos e o rosto marcado por dezenas de pequenos cortes.

— Precisamos voltar a Corinto — ele falou. — Olímpia e Pausânias foram levados para lá, para serem julgados pelos crimes contra o antigo rei. Temos uma longa jornada pela frente. — Ele ergueu uma das mãos para silenciar. Será antes mesmo que ela dissesse alguma coisa. — Não, minha criança. Creio que já tive minha cota de viagens com o Anel do Infinito. Nossa próxima jornada será à moda antiga.

Dak gostou da ideia. E bastante. Uma viagem pela Grécia? Com todas aquelas paisagens? Seu ânimo se multiplicou por mil. Afinal, por que a pressa para voltar à sua própria época? Eles tinham todo o tempo do mundo! Ele sorriu com o pensamento que aguardava fazia muito tempo.

— O que acha do desaparecimento de seus pais? — Alexandre perguntou de repente. Ele quase nunca se pronunciava, então quando falava todos se sentiam na obrigação de lhe dar uma boa resposta. — Perturbadora, não?

Na verdade, não. Será o havia alertado de que isso poderia acontecer, o que lhe deu a oportunidade de se despedir dos pais antes que sumissem. Como estavam à deriva na corrente do tempo, eram as Grandes Fraturas que os mantinham presos no passado, saltando de uma época a outra até que a Fratura Fundamental fosse corrigida. Como isso tinha acontecido, o tecido da realidade podia se

regenerar, o que significava que anomalias poderiam acontecer, como a volta dos pais de Dak à época a que pertenciam.

Pelo menos era isso que Sera tinha dito, e Dak estava cansado demais para questionar.

— Não estou preocupado — ele disse a Alexandre, sem muita disposição para discutir as complexidades da viagem no tempo. — Meus pais sempre fizeram as coisas do jeito deles. Nós... vamos nos reencontrar logo.

O novo rei assentiu, com certeza pensando na perda dos próprios pais. No entanto, estava concentrado demais na tarefa que tinha pela frente para continuar lamentando por muito tempo.

— Admiro seu posicionamento, garoto. Gostei de você desde a primeira vez que o vi, pendurado na estátua de Platão. Que os deuses abençoem todos vocês.

Ele levantou para sair, apesar de estar na própria barraca, mas Riq o deteve.

— Espera — ele pediu. — Alex... quer dizer, majestade... Lorde *hegemon*...

Ele olhou desesperado para Dak, sem saber como se referir ao rei.

— Chama ele só de Alexandre mesmo — respondeu Dak, adorando ver seu amigo tão constrangido.

— Diga o que está pensando — o rei ordenou. — Estou cansado, preciso me preparar para as batalhas que virão.

Riq se endireitou, estufando o peito.

— Eu gostaria de me juntar ao seu exército. Lutar ao seu lado.

Dak e Sera correram até ele, despejando um caminhão de perguntas sobre o amigo. O mundo de repente voltou a parecer surreal e instável, como se as Fraturas ainda não tivessem sido corrigidas. Do que Riq estava falando?

— Parem com isso — ele pediu baixinho. Alguma coisa em sua expressão silenciou Dak completamente. Então o mais novo percebeu que não conseguiria fazer seu amigo mudar de ideia. Riq não voltaria com eles. — Vocês sabiam que isso ia acontecer. Meu futuro foi alterado, eu não posso voltar. — Ele baixou o tom de voz.

— Mas posso ter um futuro aqui e fazer alguma diferença. Esse pessoal precisa da minha ajuda. Acho que eles são bem intencionados, mas ainda têm muito a aprender sobre civilização e como respeitar outras culturas. Posso fazer muito por aqui.

— Mas... — Dak começou e se interrompeu. Sua cabeça doía. O rosto de Sera estava contorcido de tristeza. — Mas...

— Confiem em mim, certo? — Riq respondeu, estendendo o braço e apertando os ombros de Dak e Sera. — Eu preciso fazer isso.

— Mas e Kisa? — perguntou Sera. — Você pode ficar com ela e os maias.

Riq sacudiu a cabeça.

— Não. O destino dela já está traçado. E o meu é aqui. Ajudar Alexandre a mudar o mundo. E qual é o problema? Vocês têm o Anel do Infinito. Podem vir me visitar quando quiserem. *Dã*. — Ele sorriu e se virou para o rei. — Eu serei aceito, *hegemon*?

Apesar de exausto, Alexandre assumiu uma postura majestosa ao caminhar até Riq.

— Para mim é uma honra tê-lo ao meu lado. Sinceramente. E é ao meu lado que você vai estar, sempre, nos quatro cantos do planeta. Mas precisa de um novo nome... um nome *grego*. Como você é um inventor, alguém que fabrica coisas, seu nome vai ser uma homenagem a Hefesto, o deus do fogo. Deste dia em diante, você passa a ser conhecido como Heféstion. Esteja aqui amanhã cedo para planejarmos nosso próximo passo.

Alexandre saiu, deixando Riq se despedir dos amigos.

Dak não sentiu vergonha nenhuma ao abraçar seus melhores amigos no mundo e nem ao cair no choro.

## Dinossauros

SERA OLHOU PARA CIMA e se deparou com algo que jamais esperava ver: o pescoço imenso de um apatossauro. Sua boca gigantesca mastigava sem parar as folhas arrancadas de uma árvore.

Ela não estava sonhando. Aquilo era real. E tinha sido ideia de Aristóteles.

— Legal — Dak murmurou, observando a bocarra se abrir como o compartimento de carga de um avião enorme. — Legal.

Olímpia — a mãe de Alexandre III, fã de ametistas e de complôs de assassinato — estava sentada sobre uma rocha, as mãos e os pés presos por um material que, de acordo com o grande filósofo, se desmancharia em algumas horas. Ao seu lado estava Pausânias, também imobilizado, resmungando como uma criança de castigo. Sua aparência era bem desagradável. Sera estava ansiosa para voltar logo à Grécia e não precisar mais olhar para a cara do traidor.

— Como vocês têm coragem de fazer isso? — Olímpia perguntou, fria, tranquila e controlada como sempre. — Como podem continuar vivendo sabendo que nos deixaram aqui para ser devorados por esses monstros?

— Ah, não reclama — Dak respondeu, enfim desviando os olhos do enorme animal que se alimentava perto deles. — Aqui só tem herbívoros, e comida e água fresca suficientes para vocês viverem felizes para sempre. Vocês se merecem. Agradeçam por Aristóteles não ter jogado vocês na masmorra, como o *hegemon* mandou. Isto aqui é um paraíso.

Sera até se sentia *um pouco* culpada, mas Dak tinha razão. Alexandre ficou tão ultrajado com a traição de sua mãe que queria impor o mais severo dos castigos. Olímpia e Pausânias na verdade tinham se livrado do pior. Na maioria das civilizações, seu crime seria punido com a morte. Alex inclusive diria a todos que Pausânias fora executado. O novo *hegemon* não podia dar motivos para ser considerado fraco.

— Se isso te ajuda a dormir melhor à noite... — Pausânias resmungou. — Mas me expliquem por que eu vi outra versão de vocês enquanto... viajávamos para cá.

Sera quase deu risada. Ela havia errado um número ao calcular a viagem para o período pré-histórico e eles foram parar atrás dos estábulos ainda na Grécia, no dia em que voltaram no tempo para impedir que Tilda matasse Alexandre. Pensar sobre isso era confuso até para Sera; para Olímpia e seu companheiro devia ser estarrecedor.

— Vocês têm o resto da vida pra tentar entender isso — Dak respondeu. — Junto com os dinossauros, o que me deixa com um pouco de inveja para falar a verdade. Este parece um lugar bem legal. E não se preocupem, não existem tiranossauros por aqui.

— Tiranossauros? — Olímpia perguntou, perplexa.

— Esquece.

— Vamos lá — Sera chamou, posicionando-se ao lado de Dak com o Anel do Infinito. — A gente precisa se despedir de Aristóteles.

Havia mais viagens a fazer. Primeiro para a Grécia e depois para sua própria época, que estaria bem diferente, se tudo tivesse mesmo dado certo. Depois disso, talvez eles tirassem alguns meses de folga para se recuperar de todas aquelas viagens no tempo.

Dak estendeu o braço e segurou o metal frio do Anel antes de dar uma última olhada nos prisioneiros.

— Espero que tenham aprendido a lição. E não fiquem bravos com a gente. A ideia foi de Aristóteles. Ele é o chefe dos Guardiões da História, vocês sabem.

Sera adorou ver a expressão confusa no rosto de Olímpia. Ela apertou o botão e a física quântica se encarregou de levá-los para a Grécia. Para o futuro ou um passado remoto, dependendo do ponto de vista. Ela estava feliz porque logo não precisaria mais pensar nesse tipo de questão.



— Sinceramente, não sei o que dizer — Aristóteles falou, na varanda onde haviam conversado pela primeira vez. Para Dak, aquele encontro parecia ter acontecido milhares de anos antes, o que era verdade de certa forma. — Passamos por muita coisa em um período relativamente curto, e é difícil dizer adeus para bons amigos. A amizade unifica almas que vivem em corpos diferentes. No nosso caso, quatro corpos. Pelo menos poderei rever Riq, quer dizer, Heféstion, quando a guerra terminar.

Dak balançou a cabeça, também sem saber o que dizer. Estava ansioso para voltar à sua época e se certificar de que seus pais estavam bem. E de que o mundo não tinha se desfeito em mil pedaços.

Sera se encarregou de conduzir a conversa.

— E então, como vão ficar as coisas agora? Sei que esse tipo de conversa é enlouquecedor, mas agora que corrigimos todas as Fraturas... você não precisa criar os Guardiões da História. E se não fizer isso, no futuro como nós saberíamos que teríamos que voltar no tempo e... Ah, esquece.

Dak ficou contente por ela ter parado de falar. Sua cabeça estava começando a doer.

Aristóteles riu, um som incrível vindo de um homem incrível. Ele parecia mil vezes melhor do que no acampamento.

— Não se preocupe, Sera. Acho que essas coisas são mais simples do que imaginamos. A maioria das pessoas não tem nenhuma lembrança da antiga linha do tempo, apesar das memórias permanecerem lineares para vocês dois. Na verdade, vocês vão

lembrar de três linhas do tempo distintas, se incluirmos as Reminiscências.

Agora a cabeça de Dak estava doendo *de verdade*.

— Pedras na correnteza do tempo. É isso que eu sempre digo quando não entendo o que as pessoas estão falando.

Os outros dois caíram na gargalhada, principalmente Sera.

Então Aristóteles voltou a ficar sério.

— Por outro lado, agora sabemos que a história é especial e pode ser mudada, com consequências brutais. Ainda pretendo criar os Guardiões da História, uma sociedade que vai durar eras. — Ele fez uma pausa e coçou a barba comprida. Depois levantou o dedo em um gesto professoral. — Mas desta vez será um pouco diferente. Em vez de *mudar* a história, vamos *protegê-la*. Essa vai ser nossa missão, meus amigos. Proteger a história até nosso último suspiro.

Dak teve vontade de erguer a mão e mandar um “toca aqui” para Aristóteles. Em vez disso, o abraçou.

E então vieram as despedidas, acompanhadas de mais lágrimas.

## A Reminiscência final

E PARA O FUTURO ELES FORAM.

O primeiro lugar pelo qual passaram foi a sede dos Guardiões da História. Mas... ela não estava lá. Em vez disso, havia um grande milharal no lugar.

Em seguida foram para a casa de Sera. Em parte ela temia o que o novo mundo poderia lhe reservar, mas também estava ansiosa para descobrir. Dak precisou correr para acompanhá-la enquanto atravessavam o bairro.

— As coisas parecem bem... normais — ele comentou, meio ofegante.

— Pois é. Parecem mesmo. Mas é estranho ver que os Guardiões da História não existem mais.

Por outro lado, tudo parecia mais alegre, as pessoas pareciam mais contentes, as cores, mais vivas. Eles não viam nenhum sinal de destruição ou opressão.

— Aposto que eles ainda existem — afirmou Dak. — Talvez em um esquema bem menor, já que não têm mais a SQ para combater. Mas, se me permite dizer, parece que a gente recriou um planeta bem legal.

Sera deu um tapa em suas costas.

— Agora você já pode dizer o quanto quiser. Aleluia! Acho que conseguimos.

Dak devolveu o tapinha nas costas, mas sem tanta força.

— Engraçado você ter dito isso. A palavra “aleluia” teve origem em... — Ele se interrompeu e sua expressão mostrou que estava só brincando. Na verdade, Sera sentia falta do falatório do amigo sobre fatos históricos. Ela torcia para que ele reaprendesse tudo bem rápido e voltasse a ser o mesmo de sempre.

E então eles chegaram. Lá estava a casa dela. O lugar onde seu tio a criara, mas onde, em milhares de Reminiscências, parecia que seus pais surgiriam a qualquer minuto.

— Eles estão vivos — Dak falou, oferecendo seu apoio, como sempre. — Tenho certeza.

Ela assentiu e deixou o instinto lhe guiar. Os cinco minutos seguintes pareceram um sonho, as Reminiscências que tivera se materializando.

A porta da frente estava trancada.

Eles tocaram a campainha. Ninguém atendeu.

Eles contornaram a casa.

Atravessaram o quintal.

O caminho de terra.

Uma longa e onírica caminhada.

Até o celeiro atrás da casa.

As portas se abriram.

Os dois saíram.

Sua mãe.

Seu pai.

Sorrindo.

Conversando.

Rindo.

Quando os viu, Sera correu em sua direção, atravessando o gramado em uma velocidade que cavalo nenhum conseguiria acompanhar. Eles ficaram perplexos com a empolgação da filha ao abraçá-los e beijá-los, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Nossa! — exclamou sua mãe, afastando-se para observar melhor a filha. — O que deu em você?

— Eu só estava com saudade de vocês — Sera explicou. — Muita saudade.



Aquele dia parecia totalmente irreal para Dak.

Tudo mudara, mas, ao mesmo tempo, as coisas pareciam estar em seu devido lugar. Havia certa perfeição naquilo e ele sentiu uma alegria que não experimentava havia muito tempo.

Depois do incrível reencontro de Sera com a família — que, ele tinha que admitir, fora emocionante —, os dois caminharam até a casa de Dak e encontraram seus pais no laboratório, trabalhando em uns vinte projetos ao mesmo tempo. Foi um alívio vê-los sãos e salvos. Mas o que deixou Dak feliz de verdade foi saber que estavam fazendo o que mais gostavam — resolvendo os problemas do mundo, um a um.

Os Smyth e os Froste haviam se unido para criar uma empresa com a missão de pesquisar, descobrir e inventar soluções científicas práticas para problemas ambientais. O nome da empresa era Soluções em Física Quântica.

*Pois é*, pensou Dak. *SFQ*. Aquilo era o máximo.

— Dak.

Era Sera tentando trazê-lo de volta ao mundo real. Eles estavam sentados em um galho de sua árvore favorita, desfrutando do ar fresco e *limpo* enquanto tomavam um suco. Ela segurava um tablet, rolando o texto com a ponta dos dedos. Parecia algo bem interessante, a julgar pela expressão da garota.

— E então? — ele perguntou. — O que você descobriu?

— Ah, estava só lendo sobre Alexandre, o Grande. Isso mesmo, *o Grande*. E seu melhor amigo, Heféstion.

Dak ficou de queixo caído.

— Quê? Está brincando.

— Estou falando sério. Dá só uma olhada. Está na *Enciclopédia Britânica!*

Dak pegou o tablet e leu o artigo. Ele simplesmente não conseguia acreditar. Alexandre e seus exércitos tinham cruzado o mundo combatendo inimigos, mas também levando comida, conhecimento e cultura para um número incontável de pessoas. Riq — rebatizado pelo próprio Alexandre como Heféstion — havia se tornado amigo e confidente do *hegemon*. De acordo com o texto, ele estava por trás da postura respeitosa do rei em relação aos demais povos enquanto conduzia o mundo a um dos maiores saltos de progresso da história: o Império de Ferro.

Riq.

Heféstion.

O melhor amigo de Alexandre, o Grande.

Dak percebeu que estava prendendo a respiração e soltou o ar com força.

— Essa é a coisa mais legal que já li. Nosso amigo se saiu bem, hein? Grande garoto!

Sera deu risada, um som que Dak adorou ouvir. Eles se aproximaram várias vezes da ruína total. Da morte. Do fim do mundo. Era bom estar em casa de novo. Muito, muito bom.

— E então, o que vamos fazer com isso? — Sera perguntou erguendo a bolsa onde guardava o Anel do Infinito.

Dak encarou o objeto por um bom tempo, como se a resposta estivesse escondida na trama do tecido.

— Sei lá. Acho que depois que a minha cabeça parar de latejar como se tivesse sido surrada por um martelo eu podia passar alguns dias na Roma Antiga.

Sera sacudiu a cabeça.

— Eu sei que você está brincando, mas a gente não pode fazer isso de jeito nenhum. Tudo parece bem agora, então é melhor nem correr o risco de bagunçar as coisas.

— O que você está sugerindo, então? Destruir o dispositivo? Como Riq fez com o Anel da Eternidade de Tilda?

— Não, não. Sem chance. Quem sabe o que pode acontecer no futuro? Ou... no passado?

— Pois é — concordou Dak. — Agora está tudo bem, mas nunca se sabe. Precisamos proteger o Anel.

Sera deu de ombros.

— Acho que dá para embrulhar em um plástico, pôr em uma caixa e enterrar. Vamos viver uma vida normal por um tempo. O que você acha?

— Acho infinitamente sensacional.

Eles ficaram em silêncio por um momento, ouvindo os pássaros, o vento e o farfalhar das folhas. O galho da árvore oscilava de leve, deixando Dak sonolento. Seria bom tirar um cochilo sem se preocupar com o fim do mundo.

— Foi divertido, né? — Sera disse por fim.

Dak olhou para ela. Sua melhor amiga.

— Foi mesmo. Não que eu queira passar por tudo isso de novo...

— Eu também não. Mas nunca esquecerei do que fizemos.

— Salvar o mundo? — questionou Dak.

— Pois é, salvar o mundo. Fico feliz que tenha sido com você.

Ela sorriu e Dak decidiu não dizer mais nada. Para certas coisas, nunca haveria palavras suficientes.



## Epílogo

### *Metal dourado*

TILDA DEFINHAVA, toda encolhida em um canto imundo de um beco. A majestosa Atenas fervilhava ao redor, e ninguém parecia notar a triste figura cujos cabelos outrora brilhavam como fogo, mas no momento pareciam murchos e sem vida, como as brasas de uma fogueira apagada.

Estava com frio apesar do calor ao redor; faminta, apesar de ter acabado de devorar um rato. Estremecendo, ela encostou na parede e chorou. Fazia isso todos os dias, por desgosto e por ódio do mundo. Dos Guardiões da História. Daquele garoto. Daquela menina. Daquele outro garoto.

Aquilo tudo era culpa deles. Eles causaram sua ruína. Destruíram seu futuro.

Ela os odiava demais.

Mas não fazia mais diferença. Estava tudo acabado. Apesar de não ser uma boa perdedora, ela sabia que fora derrotada. A SQ não existia mais.

Sendo assim, ela esperaria.

Ficaria aguardando a morte.



Mas a morte não veio.

Naquela noite, um clarão surgiu ali perto, acompanhado de faíscas e de barulho de trovão. O vento soprava forte no beco, levantando folhas secas e lixo, maltratando seu corpo. Mas de repente ficou escuro, como se ela tivesse sido atirada em um calabouço. Assustada, tentou se encolher em um canto mais distante.

A sombra de um homem apareceu diante dela. Demorou um pouco, mas seus olhos se ajustaram à escuridão e ela conseguiu vê-lo, imóvel e silencioso. Era careca e tinha cicatrizes horrorosas no rosto. Usava uma túnica com um capuz jogado sobre os ombros. Um de seus olhos estava em péssimo estado, mas ela não conseguia identificar direito por quê.

— Quem é você? — Tilda perguntou com a voz rouca, sentindo a garganta seca como um osso bolorento.

O homem se ajoelhou ao lado dela. Aquele olho. Agora ela conseguia ver claramente. Estava vermelho e inchado, como se estivesse sendo corroído por uma doença.

— Meu nome não importa — ele respondeu com a voz grave. — Sou descendente de Ilsa, e esse é o único nome que vou dizer.

— Ilsa? — repetiu Tilda.

— Sim. Tenho uma coisa para você.

O homem sacou da roupa um objeto de metal dourado, que reluzia mesmo sob a luz fraca. Tilda reconheceu seu formato — o símbolo do infinito. Seu coração acelerou, tomado de tamanha alegria que ela pensou que fosse morrer de emoção ali naquele beco.

— O que... Como? — ela perguntou, em um estado de confusão mental que ameaçava destruir a alegria que sentiu ao ver o dispositivo.

O homem voltou a falar em um tom de voz tranquilo:

— Ilsa ordenou que seus descendentes estudassem ciência, descobrissem uma forma de viajar no tempo. E nós conseguimos. E você, Tilda, *você* é nossa primeira missão. Fui mandado aqui para te buscar.

Ele estendeu a mão e a ajudou a levantar. Seu toque transmitia um calor que Tilda não sentia havia muito tempo.

— Obrigada — ela falou, atordoada demais para dizer qualquer outra coisa.

— Vamos — ele chamou, entregando-lhe o dispositivo dourado. — Precisamos que você nos mostre o caminho.

JAMES DASHNER é autor de diversos best-sellers e já publicou muitos livros para crianças e jovens, incluindo as séries Maze Runner e 13ª Realidade. É autor também do primeiro volume de Infinity Ring. Nasceu em 1972, na Geórgia, nos Estados Unidos, e atualmente vive com a família nas Montanhas Rochosas. Em seu tempo livre, James adora ler, assistir filmes e esquiar.

Copyright © 2014 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,  
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da  
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou  
em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Iron Empire

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Michael Heath

DESIGN DE CAPA E MIOLO Keirsten Geise

ILUSTRAÇÃO DE MIOLO Jim McMahon © Scholastic Inc.

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0344-9



Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Prólogo](#)

[1. Os olhos do cavalo](#)

[2. Uma conversa com Abe](#)

[3. O chão da floresta](#)

[4. Um desafio e tanto](#)

[5. Filho de um deus](#)

[6. O hegemom](#)

[7. Um soco](#)

[8. Confusão na escadaria](#)

[9. Atrás das grades de novo](#)

[10. Conversa com o criador](#)

[11. Píton interrompe outra vez](#)

[12. Em apuros](#)

[13. Os jardins de Olímpia](#)

[14. Um trono dourado](#)

[15. Lição aprendida](#)

[16. Visita](#)

[17. Conferência entre amigos](#)

[18. Uma dança na grama](#)

[19. Saindo de cena](#)

[20. O pergaminho amassado](#)

[21. Palavra de Aristóteles](#)

[22. Amordaçados e arrastados](#)

[23. Uma tarefa tediosa](#)

[24. Duas escolhas ruins](#)

[25. Um acampamento grande demais](#)

[26. O som da guerra](#)

[27. A fúria da guerra](#)

[28. Para os cavalos](#)

[29. Um mar de guerra](#)

[30. O braço direito do rei](#)

[31. Dinossauros](#)

[32. A Reminiscência final](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)